



ALERTA DE SAÚDE

Excesso de peso atinge 111 mil crianças de zero a 9 anos na PB

Condição está ligada ao consumo de ultraprocessados e amplia o risco de diabetes e hipertensão. **Página 6**

Foto: Julio Cezar Peres



Ações das Forças de Segurança visam tranquilidade nas festas juninas

Plano de atuação da Operação São João 2026, que contempla atividades do Litoral ao Sertão, reúne cerca de dois mil agentes das polícias Militar e Civil, além de profissionais de outros setores. Uso de câmeras, drones e suporte aéreo dá mais segurança a paraibanos e turistas. O investimento é de R\$ 35 milhões do Governo do Estado.

Página 7

Vaquinhas virtuais já podem ser usadas para arrecadar verbas de campanha

Liberados desde 15 de maio, os financiamentos coletivos visam democratizar o acesso a recursos pelos candidatos.

Página 13

Famílias investem em bem-estar sem esquecer de equilibrar as contas

Na quarta e última reportagem da série *Custo de Vida*, os paraibanos contam como mantêm o lazer diante do aperto financeiro.

Página 17

Paraíba mostra força no futebol com a presença de talentos na Copa do Mundo

Quatro nomes do estado estiveram em edições anteriores do Mundial. Matheus Cunha e Douglas Santos são os enviados do ano.

Página 21



Foto: Leonardo Arieli

Pré-candidato ao Senado, João Azevêdo analisa os desafios do cenário

Entrevista é a primeira de uma série que A União fará com os nomes que pretendem disputar uma vaga no Congresso Nacional.

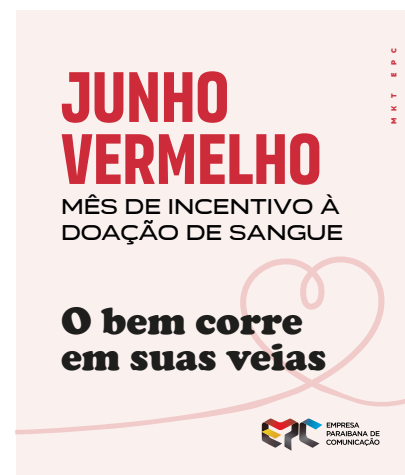
Página 4

Descarte incorreto de figurinhas da Copa provoca risco ambiental

Produto gera um resíduo difícil de reciclar, que precisa receber tratamento especializado para a correta destinação.

Página 8

Foto: Carlos Rodrigo



■ “Na página que volta a escrever nas primeiras semanas de luto, o confrade José Octávio realça que todo mundo era amigo de Amável Maria”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Correio das Artes

Suplemento reverencia a vida e a obra de Irene Dias Cavalcante

Perto de completar 100 anos, a escritora e poeta, que rompeu com os grilhões do conservadorismo, relembra episódios trágicos e pioneiros da sua trajetória pessoal e literária.



■ “A estrutura do texto [de *Macunaíma*] mistura lendas indígenas, folclore e crítica social com uma linguagem experimental e urbana”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “Começaram, então, a surgir os convites logo aceitos para gravarem inúmeros jingles publicitários, inclusive de natureza política”.

Professor Francelino Soares

Página 27

Editorial

Imprensa livre e ética

Albert Camus, em determinado momento falou: “Uma imprensa livre pode, é claro, ser boa ou ruim, mas, certamente, sem liberdade, a imprensa nunca será outra coisa senão ruim”. Essa frase dá o tom de hoje, escolhido para ser o Dia Nacional da Liberdade de Imprensa, data cuja função, dentre outras, é reafirmar o direito da sociedade à informação livre, plural e independente, bem como à prática jornalística ética, princípios fundamentais das democracias.

Em tempos de circulação acelerada de notícias, disputas políticas intensas e disseminação de desinformação, sobretudo nas redes sociais, defender a liberdade de imprensa tornou-se um compromisso ainda mais necessário. Sem jornalismo livre não existe transparência pública, fiscalização do poder ou garantia plena da cidadania. É por meio de uma prática jornalística séria, voltado ao interesse coletivo, que denúncias de corrupção vêm à tona, abusos são investigados e problemas sociais passam a ganhar visibilidade.

Resguardar a liberdade de imprensa, no entanto, não significa defender ausência de responsabilidade. Em tempos de *fake news*, nas quais informações falsificadas circulam nas plataformas digitais contribuindo para a desconfiança generalizada e para o enfraquecimento do debate público, o trabalho jornalístico profissional, ancorado na apuração rigorosa, na verificação dos fatos, no respeito aos princípios legais e no combate à desinformação ganha ainda mais importância, sobretudo em um mundo onde as redes sociais podem ser utilizadas tanto para democratizar a produção de conteúdo quanto para disseminar conteúdos maldosamente manipulados e discursos de ódio.

Em paralelo, o exercício dos profissionais da Comunicação, enfrenta inúmeros percalços. Jornalistas, cotidianamente, são alvo de ameaças, perseguições, agressões e tentativas de intimidação. Resquícios e reatualizações de um período autoritário da história nacional, não muito distante, em que jornais, rádios e emissoras sofriam censura, perseguições e restrições severas. Dessa forma, tanto a violência contra profissionais da imprensa quanto a perseguição a meios de comunicação não atingem apenas indivíduos, pois representam um ataque direto ao direito da população de ser informada.

Por isso, fortalecer a prática de um periodismo profissional continua sendo uma necessidade social, e valorizar a imprensa livre significa defender o acesso a informações confiáveis que estimulam o pensamento crítico e protegem o Estado Democrático de Direito.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O legado de Paulo Pontes em 1968

Paulo Pontes voltou à Paraíba em 1967, após deixar o Grupo Opinião, no Rio de Janeiro, onde atuou por três anos ao lado de Vianinha e Armando Costa. Nesse período, ele acumulou uma rica experiência, não apenas pela convivência com grandes nomes da dramaturgia brasileira, mas também pela necessidade urgente de adequar a expressão artística dos palcos aos novos tempos impostos pela Ditadura Militar. O cenário político exigia dos artistas maior criatividade, transformando o teatro em um canal inteligente de manifestação contra o inconformismo predominante, tudo isso sem que os censores conseguissem impedir a comunicação com o público e a transmissão de valores essenciais para a conscientização política.

A peça *Paraibê-a-bá* nasceu, justamente, da preocupação de Paulo Pontes com o desinteresse do público local pela arte teatral. O dramaturgo idealizou um espetáculo que retratasse a realidade, os costumes, as tradições, os fatos e as personalidades da cultura paraibana. Para dar solidez à obra, o texto incorporou dados estatísticos, econômicos e informações históricas, utilizando poemas, canções e trechos de romances célebres de autores do estado. O objetivo central era colocar o homem paraibano em cena, explorando temáticas profundas como a miséria, a seca, a fome e a migração.

Para tirar o projeto do papel e construir o roteiro, Paulo Pontes convocou padre Chico Pereira, Altimar Pimentel, Jomar Souto e João Manoel de Carvalho. O grupo colheu depoimentos da intelectualidade paraibana e baseou-se em grandes obras literárias locais, com destaque para *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, selecionando o que havia de melhor na literatura, no teatro e na música do estado.

Coordenado por Pontes, o espetáculo contou com Rubens Teixeira e Elpidio Navarro na direção cênica, enquanto a direção musical ficou sob a responsabilidade de Arlindo Teixeira e Pedro Santos. O elenco destacava nomes como Sérgio Tavares, Ednaldo do Egypto, Jomar Souto, Roosevelt Sampaio, Walderedo Paiva e Márcia Guedes Pereira, considerada a melhor in-

térprete da música popular brasileira na Paraíba daquela época. O coral da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também teve uma participação especial, cedido pelo escritor Juarez Batista, então diretor do departamento cultural da instituição.

A montagem da peça foi concluída em janeiro de 1968. A estreia, contudo, ocorreu no início de fevereiro, no Rio de Janeiro, durante o V Festival Nacional de Teatro Amador. O fato gerou certo descontentamento na Paraíba, pois parte do público não compreendia por que um espetáculo essencialmente paraibano estrearia fora de seu território. Além disso, a produção enfrentou as tradicionais barreiras da Censura Federal para conseguir sua liberação.

Apesar dos obstáculos, o sucesso foi estrondoso: o público carioca reagiu com entusiasmo e a peça conquistou o terceiro lugar no festival. Na Paraíba, a temporada estreou em 16 de fevereiro de 1968, no Teatro Santa Roza. O espetáculo permaneceu em cartaz por 30 dias, quebrando recordes de bilheteria e gerando imensas filas para a compra de ingressos.

Paraibê-a-bá tornou-se um marco na história do teatro nordestino. Pela sua contribuição ao novo pensar cultural da região, o ano de 1968 consagrou-se como o momento exato para o surgimento de um espetáculo com uma mensagem tão visceral, crítica e necessária à realidade política e social da época.

“

A peça *Paraibê-a-bá* nasceu justamente da preocupação de Paulo Pontes com o desinteresse do público local pela arte teatral

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Olhares do passado

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Painho, mainha morreu!

Foi o que li, nessa última quarta-feira (3), ao abrir a página para chegar de espírito aberto à bem-humorada crônica semanal de Luiz Augusto de Paiva e me deparar com o imprevisto já um mês depois de ocorrido.

José Octávio, saindo do estilo do expositor, do articulista veterano, muda de tom, o comentário semanal transmutado numa elegia a Amável, Amavel Maria, nome feito para sua exclamação, esposa e companheira durante cinquenta e seis anos de vida em comum, onde estava um vendo-se os dois. E despreguei-me do tempo e do jornal, ao me confrontar com a notícia e o modo como pai e filho se viram partidos.

De jornal largado às pernas, entra-me de sala adentro, aqui nos Expedicionários, o salão burocrático do Palácio de fins dos 1950, naquele mesmo cenário que tentei reviver com outra funcionária, Ismália Borges, a regente do expediente lembrada nas *Notas do meu lugar*, meu primeiro livro de vivência com a cidade e sua gente. Não lembra, agora, naquela fase cerimoniosa ambientada no Palácio, se esse rosto fiel às mesmas feições já pertencia a seus quadros. Certamente que não, dada, entre nós, a grande diferença de idades. Mas vem dessa convivência no trabalho, cerceada em nossos passos pela solenidade do ambiente em que nos conhecemos, jovens de outras serranias, advindos do interior. Pouco depois, conquistei a amizade de Miguel Targino, seu irmão, chegado de Araruna e hóspede como eu do quarto que a API e José Leal reservava para os jornalistas visitantes. Ocupávamos indebitamente, eu por ser tesoureiro e Miguel por vir da terra de minhas primeiras grandes amizades sedimentadas no Pio XI de Campina, José Moura e Tota dos Carneiro da Cunha.

Na página que volta a escrever nas primeiras semanas de luto, o confrade José Octávio, entres as demais virtudes, realça comovido que todo mundo era amigo de Amável Maria, “beneficiário do seu companheirismo de amizade

“

Despreguei-me do tempo e do jornal, ao me confrontar com a notícia e o modo como pai e filho se viram partidos

e amor.” E linhas adiante: “Tinha a qualidade de não alimentar ódios” e “Não apoiava meus destemperos”.

É sobretudo nisso, creio que conservo da jovem funcionária de Palácio a dívida de seu apego ao bom relacionamento. Não deve ter sido uma nem duas vezes que pôde interceder nos nossos “destemperos”, meus e de José Octávio, ele membro de uma família que me fez cruzar os seus batentes como se fosse um contrâneo ou mesmo a ela pertencesse. Era a casa de d. Otília, na Santos Dumont, família que não havia nome que não a ilustrasse, desde Inalda de Arruda Mello com quem me defrontei numa mesa de Liceu para convalidar os dois anos de ginásio que eu trazia na bagagem de retirante. Família sem anônimos, a partir do chefe, Doutor Arnaldo, integrante da equipe de agrônomos que deu nome à Paraíba na produção de qualidade do seu algodão, da sua pecuária e, dependesse da sua intervenção na nossa agricultura, estaríamos em outro patamar na fruticultura nordestina.

Com atraso, peço desculpas à família por não ter chegado em tempo com o pesar que não se encerra no aperto de mãos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Fotos: Leonardo Arel

Assistência aos cidadãos que tiverem problemas ao acessar algum serviço on-line está à disposição em dois locais na capital

PARAÍBA DIGITAL

Balcão já realizou cerca de 10 mil atendimentos

Unidades do Governo do Estado oferecem mais de 700 serviços pela internet

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

Os paraibanos conseguem acessar mais de 700 serviços do Governo do Estado sem sair de casa, apenas usando a internet. O que para muitos é sinônimo de praticidade, porém, pode acabar gerando dificuldade para outros, visto que nem todos os cidadãos têm acesso à internet ou o conhecimento necessário para lidar com a tecnologia. Pensando nisso, o Balcão Paraíba Digital foi inaugurado em novembro do ano passado, para fornecer assistência aos cidadãos que tiverem problemas ao acessar algum serviço on-line. Desde então, já foram realizados cerca de 10 mil atendimentos, uma média de 96 por dia.

“O Balcão Paraíba Digital faz parte da política de organização e transformação digital do nosso estado. Com ele, as pessoas terão facilidade ao acesso de direitos, informações e serviços públicos. E isso impacta diretamente a vida das pessoas, através de melhoria no acesso, facilidade maior ao acesso daquela devida informação, maior transparência, inclusão digital, como também economia de tempo”, afirmou o secretário de Estado da Administração, André Freitas.

Atualmente, o balcão funciona em dois locais. A unidade da Casa da Cidadania do Shopping Tambiá, em João Pessoa, foi a primeira a ser inaugurada e funciona das 8h às 17h, de segunda a sexta-feira. A segunda unidade do balcão começou a funcionar em fevereiro passado, no Protocolo da Secretaria de Estado da Administração (Sead), no Centro Administrativo Estadual, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, das 8h às 16h30, também de segunda a sexta-feira.

Para ser atendido, o cidadão precisa apresentar um documento com foto, que pode ser físico ou digital, e também estar com um celular do tipo smartphone, pelo qual os servi-

ços serão acessados.

Entre os principais serviços oferecidos, estão a criação e recuperação de conta Gov.br, além de aumentar o nível da conta de prata para ouro, o que dá acesso a muito mais serviços governamentais. No local também é possível acessar os serviços digitais do Governo da Paraíba, receber orientação sobre uso de ferramentas e serviços digitais e, no caso do balcão instalado no Protocolo da Sead, também é possível obter apoio no uso do Portal do Servidor.

As unidades do Balcão Paraíba Digital oferecem internet wi-fi gratuita e de qualidade para que os cidadãos consigam realizar os procedimentos necessários para cadastros, atualização de informações e solicitação de serviços públicos governamentais.

O padreiro Jocemar Felipe Gonzaga usou o serviço pela primeira vez nesta semana para recuperar a senha do Gov.br e ficou muito satisfeito com o atendimento rápido. “Eu esqueço muito a minha senha do Gov.br. Da outra vez,



Eu esqueço muito a minha senha. Da outra vez foi em Santa Rita e eu consegui recuperar. Aqui em João Pessoa é a primeira vez

Jocemar Felipe Gonzaga

foi em Santa Rita e eu consegui recuperar; aqui [na Casa da Cidadania, em João Pessoa] é a primeira vez. Foi rapidinho mesmo, *show de bola*”, disse.

Já a professora Lindinalva Chaves Correia contou que usa o serviço com frequência, por ter dificuldade em memorizar as senhas e lidar com o aplicativo Gov.br. “Eu estou sentindo dificuldade de gerar o código, aí eu venho pra cá. E porque eu esqueci a senha também. Quando eu estou em casa e



Abençoadas essas pessoas para ajudar quem sente dificuldade. Eu fico muito grata de ter

Lindinalva Chaves Correia

sou eu que vou fazer, dá errado. Não conseguia entrar e só consegui aqui. Abençoadas essas pessoas para [ajudar] quem sente dificuldade. Eu fico muito grata de ter”, comentou ela sobre o serviço.

Maior procura

De acordo com os registros de atendimento, os serviços mais demandados são o agendamento para solicitar a Carteira de Identidade Nacional (CIN) e também recuperação de senha, desativação da verificação em duas etapas e alteração de dados no Gov.br.

Os registros também mostram que os principais motivos pelos quais os cidadãos precisam de recuperação de senha são: esquecer a senha; mudar de aparelho celular; celular novo; roubo/furto do celular; quebra do celular; e-mail cadastrado desatualizado ou inacessível; bloqueio da conta por várias tentativas incorretas; conta vinculada a dados antigos ou inconsistentes.



Por meio do QR Code, veja como recuperar a senha do Gov.br

Saiba Mais

■ O Balcão Paraíba Digital é uma iniciativa do Governo da Paraíba, com apoio do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) para a solução Gov.br, voltada à ampliação do acesso aos serviços públicos digitais, com foco na inclusão e cidadania digital. É um espaço físico de atendimento presencial assistido e de ajuda, onde o cidadão pode acessar e resolver demandas relativas a serviços digitais do Governo da Paraíba e do Governo Federal. O balcão objetiva promover inclusão digital e autonomia do cidadão, garantindo que todos consigam acessar serviços públicos de forma prática, segura e eficiente. O Balcão Paraíba Digital está em fase de expansão com a implantação de novas unidades na Região Metropolitana de João Pessoa ainda em 2026.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O direito de errar

Hoje acordei sem assunto. Olhei para o papel em branco e ele me devolveu um branco maior. Foi quando me lembrei do amigo William Costa, jornalista daqueles que ainda usam o lápis atrás da orelha, e sua frase lapidar: “Quem aspira ser aprendiz de cronista deveria ter o direito constitucional de perambular pela cidade”.

Direito constitucional. Imagine só. Não a liberdade de ir e vir, essa já temos, ao menos no papel, mas o direito de vagar. De andar sem destino, de se perder de propósito, de fazer do trajeto o próprio texto.

Foi assim que saí de casa. Sem celular para avisar onde estaria, sem relógio para lembrar que horas são. Apenas com minha bota militar (como qualquer banger que se preza) e os olhos desarmados.

O italiano Francesco Careri, que escreveu aquela preciosidade chamada “Walkscapes”, diz que o caminhar é um ato estético primeiro. Antes mesmo da pintura, da poesia, da música, o homem já andava. E, ao andar, transformava o espaço. Não construía casas ou muralhas, mas percursos. A linha que se desenha no chão é a primeira forma de dar sentido ao caos. O *flâneur*, para Careri, não é apenas um observador; é um operador estético que modifica a cidade com cada passo.

Pois bem. Desci a rua de minha casa. Ali, onde os passos afundam um pouco, tanto pé já pisou. Olhei para o chão e tentei imaginar Machado de Assis perambulando dali até o um gigante canteiro de obras, onde novos apartamentos estão sendo construídos. Será que ele tinha um direito constitucional? Ou apenas o hábito que é a constituição secreta dos cronistas?

Na esquina, uma senhora discutia com o feirante sobre o preço da laranja. Ele dizia: “É a guerra, dona.” Ela retrucava: “É a safadeza, seu Jorge”. Nenhum dos dois sabia, mas estavam encenando um dos dramas mais antigos do mundo: o dissenso entre valor e necessidade. Se eu tivesse ido de carro, teria visto dois bonecos gesticulando. À pé, ouvi as vírgulas da irritação, o ponto e vírgula do silêncio que ela fez antes de pagar e o ponto final do troco dado com desdém.

Careri chama isso de “deriva”, não a deriva de quem está perdido, mas a deriva de quem se entrega à cidade como se ela fosse um poema inacabado. Cada esquina é uma cesura. Cada vitrine, uma estrofe. Cada semáforo, uma pausa obrigatória para que o cronista respire e anote mentalmente.

Passei por um grafite novo num muro cego. Um peixe voador sobre um asfalto seco. O artista, que ninguém sabe quem é, entendeu do ato estético mais do que muitos críticos: para ver o peixe voar, é preciso parar. É preciso estar a pé. A velocidade do carro transforma tudo em borrão; a pressa é a inimiga número um da crônica.

E então me ocorreu: perambular é um ato de resistência. Numa cidade que nos quer eficientes, produtivos, que nos empurra de um ponto A a um ponto B com a urgência de quem tem medo de perder o próximo compromisso, o simples gesto de andar sem ir a lugar nenhum é uma pequena revolução. É dizer: o tempo é meu. O asfalto é meu poema. O barulho do ônibus é minha sinfonia.

No caminho de volta, parei numa banca. Comprei um jogo de canetas Bic e um caderno brochura. O jornaleiro, desses que sabem o nome de cada frequência, perguntou:

- Vai escrever o quê?
- Uma crônica — respondi.
- Tem assunto?

Pensei. Olhei para a rua, os carros parados no sinal, a moça que amarrava o cadarço, o cachorro que cheirava o poste, o casal que ria de algo que só eles ouviam.

— Acho que sim — disse. Acabei de encontrar. Estava na esquina, naquela discussão da laranja.

Ele riu. Guardei o troco. E pensei: o direito constitucional de perambular não está na Constituição, é verdade. Mas está em cada um de nós que ainda insiste em sair de casa sem saber exatamente por quê, apenas com a fé de que a cidade, se andada com paciência, sempre entrega um assunto.

E entregou. Como entregou hoje. Como entregará amanhã, se eu tiver sabedoria para calçar os sapatos e a coragem de não levar o celular. Como afirmou Careri, errar é preciso.

Colunista colaborador

João Azevêdo

Pré-candidato do PSB ao Senado Federal

“Nosso governo foi capaz de incluir mais pessoas no processo de desenvolvimento”



Foto: Leonardo Arnel

Em entrevista, ex-governador faz um balanço da gestão e diz que pretende levar sua experiência ao Congresso Nacional

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Engenheiro civil, professor e gestor público, o ex-governador João Azevêdo construiu a sua trajetória política a partir da administração pública e do planejamento técnico. Nascido em João Pessoa, atuou na docência no Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Exerceu também funções estratégicas nas áreas de infraestrutura, recursos hídricos, meio ambiente, ciência e tecnologia, consolidando uma carreira marcada pela gestão de projetos.

À frente do Governo da Paraíba por dois mandatos consecutivos e como ex-presidente do Consórcio Nordeste, ampliou a atuação no debate federativo e no desenvolvimento regional. Sob sua liderança, o estado alcançou destaque nacional por equilíbrio fiscal, capacidade de investimento e modernização da gestão pública.

Atual presidente estadual do Partido Socialista Brasileiro (PSB), Azevêdo confirma a pré-candidatura ao Senado Federal nas eleições de 2026, preparando-se para um novo ciclo na vida pública. Nesta entrevista — a primeira de uma série que o jornal **A União** fará com os pré-candidatos da Paraíba ao Senado —, João Azevêdo faz um balanço da gestão, analisa os desafios do cenário nacional e explica por que pretende levar sua experiência de gestor e de articulação política para o Congresso Nacional.

Entrevista

■ O senhor encerra o ciclo como governador da Paraíba com aprovação acima dos 60%. A que atribui esse reconhecimento popular?

Na verdade, tenho uma alegria grande de hoje, já fora do governo, poder caminhar pela Paraíba e constatar aquilo que a gente vem dizendo ao longo dos últimos anos: verdadeiramente fizemos um governo de entregas, que procurou entender as demandas da população e atender, da maneira mais rápida possível, aquilo que estava dentro das condições do Estado. Tivemos avanços significativos na saúde, na educação, investimentos importantes na construção de equipamentos que vão desde creches, escolas, até a ampliação da rede hospitalar. Tenho a impressão, sem nenhuma pesquisa, apenas como sentimento, que tivemos condições de fazer uma entrega muito grande na Paraíba. Por isso, eu acredito que existe essa aprovação do nosso governo: porque foi um governo de inclusão, que fez com que as pessoas se sentissem cada vez mais protegidas.

■ A revista *Forbes Portugal* o definiu como “o engenheiro que quer redesenhar o Brasil a partir do Nordeste”. Como recebeu esse reconhecimento?

Com muita alegria. Trata-se de um reconhecimento vindo de uma publicação extremamente importante, resultado de uma conversa que tivemos em Portugal, onde foi feito um levantamento de tudo o que aconteceu e do que está acontecendo na Paraíba. Diante dos posicionamentos que apresentamos, dentro daquilo que entendo ser a função não apenas do governador, mas também de quem defende o fortalecimento regional, mostramos a importância do Nordeste. Temos uma entidade que faz muito bem à região, que é o Consórcio Nordeste, do qual tive a honra de ser presidente. Por meio dele, demonstramos que o Nordeste pode — e já está fazendo isso — puxar o crescimento do Brasil. Nossas potencialidades são enormes em energias renováveis, turismo, pesquisa e inovação.

Tudo isso permite que o foco do desenvolvimento brasileiro se volte cada vez mais para o Nordeste. O que discutimos nessa entrevista com a *Forbes* foi exatamente isso: a convicção de que é possível promover o desenvolvimento do Brasil a partir do fortalecimento e do desenvolvimento da Região Nordeste.

■ Projetos como o Paraíba TechHub, em Lisboa, e o Polo Turístico Cabo Branco estão transformando o estado na “nova queridinha” do turismo no Brasil. Acredita que conseguiu inserir a Paraíba na vitrine do mercado global?

Essa é uma luta que ainda precisa avançar mais. Mas, a partir do momento em que elevamos a divulgação da Paraíba a um patamar completamente diferente, especialmente no turismo, demos um passo muito importante. Quando tiramos do papel projetos como o Polo Turístico Cabo Branco, colocamos a Paraíba em uma condição extremamente favorável para atrair turistas e investimentos. O potencial turístico do estado é muito grande e está começando a ser explorado de forma mais ampla. Nosso trabalho foi levar a Paraíba para os quatro cantos do mundo. Tivemos a oportunidade de produzir seis programas de 20 minutos sobre o estado, por meio da Record Internacional, em Lisboa, exibidos em 156 países. Isso deu uma visibilidade muito significativa à Paraíba. Conseguimos atrair grupos internacionais, como empresas espanholas instaladas no Polo Turístico Cabo Branco e o grupo português Vila Galé, que está construindo um hotel cinco estrelas no Centro Histórico de João Pessoa. Isso só foi possível porque a Paraíba oferece segurança ao investidor — é um estado com gestão fiscal equilibrada, que honra seus compromissos e mantém suas contas em dia. Além do turismo, buscamos inserir a Paraíba em um cenário internacional de tecnologia e inovação. Projetos como o Radiotelescópio Bingo, a Cidade da Astronomia e o Centro Internacional de Computação Quântica colocam

o estado em posição de destaque nessa área.

■ A Paraíba conquistou nota A do Tesouro Nacional por cinco anos consecutivos e classificação Triple A pela S&P Global Ratings. Como foi possível reverter o déficit de R\$ 350 milhões herdado em 2019 e, ao mesmo tempo, ampliar investimentos em obras, saúde e educação?

Eu sempre digo que isso é gestão. É resultado de um time de governo comprometido em fazer o que é certo, cortar custos, reduzir despesas de custeio e tornar o Estado mais eficiente. Quando você reduz gastos administrativos, consegue liberar recursos para aquilo que é a função maior do Estado: promover desenvolvimento, cuidar das pessoas e abrir oportunidades. Toda gestão começa pela organização interna. Assim como uma família precisa equilibrar receitas e despesas para ter tranquilidade financeira, o Estado também precisa manter contas em ordem. Quando se consegue esse equilíbrio, cria-se condições para investir e planejar o futuro. Foi isso que fizemos. Herdamos um déficit de cerca de R\$ 350 milhões em contas a pagar, mas, ao longo do tempo, conseguimos absorver esse passivo por meio da redução de custos, do fortalecimento da arrecadação e da organização das finanças públicas. O resultado foi a construção de uma situação fiscal sólida, que permitiu ao Estado ampliar investimentos em áreas essenciais e, ao mesmo tempo, deixar uma disponibilidade de caixa importante para garantir a continuidade das obras, dos serviços e dos projetos em andamento.

■ Na saúde, o Estado investiu R\$ 1 bilhão acima do limite constitucional de 12%, criando programas como o Opera Paraíba e o Coração Paraibano. Esse modelo de descentralização da alta complexidade está consolidado?

Não tenho dúvida. Durante muitos anos, a alta complexidade ficou concentrada em João Pessoa e, posteriormente, em Campina Grande. Nós mudamos essa lógica ao levar equipamentos, profissionais e serviços especializados para o interior. O Centro de Hemodinâmica de Patos é um exemplo disso. Também avançamos com programas como o Coração Paraibano, o Opera Paraíba e o Paraíba Contra o Câncer. O Opera Paraíba já realizou mais de 250 mil cirurgias e ajudou a enfrentar um problema histórico de longas filas de espera. Além dos programas, o estado ampliou hospitais regionais e implantou novas unidades, como Hospitais da Mulher e o Hospital de Trauma do Sertão. O objetivo é garantir que o cidadão seja atendido perto de casa, sem precisar se deslocar para os grandes centros.

■ Após uma trajetória marcada pela gestão pública, o que o motiva, agora, a disputar uma vaga no Senado Federal?

O Senado representará uma nova fase: a de fazer política no parlamento. O Senado é a Casa de representação dos estados e tem um papel fundamental na definição das grandes políticas de desenvolvimento do país. O que me proponho, se

a população da Paraíba permitir, é levar para Brasília discussões sobre temas que realmente impactam a vida das pessoas. Infelizmente, a discussão no Congresso Nacional tem sido pautada muito mais pela disputa de poder do que por grandes projetos de desenvolvimento. Pretendo levar para o parlamento federal a experiência acumulada em mais de 40 anos de planejamento técnico para debater o crescimento econômico e a redução das desigualdades. Além disso, pelos anos em que estive à frente do Consórcio Nordeste e em constantes reuniões com governadores, entidades e bancos financiadores, acumulei um conhecimento profundo sobre a nossa região. Acredito que o Nordeste tem um potencial gigante para puxar o crescimento do Brasil, e o Senado precisa trocar as disputas políticas por propostas reais, palpáveis e transformadoras.

■ O legado da sua gestão será sua principal credencial eleitoral?

Sim, nosso governo foi capaz de produzir entregas, de transformar vidas e de incluir mais pessoas no processo de desenvolvimento e geração de riqueza. A Paraíba registrou taxas de crescimento do PIB acima das médias do Nordeste e do Brasil, além de apresentar crescimento econômico em 97% dos seus municípios. Também alcançamos o melhor Índice de Progresso Social [IPS] do Norte e Nordeste e um dos melhores do país, ao mesmo tempo que criamos um ambiente favorável aos negócios, capaz de atrair bilhões de reais em investimentos privados para o estado. Tudo isso se refletiu na geração de empregos, na ampliação das oportunidades e na melhoria da qualidade de vida da população. São resultados concretos que mostram o trabalho realizado e a transformação que a Paraíba viveu nos últimos anos.

■ Jovens e idosos costumam ter motivações diferentes para participar das eleições. O que pode estimular esses dois segmentos do eleitorado a comparecer às urnas e exercer o direito ao voto?

São públicos com características e interesses diferentes. No caso dos jovens, a principal motivação é a esperança e a expectativa de um futuro melhor. Eles precisam compreender que sua participação é fundamental, porque o voto ajuda a definir os rumos da sociedade e as oportunidades que terão pela frente. Mais do que uma obrigação, votar é uma forma de influenciar o próprio destino. Já entre os eleitores da terceira idade, a motivação está mais relacionada à avaliação dos resultados concretos das políticas públicas. É um público que observa de perto as ações realizadas nas áreas de saúde, assistência social, segurança e valorização dos servidores. Tenho percebido, nas visitas que faço pelo estado, que a população mais idosa está muito atenta e participativa. O sentimento de proteção social, aliado à melhoria dos serviços públicos, especialmente na saúde, tem contribuído para ampliar o interesse desse segmento em participar do processo eleitoral.

■ Se o senhor fosse chamado a opinar sobre a situação econômica do Brasil, que sugestões daria à equipe do Governo Federal?

O Brasil precisa, verdadeiramente, de um plano de desenvolvimento com metas claras em todos os setores produtivos. Precisamos definir onde queremos chegar e quais caminhos devemos seguir para alcançar esses objetivos. Não há como fazer uma gestão imaginando, exclusivamente, que o país vá se manter apenas com programas de apoio social, embora — e é bom que se diga — eles sejam fundamentais. O Brasil havia entrado no mapa da fome, foi necessário um programa forte novamente, como o Bolsa Família, para sairmos dessa situação, e o país conseguiu sair. Mas são as medidas econômicas que farão com que se gere emprego a partir da iniciativa privada, que é onde está a maior força de geração de postos de trabalho. São essas ações que, sem sombra de dúvida, levarão o Brasil a uma condição de desenvolvimento sustentável e duradouro, evitando que a gente viva nesse ciclo permanente de grandes momentos econômicos, seguidos por crises rápidas. É necessário fortalecer políticas públicas permanentes, com fontes de financiamento e regras claras, para áreas como saúde, educação, assistência social, segurança e habitação. O país precisa ampliar investimentos em infraestrutura, logística, pesquisa, inovação e tecnologia.

■ Para finalizar, o Congresso Nacional discute a possibilidade de classificar facções criminosas como organizações terroristas. Como o senhor avalia esta proposta?

Para mim, essa classificação é equivocada. Os objetivos de grupos terroristas são completamente diferentes dos objetivos das facções criminosas. As facções têm como finalidade o enriquecimento por meio de atividades ilícitas. Já os grupos terroristas, em regra, possuem motivações políticas, ideológicas ou relacionadas à disputa de poder. O que existe no Brasil são organizações criminosas que buscam lucro e que ampliaram sua atuação para diferentes setores da economia, muitas vezes tentando ocultar suas atividades por meio de empresas aparentemente legítimas. O combate a tais facções exige ação firme e coordenada do Estado, com integração entre as Forças de Segurança dos governos Federal, Estadual e Municipal. Não é um desafio simples, mas existem exemplos internacionais que mostram que é possível enfrentar o problema com eficiência. A Itália, por exemplo, conseguiu combater organizações criminosas extremamente poderosas sem classificá-las como grupos terroristas. O fundamental é fortalecer a atuação do Estado e a cooperação entre as instituições. Entendo que essa classificação pode abrir discussões delicadas sobre soberania nacional e eventuais intervenções externas. Por isso, considero mais importante concentrar esforços no fortalecimento das políticas de segurança pública e no combate efetivo ao crime organizado.

AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

PAA garante renda e nutre famílias

Na Paraíba, modalidade Compra com Doação Simultânea já entregou mais de 702 mil kg de produtos a 94 entidades

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Agricultores familiares fazem a venda direta de sua produção para entes públicos, que destinam os alimentos para pessoas em situação de insegurança alimentar, rede socioassistencial, escolas e outros equipamentos. É isso que acontece por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), executado pelos estados e municípios ou pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com recursos federais do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA). Em algumas localidades, estados e prefeituras também investem recursos próprios, a exemplo do que acontece na Paraíba. O programa, para quem produz, é uma oportunidade de ter comercialização e renda garantidas; já para quem recebe, possibilita o fortalecimento da segurança nutricional.

Na Paraíba, o PAA – Compra com Doação Simul-



Foto: Evandro Pereira

José Bento celebra a segurança ofertada pelo programa: “A gente tem onde comercializar”

tânea (CDS) vem sendo executado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh-PB), com recursos estaduais e federais. O biênio 2025–2026 conta com um investimento de R\$ 4.024.377,15, envolvendo 530 agricultores fornecedores e 94 entidades cadastradas para receber as doações. Até o momento, já foram executados R\$ 3.817.330,97, com a

doação de mais de 702 mil kg de alimentos, beneficiando mais de 30 mil famílias.

Sandro Altino da Silva é agricultor do município de Pedras de Fogo e vende sua produção pelo PAA desde que o programa foi criado, há cerca de 20 anos. Ele reside no Assentamento Nova Aurora e é o presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais do local, que hoje

agrupa mais de 100 agricultores. “Sempre que tem edital, nós estamos tentando, e a gente tem essa preocupação de ver as pessoas para pleitear o programa entre aquelas que têm irrigação na terra, que vai ter mais controle da plantação para efetuar as entregas. Hoje estamos entregando pelo PAA municipal de João Pessoa. Concorremos com 10 produtores e

tivemos nove aprovados, o que foi uma felicidade para a gente”, afirma, destacando que eles buscam se organizar para conseguir colocar o máximo possível de agricultores no PAA.

Milho, batata, macaxeira e inhame são alguns dos itens produzidos no assentamento e vendidos pelo PAA. Por meio do edital, cada agricultor pode receber R\$ 15 mil pela venda de seus produtos. Embora cerca de 40% a 50% disso seja destinado aos custos de produção, Sandro ressalta que ter a certeza da comercialização faz toda a diferença. “Esse programa é importante demais para o agricultor. Ele tem uns pontos característicos que a gente valoriza muito. Por exemplo, quando eu estou plantando milho, já sei para quem eu vou vender e por quanto eu vou vender. E mais importante é quem vai consumir, que são aquelas famílias que mais precisam. Mas, quando a gente está plantando e vai vender para o atravessador, a gente não sabe para quem vende, por quanto vende e para quem”, ressalta.

Sandro enfatiza, ainda,

como essa renda garantida permite que os participantes se planejem. “Tem muitos agricultores aqui que passaram a ter o seu carrinho, sua motinha. Por causa desse programa, a pessoa comprou uma geladeira, um telhado para sua casa, melhorou a reforma da casa”, conta.

Outro produtor do município que comercializa pelo PAA, José Bento Pereira Filho também participa do programa desde a sua criação e reforça o impacto da iniciativa em sua vida. “A gente tem onde comercializar o produto. Antes a gente não tinha isso, tinha que vender com outra pessoa, um atravessador. Agora, a gente vende com uma produção maior”, destaca. Segundo ele, as entregas vão sendo feitas conforme a disponibilidade dos produtos e as prioridades elencadas pelo programa. Neste mês, por exemplo, os pedidos de milho-verde intensificaram-se e a produção é feita também para atender a essa demanda. Já as entregas são feitas até atingir o valor de R\$ 15 mil, que é o teto para cada agricultor, estipulado via edital.

Programa possibilita a permanência no campo

No município de Santa Rita, a agricultora Janete Xavier Leite já vendeu batata-doce, inhame, macaxeira, milho-verde, coco seco, feijão verde, banana, manga e outros produtos por meio do PAA executado pela Sedh. “Sempre que é feito o pedido, a secretaria solicita e a gente diz o que tem. Porque esses programas respeitam a sazonalidade, comprando o produto que o agricultor tem naquele momento. Eles mandam um cronograma com os itens e os quantitativos, e [o pedido] é dividido entre aquele número de agricultores familiares que foram contemplados via edital”, explica.

Ela ressalta, ainda, que o valor pago pelo PAA é bem mais justo e lucrativo para o agricultor do que a venda para atravessadores, por exemplo. “Ele segue uma tabela de compra da Conab, que é um preço que dá para o trabalhador vender o seu produto, saindo das mãos do atravessador e comercializando com uma margem de lucro boa, que ajuda demais a agricultura familiar”, destaca. Janete exemplifica que 1 kg de macaxeira é vendido, geralmente, a R\$ 1 para o atravessador, enquanto a tabela usada no programa paga R\$ 3 a R\$ 4 pelo mesmo produto.

“É algo que valoriza, que estimula o agricultor a produzir cada vez mais. Contribui ainda para não ser preciso os filhos do homem do campo saírem

para as cidades grandes, que era o que mais a gente via há 10 anos. Eles tinham que abandonar seus pais e sua propriedade para ir para as grandes cidades, para o Sul, para trabalhar e ser explorados lá, porque o produto do homem do campo não era valorizado. Hoje, com condições de trabalho, a gente vê a transformação de vida para eles”, enfatiza.

Janete salienta que os editais de seleção do PAA são acessíveis, já que não trazem exigências inviáveis e fora da realidade para o agricultor. Nos casos em que algum trabalhador rural tenha mais dificuldade em organizar os documentos necessários, acessar a internet e pleitear o edital, a Cooperativa Mista dos Produtores Rurais na Agricultura Familiar da Paraíba (Cooprafe), que atua no local e conta com mais de 150 cooperados, auxilia nesse processo, conforme comenta a agricultora, que é também diretora-presidente da instituição.

■ Sazonalidade da produção agrícola é respeitada pelo PAA, que adquire os alimentos disponíveis no momento da compra

Estado também distribui leite e ovos caipiras

Na Paraíba, outra política de grande alcance executada pela Sedh é o PAA Leite, que garante a distribuição regular do alimento a famílias em situação de insegurança alimentar, ao mesmo tempo que fortalece a cadeia produtiva no estado. Em 2025, o programa contou com um investimento de R\$ 66,7 milhões, atendendo 36 mil famílias, que recebem de 5 a 7 litros de leite por semana. 238 mil litros são entregues semanalmente, com a participação de 1.500 produtores cadastrados e 10 usinas responsáveis pelo beneficiamento.

Com foco no apoio direto a famílias em situação de vulnerabilidade, o programa Nutrir+PB, executado com recursos estaduais, garante a distribuição de ovos caipiras, comprados da agricultura familiar. A iniciativa beneficia cerca de oito mil famílias, por meio da entrega de duas mil bandejas mensais de ovos, cada uma contendo 30 unidades. Lançado em 2025, foram R\$ 1,285 milhão executados na ação até o fim do ano passado, atendendo 31 entidades socioassistenciais.

A diretora de Segurança Alimentar e Nutricional da Sedh, Luciana Leal Fernandes Araújo, destaca que a iniciativa é uma das mais importantes políticas públicas de segurança alimentar e fortalecimento da agricultura familiar. “Na Paraíba, o programa promove uma ação estratégica que beneficia tanto quem produz quanto quem necessita de acesso regular a alimentos de qualidade. O funcionamento é bastante simples e eficiente: o governo adquire alimentos produzidos por agricultores e agricultoras fa-

miliares e, simultaneamente, esses itens são destinados a instituições socioassistenciais, equipamentos públicos de segurança alimentar e entidades que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, garantimos mercado para a produção da agricultura familiar e ampliamos o acesso da população a alimentos saudáveis e nutritivos”, explicita.

Luciana ressalta que, além de gerar renda para milhares de famílias agricultoras, o PAA-CDS incentiva a permanência no campo, fortalece a economia local e valoriza a produção regional. “Outro aspecto fundamental é que o programa estimula a diversificação da produção agrícola e promove circuitos curtos de comercialização, aproximamos quem produz de quem consome. Isso fortalece os municípios, movimenta a economia e gera desenvolvimento social de forma sustentável. Na Paraíba, seguimos trabalhando para ampliar cada vez mais o alcance dessa iniciativa”, conclui.

Ações municipais

No município de João Pessoa, a prefeitura executa o PAA com investimentos federais e por meio de uma iniciativa municipal, que conta com recursos próprios. Em 2025, o investimento federal foi de R\$ 521.800,86, beneficiando 45.092 pessoas e contemplando 62 agricultores. Já o PAA municipal, em 2025 e 2026, recebe R\$ 811 mil em recursos, contemplando 54 agricultores, cuja produção alcança 45.096 pessoas.

Uma das entidades que recebe os alimentos pelo programa é a Casa da Paz Lar



Foto: Rodrigo Ribeiro/Colaboração

Mulheres recebem alimentos em instituição da capital

Maria de Nazaré, localizada no bairro José Américo, que é beneficiada desde 2024. Segundo Rodrigo Ribeiro, representante do local, o espaço é uma instituição religiosa, com caráter social e da área de saúde. “Acolhemos mulheres grávidas, ou com seus filhos, ou solteiras, em situação de vulnerabilidade. A gente tem um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos com crianças, e há 150 famílias cadastradas para as quais a gente doa alimentos, ou organiza sopões e quentinas para distribuição. Por isso, esses alimentos do PAA são muito importantes, até porque ajudam, também, na nossa alimentação diária, dos acolhidos e dos moradores que atuam aqui na instituição”, aponta Rodrigo.

Já em Campina Grande, o PAA começou a ser executado no início deste ano. A princípio, são 34 agricultores locais, cujos alimentos beneficiam famílias acompanhadas pelos Centros de Referência em Assistência Social (Cras) do município. Nas últimas semanas,

já foi entregue 1,4 tonelada de peixe tilápia para os Cras Jeremias, Liberdade, Malvinas, Três Irmãs e Borborema, contemplando aproximadamente 680 pessoas. Com a continuidade da produção, de acordo com a sequência de entrega dos produtores, a ideia é que todos os 11 Cras sejam alcançados. Além disso, esperase beneficiar algumas instituições sociais da Rainha da Borborema, por meio da distribuição de frutas, legumes e outros alimentos.

A ação é de responsabilidade da Secretaria de Assistência Social (Semas-CG) e passou, recentemente, pela fase de estruturação e consequente efetivação. A diretora de Proteção Básica da pasta, Kyssia Almeida, ressalta a importância da iniciativa. “O programa beneficiará muita gente, com R\$ 500 mil destinados à compra de diversos alimentos, que chegarão à mesa de quem mais precisa”, enfatiza. Com esse investimento, a média de recebimento para cada produtor é de R\$ 14.700.

EXCESSO DE PESO

Condição atinge 111 mil crianças

Em números relativos, 36 a cada 100 pessoas de zero a nove anos têm sobrepeso, obesidade ou obesidade grave na PB

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Ainda hoje, existem muitas famílias que naturalizam a imagem da criança “fofinha”, como se o excesso de peso fosse apenas uma etapa do crescimento. Mas os dados mais recentes do Panorama de Obesidade Infantil e Adolescente, de 2025, com base no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan), mostram que o problema é mais sério do que parece. Só na Paraíba, 36 em cada 100 crianças de zero a nove anos estão com excesso de peso, índice que inclui sobrepeso, obesidade e obesidade grave. Em números absolutos, são mais de 111 mil nessa condição, com maior risco de desenvolver problemas antes associados aos adultos, como diabetes e hipertensão.

É justamente isso que torna o Dia de Conscientização contra a Obesidade Infantil, celebrado na última quarta-feira (3), mais do que uma data no calendário. O alerta é para uma condição que, à primeira vista, pode ser encarada como uma fase passageira, mas que tem impacto direto sobre a saúde — presente e futura — do indivíduo. Para a endocrinologista Ana Luiza Rolim, por trás desses números, há uma combinação de fatores que ajuda a explicar o avanço da obesidade, como uma alimentação cada vez mais marcada por ultraprocessados e bebidas açucaradas, sedentarismo, excesso de telas e a dificuldade de acesso a alimentos mais saudáveis.

Epidemia global

Considerando apenas a Região Nordeste, a Paraíba aparece entre os estados que apresentam maior proporção de crianças de zero a nove anos com excesso de peso. O índice de 36% é o mesmo registrado em Pernambuco, onde mais de 224 mil crianças estão nessa condição. Já o Ceará apresen-



Consumo de ultraprocessados contribui para o avanço da obesidade; doença aumenta as chances do desenvolvimento de hipertensão e diabetes na infância

ta um percentual ainda maior, com 40%, o equivalente a 295 mil. Embora o dado paraibano seja considerado alto, a médica chama atenção para o fato de que essa é uma tendência observada não só no Brasil, mas no mundo todo.

A obesidade, segundo ela, já é considerada uma pandemia e tem avançado de forma mais acelerada entre as crianças. O problema é que, quando aparece muito cedo, o excesso de peso tem mais chances de gerar alterações metabólicas e hormonais, interferindo, inclusive, no crescimento infantil. Para se ter ideia, essas crianças também têm maior risco de atingir a puberdade precocemente e desenvolver, ainda na infância, problemas como colesterol alto, diabetes e hipertensão. “A gente tem visto mais crianças obesas do que

há alguns anos. É realmente um problema de saúde pública e precisa ser encarado assim”, reforça a especialista.

Se, há algum tempo, uma criança acima do peso era tratada como alguém que “emagreceria ao crescer”, hoje os especialistas mostram que esperar até a vida adulta pode custar caro. Ana Luiza explica que é necessário observar o desenvolvimento infantil com atenção, considerando idade, estatura, histórico familiar e ritmo de ganho de peso. Assim, quando ela começa a sair dessa faixa esperada, a intervenção precisa acontecer antes que o quadro evolua. Na Paraíba, esse cuidado torna-se ainda mais urgente quando o excesso de peso é observado por dentro dos seus diferentes graus: na faixa etária de zero a nove anos, 18,75% es-

tão com sobrepeso, 10,17% com obesidade e 7,26% já chegaram à obesidade grave. Esse último grupo, aliás, reúne mais de 22 mil crianças e mostra que a questão se trata de um problema realmente crônico.

Coletividade

Por isso, quando o assunto é obesidade infantil, não dá para reduzir o tema a uma escolha meramente individual. Tem muito pai que reclama que o filho “só come porcaria”, mas ele mesmo não se alimenta de forma saudável nem o estimula a praticar algum esporte. Como a endocrinologista lembra, a criança nunca está sozinha nesse processo. “Se os adultos mantêm hábitos alimentares ruins, isso tende a se refletir na alimentação dos filhos”, observa. Dessa forma, não basta pedir que a criança

mude sozinha, enquanto todo o entorno permanece igual. Isso, além de injusto, é ineficaz, segundo ela. “Seria até cruel a gente dizer que só a criança precisa comer certo. Não, os pais também têm que mudar seus hábitos”, afirma.

Na prática, isso significa que o cuidado não deve começar pela palavra “dieta”, nem por cortes bruscos que transformam a comida em ameaça ou punição. A endocrinologista defende que a rotina seja reorganizada com “mais comida ‘de verdade’, menos ultraprocessados e mais movimento”, sem impedir que ela participe de atividades mais sociais, como aniversários. Restrições muito excessivas, alerta Ana Luiza, podem prejudicar a relação dela com a comida e gerar algum transtorno alimentar no futuro.



Seria até cruel a gente dizer que só a criança precisa comer certo. Não, os pais também têm que mudar seus hábitos

Ana Luiza Rolim

Comida “de verdade” precisa caber no bolso e na rotina

Se há mais crianças obesas hoje do que no passado, onde está o erro? Para a nutricionista infantil Thamires Mirella de Araújo Nascimento Sales, os dados do Sisvan sinalizam que os hábitos alimentares estão sendo formados de maneira inadequada desde muito cedo. Tomando a Paraíba como exemplo, o consumo de ultraprocessados aparece em 30% das crianças de seis meses a dois anos, sobe para 75% na faixa etária de dois a quatro anos e chega a 84% nas crianças de cinco a nove anos. “Os hábitos alimentares são errados desde o início”, resume a nutricionista. Segundo ela, quanto mais cedo a criança é exposta a açúcar, salgadinhos, biscoitos recheados e bebidas artificiais, maior será a dificuldade para aceitar alimentos *in natura* depois.

A formação do paladar, explica Thamires, começa antes mesmo da introdução alimentar e vai sendo moldada pelas experiências repetidas ao longo da infância. Quando a criança passa a ter contato com produtos muito do-



Introdução alimentar adequada é estratégia de prevenção

ces, salgados ou gordurosos, o alimento mais simples tende a ser menos atrativo. Daí em diante, essa preferência

acaba interferindo na aceitação de frutas, verduras e legumes, além de favorecer o que ela chama de “seletividade

de alimentar”.

E o problema, aqui, não é apenas calórico. Como explica a nutricionista, embora os ultraprocessados sejam, em geral, mais palatáveis, eles oferecem pouco valor nutricional e, por consequência, menor saciedade, o que pode estimular o consumo em excesso. Por outro lado, alimentos como ovos, carnes, frango, peixes, legumes e verduras ajudam a sustentar melhor o organismo. “Eles dão mais saciedade e têm um efeito metabólico melhor no nosso organismo”, observa.

Mas, se a orientação parece simples no papel, a vida real costuma ser mais complicada. O que faz, então, uma família escolher um biscoito recheado em vez de uma fruta ou uma comida caseira? A resposta passa por tempo, dinheiro, acesso e praticidade. Ultraprocessados são baratos, fáceis de armazenar e não exigem qualquer preparo prévio — basta abrir o pacote e consumir.

Ainda assim, Thamires defende que é possível fazer



Eles [alimentos saudáveis] dão mais saciedade e têm um efeito metabólico melhor no nosso organismo

Thamires Sales

trocas mais saudáveis sem transformar a alimentação equilibrada em algo distante da realidade. Ovos, frango, soja, frutas, polpas naturais e

preparações caseiras podem substituir, aos poucos, salsichas, empanados, sucos artificiais e salgadinhos. A lógica não é montar um cardápio perfeito, mas encontrar alternativas que caibam no orçamento e na rotina.

Por isso, as especialistas reforçam que a mudança precisa ser sempre gradual e acolhedora. No consultório, Thamires afirma que a conversa deve respeitar a idade da criança, sem julgamento ou cobrança excessiva. Em vez de cortar tudo de uma vez, a proposta é criar pequenas metas, testar alimentos, adaptar preparações e permitir que a criança participe do processo. Se ela gosta de hambúrguer ou batata frita, por exemplo, a família pode preparar versões caseiras para melhorar a qualidade do alimento que é levado à mesa. “Não adianta eu criar um cardápio perfeito que ela não vai querer seguir”, aponta. O mais importante é garantir que ela cresça com saúde, sem carregar problemas que poderiam ser prevenidos.

OPERAÇÃO SÃO JOÃO

Festejos em clima de tranquilidade

Equipes de segurança foram mobilizadas para garantir a ordem durante as festas juninas em todo o estado

Mirvan Lúcio
 mirvanlucio.jornalista@gmail.com

A Paraíba respira São João. Em todo o estado, cerca de 900 eventos juninos acontecerão até o fim deste mês. A grande movimentação em todas as regiões exige uma atenção especial com a estrutura de vigilância. A Secretaria da Segurança e da Defesa Social (Seds) definiu um plano de atuação da Operação São João 2026, que contempla ações do Litoral ao Sertão.

Uma força-tarefa, envolvendo todo o aparato estatal de segurança, está mobilizando um grande contingente de agentes para garantir a ordem e a tranquilidade durante os festejos. As ações mais enérgicas acontecem nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Santa Luzia, Sousa, Bananeiras, Sapé, Cabaceiras e Cajazeiras, que concentram o maior quantitativo de público em eventos abertos. O Estado está investindo R\$ 35 milhões, para viabilizar a operação integrada.

De acordo com a Seds, 1.587 agentes da Polícia Militar foram escalados, contando ainda com o reforço das equipes do Regimento de Polícia Montada, Batalhão de Polícia de Choque, Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) e Batalhão de Polícia de Trânsito (BPTran).

A Polícia Civil trará reforço investigativo para a operação, chegando a até 315 agentes divididos em escalas, nos dias de pico dos festejos juninos. Destaque também para a atuação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher e da Delegacia Online, com registro de atendimento por meio do site delegaciaonline.pb.gov.br.

Já a Secretaria da Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB) reforçará o monitoramento de pessoas com tornozeleira eletrônica. O trabalho acontece em parceria com os Centros Integrados de Comando e Controle (Ciccs), que possibilita acompanhar, em tempo real, a movimentação dos monitorados durante as festas.

Para auxiliar na circulação do contingente em todo o estado, 3.964 viaturas estarão nas ruas diariamente. A tecnologia passa a auxiliar ainda mais o trabalho de monitoramento com a utilização de câmeras, drones e helicópteros.

Monitoramento eletrônico

O Estado possui hoje três Ciccs, situados estrategicamente, nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos. A partir dessas centrais, ativas 24 horas, será feito o acompanhamento em tempo real das cidades, além dos espaços de eventos. Atualmente 1,6 mil câmeras realizam essa observação estratégica. Outras 367 estão sendo instaladas nos locais onde acontecem as festas juninas.

O Busto de Tamandaré, em João Pessoa, sediará o



Foto: Julio Cesar Peres

Eventos como O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, reúnem grande aparato policial em virtude da concentração de público durante as festas

Festival de Quadrilhas, e demandará a instalação de 18 câmeras de segurança. No Parque do Povo, em Campina Grande, o público será vigiado por 265 câmeras, enquanto o distrito de Galante receberá 62 equipamentos. Em Patos, o Terreiro do Forró será monitorado por 43 câmeras. Para fiscalizar esses olhos eletrônicos, 145 pessoas cumprirão escalas nos Ciccs, garantindo que todos os registros sejam analisados e comunicados à polícia, caso haja necessidade de intervenção.

Efetivo

Mais de 1,5 mil agentes da Polícia Militar foram escalados para os eventos, assim como 315 agentes da Polícia Civil. Quase quatro mil viaturas estarão nas ruas diariamente

Além do monitoramento fixo, 625 câmeras corporais serão instaladas nos uniformes dos policiais. Equipadas com inteligência artificial, o sistema possibilita a tradução de conversas em tempo real em mais de 50 idiomas, tornando possível o diálogo entre o agente de segurança e a pessoa abordada. Outra ferramenta, chamada "Draft One", ajudará na transcrição automática desses áudios, tornando mais célere a formatação do primeiro rascunho para um Boletim de Ocorrência. De acordo com a Seds, o objetivo é otimizar os procedimentos burocráticos e ampliar a capacidade operacional das equipes em campo.

Patrulhamento terá maior suporte aéreo

Olhos atentos também nos céus. Três aeronaves do Grupamento Tático Aéreo (GTA) estarão à disposição para o patrulhamento. A última delas foi entregue pelo Governo da Paraíba para a base de Campina Grande, no dia 29 de maio. O Acauã 3 dará suporte a Polícia Militar, Civil e Corpo de Bombeiros. "É uma aeronave com autonomia de três horas e 20 minutos, com capacidade de decolar de João Pessoa e chegar em Cajazeiras em duas horas e 15 minutos, apoiando a segurança em qualquer região do nosso estado", informou o coronel Carlos Nascimento, comandante do GTA.

"O policiamento terrestre, tendo o apoio dos helicópteros, consegue ter mais êxito nos trabalhos de combate ao crime em todo o estado", acrescentou Jean Nunes, secretário de Segurança da Paraíba, em um vídeo publicado nas redes sociais.

O Acauã 3 tem um multimissão, atuando não só no esquema de proteção, mas também dando suporte às ocorrências que envolvem salvamento e saúde. "Muitas vezes é necessário fazer um transporte de um órgão que é doado no hospital de Campina Grande e precisa ser levado a João Pessoa, para o Hospital Metropolitano, onde acontecem algumas cirurgias. E esse transporte geralmente a gente faz aéreo. Sem falar nos outros benefícios de ter esse helicóptero no interior do estado", declarou o governador Lucas Ribeiro, em entrevista ao programa *Conversa com o Governador*, no dia 1º de junho.

No estado, o investimento relacionado à estrutura aérea chega a R\$ 6 milhões. A Polícia Militar utilizará também 10 drones, resultado de um aporte financeiro superior a R\$ 1 milhão. Outros sete dro-

nes da Polícia Civil estarão em atividade, no monitoramento e apoio operacional.

Já está na Paraíba o helicóptero que dará suporte às operações da Polícia Rodoviária Federal (PRF). O veículo aéreo foi deslocado de Recife (PE) e, em parceria com a Prefeitura de João Pessoa e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), deve ser acionado em ocorrências que necessitem de um socorro ágil. "A aeronave já está de prontidão para atender a esses chamados não só na capital, como em todo o estado", garantiu o inspetor Fábio Ramalho, chefe da 1ª Delegacia da PRF, em João Pessoa.

Fiscalização nas estradas

A PRF elaborou um plano de trabalho para a operação Festejos Juninos, considerada a maior ação de fiscalização em rodovias na Paraíba, durante todo o ano. Com a aprovação do plano operacional, feita em Brasília, as medidas passam a ser postas em prática. O estado está recebendo o reforço de cerca de 100 agentes para o efetivo.

Segundo o inspetor Fábio Ramalho, a corporação terá equipes de trabalho preventivo realizando fiscalização de comando de alcoolemia em João Pessoa, Campina Grande, no trecho de Santa Luzia a Patos, também em Sousa e Cajazeiras. "O fluxo aumenta muito porque os carros se deslocam no sentido capital ao interior", justificou. A fiscalização também será intensa para quem trafega em motocicletas. "São os principais tipos de veículos envolvidos em sinistros, que levam a ocorrências com registro de óbitos", ratificou o chefe do policiamento rodoviário.

Equipes específicas atuarão no combate ao excesso de velocidade, com uso de rada-

res portáteis, priorizando os trechos onde há maior número de acidentes. Os transportes coletivos de passageiros serão monitorados, principalmente no horário da noite, quando há o deslocamento de vans e ônibus levando pessoas aos eventos.

Já o Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), por meio da Operação Lei Seca, atuará em parceria com a PRF, o Batalhão de Policiamento de Trânsito (BPTran) e os órgãos de trânsito municipais. O departamento mobilizará 50 servidores, 12 viaturas, dois reboques, duas vans e 20 etilômetros para as ações, que terão como foco os locais de maior circulação de veículos e pontos de acessos aos eventos.

Atuação dos Bombeiros

A atuação do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) na Operação São João 2026 começou antes mesmo das festas, com o trabalho técnico de fiscalização das estruturas, análise das condições de segurança e orientações preventivas à população e aos organizadores de eventos. A regularização dos eventos junto à Diretoria de Segurança e Proteção Contra Incêndio do CBMPB é fundamental para garantir que as estruturas atendam às normas necessárias para oferecer segurança ao público.

"Durante os festejos, estaremos com efetivo reforçado nos maiores polos juninos do estado, com equipes preparadas para atuar no atendimento pré-hospitalar, nas ações de busca e salvamento, no combate a incêndio e na resposta imediata às ocorrências", informou coronel Marcelo Araújo, comandante-geral do CBMPB. A corporação também contará com o apoio de drones e

câmeras corporais. Segundo o coronel, esses recursos "fortalecem o monitoramento operacional, a segurança das equipes e a prevenção de acidentes em áreas de grande concentração de público".

A operação será desenvolvida de forma integrada com as demais Forças de Segurança pública, dentro de um planejamento conjunto, para que a população possa vivenciar o São João da Paraíba com tranquilidade, proteção e confiança. "Agradecemos ao empenho do governador Lucas Ribeiro, que anunciou um investimento de R\$ 40 milhões para ampliar o pagamento de horas extras aos profissionais da Segurança Pública e da Saúde, fortalecendo a presença do Estado durante o período junino", reconheceu o comandante.



Foto: Roberto Cuedes

O policiamento terrestre, tendo o apoio dos helicópteros, consegue ter mais êxito nos trabalhos de combate ao crime em todo o estado

FIGURINHAS DA COPA

Descarte incorreto é risco ambiental

Com resíduo difícil de reciclar, produto precisa ser enviado a uma empresa especializada para a correta destinação

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

A paixão aflorada pelo futebol e o prazer de completar os álbuns de figurinhas, populares em anos de Copa do Mundo, podem estar por trás da intensificação de um problema ambiental de difícil solução: ao colar uma figurinha em álbuns como os do Mundial, automaticamente descarta-se o papel onde o adesivo vem colado. O *liner*, que reveste o verso das figurinhas, é composto por uma base (normalmente de papel) e por polímeros, mistura que dificulta seu processamento na reciclagem comum.

Com cada vez mais pessoas preenchendo os álbuns, têm circulado nas redes sociais alertas sobre o acúmulo desses papéis, que são siliconados e não devem ser descartados no lixo comum, para evitar que o material acabe indo para os aterros sanitários — agravando a poluição do meio ambiente — e nem no reciclável, já que a reciclagem convencional não é capaz de processar as fibras para que o material seja reaproveitado.

Fica por conta dos adeptos dos álbuns, reunidos em condomínios, escolas, e nas suas vizinhanças, o trabalho de juntar todo esse material e dar a ele a destinação adequada. O questionamento que surge é: como se dá a viabilidade deste processo de logística reversa?

No Brasil, a empresa Polpel Fibras, localizada em Guarulhos, São Paulo, é conhecida por ser capaz de separar as fibras do material,



Foto: Carlos Rodrigo

Por causa da camada impermeável que impede a cola de grudar, o papel do verso das figurinhas leva décadas para se decompor no meio ambiente

possibilitando o seu retorno à cadeia produtiva. Apesar de ter uma campanha em curso e parcerias no seu estado de origem, a empresa não desenvolveu, nem apoia diretamente, estratégias nacionais para executar a logística reversa. Ou seja, para quem está fora de São Paulo, a conduta orientada pela Polpel é o envio do material coletado pelos correios, até o fim de julho, para o endereço da empresa. Na Paraíba, iniciativas

organizadas podem facilitar soluções locais para a destinação correta desse tipo de papel.

Impacto

O descarte incorreto desses papéis, ou de qualquer material, causa impacto no meio ambiente. A professora do departamento de Engenharia de Materiais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Amélia Severino Ferreira e Santos, chama a atenção

para a importância do descarte de materiais potencialmente recicláveis para a coleta seletiva, pontos de entrega voluntária (PEVs), cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis.

Quando um material como o dos *liners* é descartado inadequadamente, de acordo com Amélia, o prejuízo é grande: deixa-se de gerar emprego e renda para catadores de materiais recicláveis; e de poupar recur-

sos naturais. “Serão necessárias novas árvores para produzir mais papel”, lembra. O descarte inadequado quebra a rota da economia circular. Logo, os efeitos são vistos na economia e no aquecimento global. “Fora isso, há impactos relacionados aos resquícios do plástico que persistirão no meio ambiente”, ressalta a professora. Como se trata de produto que contém papel, que é um material biodegradável, seu resíduo decompõe

gerando CO₂, ou até metano, em condições anaeróbicas (ausência de oxigênio).

Por isso, recomenda-se que os cidadãos façam o descarte adequado de seus resíduos e que os produtores se responsabilizem pelos produtos que comercializam, promovendo a integração da cadeia em favor da economia circular. Além disso, gestores devem atuar como o elo que conecta as atitudes de cidadãos e de empresas responsáveis.

Pesquisa quer melhorar o aproveitamento do papel

“No caso dos *liners*, existe a dificuldade de separar o material polimérico em relação a reciclagem de aparas convencionais de papel”, pontua a professora. Porém, essa já é uma preocupação da indústria do papel e a demanda tem sido objeto do trabalho de pesquisadores da UFPB e de um grupo do *campus* de São José dos Campos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com um projeto aprovado no último Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pelo professor Maurício Pinheiro de Oliveira. “No projeto, iremos trabalhar com rebarbas do processo produtivo de papel com adesivo, como esses das figurinhas da copa”, descreve Amélia.

A ideia vai além da reciclagem do papel, o objetivo é gerar um derivado de celulose de alto valor agregado. “Vamos trabalhar para separar o resíduo de adesivo e transformar o resíduo de papel em nanocelulose, produzido no mercado internacional com valor de US\$/kg”, afirma a professora e pesquisadora.

Articulação

“Uma coisa muito importan-

te é que todos valorizem o papel que os catadores de materiais recicláveis desempenham dentro da economia circular”, destaca Amélia Santos. Nas palavras da professora, o retorno dos resíduos gerados pela população à economia tem sido viabilizado por esse elo da sociedade.

Nesse sentido, articulação das associações e cooperativas de materiais recicláveis com a indústria recicladora pode tornar viável o retorno desse tipo de material para a cadeia produtiva. “Essa é uma pauta para os gestores de resíduos sólidos dos municípios e precisa ser também articulada em conjunto com a indústria”, afirma a pesquisadora, que destaca que ações individualizadas podem ser, por exemplo, concentradas municipalmente junto aos pontos de entrega voluntária.

Se um bairro ou condomínio não tiver coleta seletiva, qualquer cidadão pode procurar uma das várias associações de catadores de materiais recicláveis espalhadas por João Pessoa em horário comercial e, assim, realizar a entrega voluntária dos seus resíduos recicláveis. Elas estão cadastradas no *site* da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (EmLur).

Escola reúne material para a reciclagem

Na capital paraibana, o Instituto Pessoaense de Educação Integrada (Ipei), localizado nos Bancários, tem se mobilizado para promover a destinação correta dos *liners* das figurinhas. “Quando entendemos que esse material exige descarte específico, decidimos transformar isso em uma experiência educativa de cuidado coletivo. Ainda são poucas iniciativas conhecidas, por isso entendemos que é importante ampliar esse debate e a conscientização sobre logística reversa”, contou a gestora de aprendizagem do colégio, Amélia Nóbrega.

Neste primeiro momento, a mobilização acontece dentro da comunidade escolar. “A coleta já foi iniciada na escola. Depois desta etapa, o material será encaminhado [pelo correio]. Estamos dialogando com as crianças e famílias sobre consumo consciente, sustentabilidade e responsabilidade ambiental”, destaca a gestora de aprendizagem.

Para a equipe de gestão da instituição privada de ensino, iniciativas como esta ajudam a ampliar a

consciência ambiental não só no ambiente da escola, mas também na comunidade. Amélia enfatiza ainda que a proposta pedagógica do colégio valoriza ensinar sobre o cuidado com o outro, com a cidade e com o planeta. “Pequenas ações ajudam a formar sujeitos mais conscientes, afetivos e responsáveis com o mundo em que vivem”, avalia a gestora escolar.

Mercado

Amélia aponta que a cadeia produtiva das figurinhas poderia se organizar para fazer uma logística reversa do resíduo até o fabricante reciclador. “Primeiro, tem os centros de trocas de figurinhas, setor que poderia facilmente atuar como receptor desse resíduo. E eles consegui-

riam agrupar uma grande quantidade”. Com a logística reversa consolidada, de acordo com a pesquisadora, o próprio vendedor se interessa pela coleta. “Então, se você divulgar algo, por exemplo, que deveria haver uma articulação dessa indústria de São Paulo, ou do fabricante das figurinhas, por exemplo, da Panini, com os pontos de venda, para eles coletarem esses resíduos e destinarem para uma cooperativa, em parceria, essa cooperativa conseguiria juntar um volume suficiente para mandar para essa indústria de forma viável”, exemplifica.

O reciclado precisa de mercados para ser valorizado e viabilizado. É neste contexto, conforme avalia Amélia, que o ônus de um transporte pode inviabilizar o processo. Quando se pensa em expandir para um produto nobre, como a nanocelulose, cria-se um valor para esse resíduo e é gerada uma cadeia que tem demanda. “É muito mais importante abrir os olhos das pessoas, de que essa é uma solução palpável que pode acontecer, do



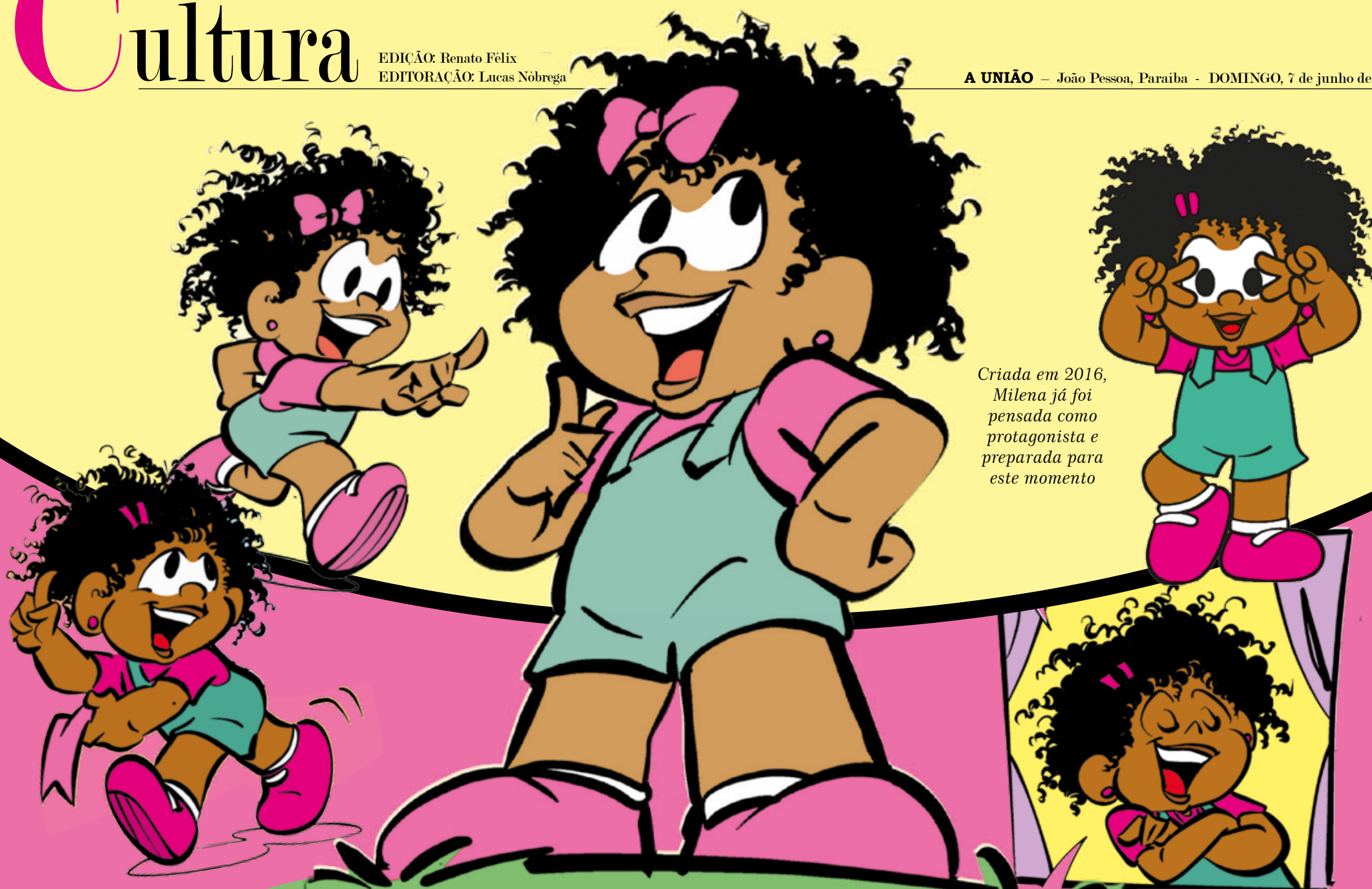
Foto: Arquivo pessoal

São poucas iniciativas, por isso entendemos que é importante ampliar esse debate

Amélia Nóbrega

que você só pôr dificuldades e falar que não comercializa. Porque é isso que acontece hoje em dia com muitos produtos, que são recicláveis, mas regionalmente não tem mercado. E as pessoas não pensam em como articular a cadeia para fazer acontecer a coisa certa”, destaca.

■ **Iniciativa ajuda a ampliar a consciência ambiental na comunidade**



Imagens: Divulgação/MSP Estúdios

Criada em 2016, Milena já foi pensada como protagonista e preparada para este momento

QUADRINHOS

A hora e a vez de Milena

A primeira protagonista negra da Turma da Mônica ganha seu primeiro gibi próprio, reafirmando o sucesso

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali. Por mais de 50 anos, esse foi o quarteto protagonista da Turma da Mônica. Mas, agora, o grupo principal está consolidado como um quinteto complementado por Milena. A primeira protagonista negra entre as criações de Maurício de Sousa tem seu sucesso refletido na estreia de seu gibi próprio: o número 1 está nas bancas e é o primeiro lançamento solo, em 37 anos, para um personagem da turma.

O lançamento acompanha a nova fase dos gibis de Maurício, que reiniciou as numerações de *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Chico Bento*, *Magali* e *Turma da Mônica*. O padrão rígido de desenho, que vinha sendo criticado pelo uso pobre de banco de imagens, deu lugar a traços mais soltos e pessoais dos desenhistas. E *Milena* estreia fechando a edição com uma história cujo roteiro é da escritora Eliana Alves Cruz. Não é por acaso que Milena chegou onde chegou. Criada em 2016 e aparecendo oficialmente nas histórias em quadrinhos desde 2018, a personagem foi preparada para ocupar este espaço.

“A decisão foi estrutural desde 2019”, conta Wagner Bonilla, *head* de Publishing da MSP Estúdios, em entrevista para *A União*. “A Milena foi concebida para o núcleo central da Turma da Mônica, com estrutura narrativa de protagonista desde o primeiro momento. O que fizemos foi construir essa presença de forma consistente em múltiplas frentes, como na série *Milena & Franjinha: em busca da ciência*”, disponível na HBO Max; no livro *Milena e o enigma do pássaro antigo*, lançado em 2025, pela Editora Malê, com Eliana Alves Cruz; a série *live-action Turma da Mônica: origens*, da Globoplay. A revista chega como o passo seguinte de uma trajetória que já estava em curso, não sendo um ponto de chegada, mas sim uma etapa do processo”.

Embora esteja, agora, ganhando um gibi quinzenal com seu nome, não é a primeira vez que Milena estrela uma revistinha. Ela já vinha, consistentemente, ocupando as capas e histórias de abertura da revista *Turma da Mônica*, um título do rol das publicações de Maurício de Sousa no qual não há um personagem fixo protagonizando. Nos últimos três anos, é possível classificar como ex-

ceções as vezes em que Milena não foi a estrela da capa. Mas Bonilla não classifica isso como um teste para a personagem ganhar seu título próprio.

“Não foi um teste porque isso pressupõe dúvida sobre a capacidade da personagem, e isso nunca aconteceu”, afirma. “O que tínhamos era um processo editorial de ampliar a presença da Milena de forma progressiva em todos os formatos, dado o contexto em que os demais protagonistas da Turma da Mônica já estão há décadas no imaginário nacional”.

Ele conta que a decisão de lançar *Milena* já existia. “O que variou foi o *timing*, determinado pela maturidade do processo criativo e editorial, não pela confirmação de que a personagem funcionava”, prossegue. “Ela sempre funcionou, e a presença nas revistas da turma faz parte dessa construção contínua”, reforça.

Bonilla defende que a comédia não é tratada de forma diferente por causa da responsabilidade social envolvida no trato com uma protagonista negra. “É da mesma forma que é tratada com a Mônica, o Cebolinha, o Cascão e a Magali. A Milena é bastante bagunceira, competitiva, curiosa e questionadora, como muitas crianças da atualidade. A representatividade está em quem ela é, não em como as histórias são construídas”, explica. “As histórias precisam ser engraçadas, ser identificáveis, precisam entreter. É exatamente isso que o universo da Milena entrega, com liberdade para explorar o lado mais irreverente da personagem”.

Agora, com o título próprio, surge a expectativa sobre o futuro da personagem e o que ela ainda tem a crescer. “A revista amplia o espaço narrativo da personagem.

Com um título próprio e publicação quinzenal, conseguimos aprofundar a perspectiva da Milena com muito mais liberdade, trazendo novas tramas, o seu núcleo familiar e mais luz para sua personalidade”, explica Wagner Bonilla. “Isso retroalimenta as outras plataformas e expande as possibilidades de licenciamento. Há outros lançamentos previstos, novos produtos chegando”.

O novo gibi também é uma reafirmação da identidade desses personagens com os quadrinhos, num momento em que as bancas estão reduzindo a cada ano e em que a empresa investe também em animações e filmes *live-action*. *Milena* agora faz parte de um conjun-

to de sete gibis, cada um com 52 páginas e publicado a cada 15 dias.

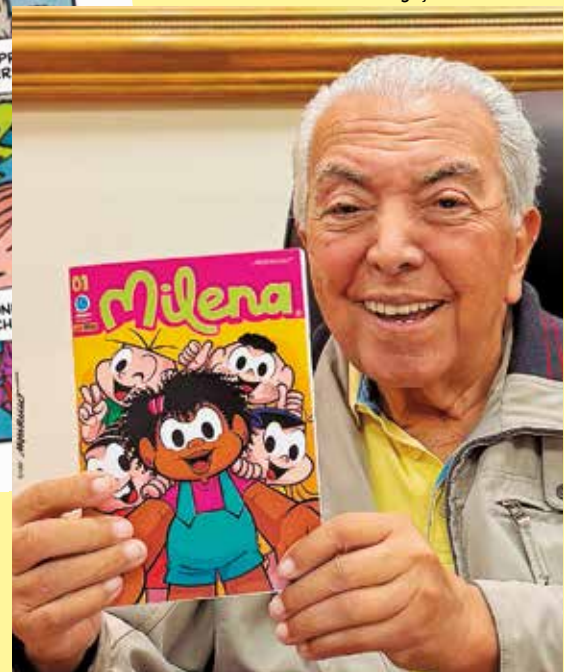
“O lançamento da revista quinzenal da Milena não é um movimento isolado no mercado editorial, mas, sim, parte de um movimento maior de uma empresa em crescimento. A MSP Estúdios está em um momento de expansão em todas as suas frentes”, confina. “Contratamos novos desenhistas, ‘rebootamos’ toda a linha quinzenal com identidade visual renovada, novas entregas de *live experience* e mais obras audiovisuais, além de outras possibilidades na área editorial, com nossos modelos de assinatura e o *Monicaverso*, aplicativo online para leitura do nosso portfólio. Seguimos investindo em todas as plataformas onde nossos personagens estão presentes.

A nova fase já está sendo elogiada pelos novos traços, que permitem mais personalidade própria aos desenhistas e reduzem o excesso de repetição advinda do uso de banco de imagens. “Estamos sempre atentos às demandas do nosso público e ao debate. O *reboot* das revistas quinzenais trouxe uma identidade visual atualizada, mais diversificada, traços mais dinâmicos, arrojados e vibrantes em toda a linha, gerando ainda mais conexão com a geração atual de crianças.



Imagem: Divulgação/MSP Estúdios

Foto: Divulgação/MSP Estúdios



Acima: desenho de Dennis Oyafuso, com os traços mais soltos para a história de abertura do novo gibi; ao lado: Mauricio de Sousa com a capa de Milena 1

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

O lugar do outro

As minhas aulas de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena vêm rendendo ótimos debates. Na semana passada, discutimos o texto “A imanência do inimigo”, de Eduardo Viveiros de Castro. À primeira vista, o tema parecia distante da realidade dos estudantes: guerras indígenas, vingança, antropofagia ritual e os arawetés. No entanto, bastaram alguns minutos de conversa para que a turma percebesse que o texto trata de questões muito mais próximas de nós do que imaginamos. Afinal, como construímos nossa identidade? Precisamos eliminar o outro para saber quem somos ou é justamente a relação com a diferença que nos constitui?

Nas semanas anteriores, havíamos estudado textos de Darcy Ribeiro sobre a formação histórica do Brasil. Discutimos a violência da colonização, a escravidão indígena, a mestiçagem e os mecanismos que consumiram vidas humanas para erguer a sociedade colonial. Em “A imanência do inimigo”, porém, ocorre uma mudança de perspectiva. Em vez de observar os povos indígenas apenas como personagens da história da colonização, somos convidados a compreender como eles próprios concebiam o mundo, as relações sociais e a guerra.

Os cronistas europeus que chegaram à América frequentemente descreviam as guerras indígenas como irracionais, cruéis e intermináveis. Acostumados a

pensar a guerra como instrumento de conquista territorial, obtenção de riquezas ou submissão do adversário, tinham dificuldade em compreender conflitos que pareciam não buscar uma vitória definitiva. É justamente aí que reside a provocação de Viveiros de Castro. Entre os arawetés, o inimigo não era apenas alguém a ser derrotado ou eliminado. Ele ocupava um lugar central na própria vida social. A relação com o inimigo, marcada pela vingança e pela reciprocidade, ajudava a produzir identidades e a organizar o mundo.

Essa ideia causa estranhamento porque estamos habituados a imaginar que os grupos humanos se definem pela exclusão daquilo que é diferente. O texto sugere algo distinto: para os arawetés, a alteridade não era um problema a ser resolvido, mas uma condição da existência coletiva. O outro não aparecia apenas como ameaça. Ele era também fonte de reconhecimento e de transformação. Em outras palavras, a identidade não nascia do isolamento, mas da relação.

A discussão em sala de aula rapidamente ultrapassou os limites da história indígena. Alguém observou que, ainda hoje, vivemos em uma sociedade que frequentemente transforma a diferença em motivo de hostilidade. Divergências políticas, religiosas ou culturais são tratadas como obstáculos à convivência. Parece existir uma expectativa permanente de

que todos pensem da mesma maneira. O texto de Viveiros de Castro nos convida a questionar essa lógica. Talvez a diferença não seja um defeito da vida social, mas uma de suas condições fundamentais.

Estudar os povos indígenas é também aprender a desconfiar das certezas herdadas. Durante séculos, eles foram descritos a partir de categorias europeias que os apresentavam como atrasados, selvagens ou incapazes de produzir conhecimento. A antropologia contemporânea tem mostrado justamente o contrário. As sociedades indígenas elaboraram formas complexas de pensar a pessoa, a natureza, a política e as relações humanas. Ignorar essas contribuições significa empobrecer nossa compreensão da experiência humana.

Foi esse o ponto que mais mobilizou a turma. Ao final da aula, ficou claro que estudar os povos indígenas não é apenas olhar para o passado. É também refletir sobre o presente e sobre nossa própria capacidade de conviver com a diferença. Talvez seja essa uma das principais contribuições do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena: mostrar que há muitas maneiras de ser humano e que nenhuma delas pode ser compreendida adequadamente quando observada apenas pelos olhos de quem se considera o centro do mundo. Em tempos de intolerância e polarização, essa talvez seja uma lição mais atual do que nunca.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Subjetividade e angústia

O filósofo e teólogo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813–1855) é reconhecido como um dos precursores da filosofia existencialista moderna, corrente que enfatiza a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade. O pensador defendia que a existência humana não pode ser plenamente compreendida por meio da razão abstrata ou de construções conceituais universais. Sua reflexão filosófica concentra-se na angústia existencial e na experiência subjetiva da fé, sustentando que a filosofia deve voltar-se para os problemas concretos da existência humana. Nesse sentido, a pessoa ocupa posição central em sua obra, uma vez que a verdade existencial é alcançada por meio da experiência vivida e da apropriação subjetiva do sentido da existência. Essa perspectiva constitui uma crítica à tendência de parte da filosofia moderna de reduzir o ser humano a categorias abstratas, negligenciando sua concretude e singularidade.

Um dos aspectos fundamentais de seu pensamento é a concepção de que o sentido da vida está relacionado à relação pessoal do indivíduo com Deus. Kierkegaard sustentava que cada pessoa deve construir seu próprio caminho existencial por meio de escolhas autênticas. A autenticidade exige o reconhecimento da finitude humana e a disposição para assumir a responsabilidade pelas próprias decisões, mesmo diante da incerteza e do absurdo. Em seu livro *O conceito de angústia* (1844), ele a define como a experiência psicológica decorrente da consciência da liberdade. Diferentemente do medo, que possui um objeto determinado, a angústia



Foto: Reprodução/Ex-Isto

Estátua de Kierkegaard em Copenhague, capital da Dinamarca

emerge diante das infinitas possibilidades de escolha que se apresentam ao indivíduo. Trata-se de uma espécie de vertigem da liberdade, produzida pela percepção de que cada decisão implica responsabilidades e consequências. Nesse sentido, a angústia desempenha uma função positiva, pois impulsiona o indivíduo ao autoconhecimento e ao desenvolvimento espiritual.

De forma coerente, a fé constitui o núcleo de sua reflexão filosófico-religiosa. Em *Temor e tremor* (1843), Kierkegaard apresenta a fé como um compromisso absoluto com Deus, que transcende os limites da racionalidade humana. A verdadeira fé não resulta de demonstrações lógicas ou de evidências objetivas, mas de uma decisão existencial caracterizada pelo que o filósofo denominou “salto de fé”. Essa atitude exige confiança radical no divino, mesmo diante da impossibilidade de uma

justificação racional completa. Nesse contexto, Kierkegaard critica as instituições religiosas que transformam a experiência religiosa em mera formalidade social, defendendo uma relação íntima, autêntica e pessoal entre o indivíduo e Deus.

A estrutura de sua filosofia existencial pode ser compreendida por meio da teoria dos três estágios da existência. O primeiro é o estético, caracterizado pela busca do prazer imediato, pela valorização das experiências sensoriais e pela tentativa de evitar o tédio e o sofrimento. Essa forma de vida conduz frequentemente ao vazio existencial e à insatisfação permanente. O segundo é o ético, no qual o indivíduo assume compromissos duradouros e passa a orientar sua vida por princípios morais universais. Nesse estágio, desenvolvem-se a responsabilidade, o dever e a consciência moral, elementos que conferem maior

estabilidade à existência. O terceiro e mais elevado é o religioso, marcado pela relação direta com Deus. Nesse processo, a pessoa transcende a ética universal por meio da fé, realizando uma entrega total ao divino.

Outro conceito fundamental de sua obra é a tese de que a “verdade é a subjetividade”. Essa formulação não implica a negação da verdade objetiva, mas enfatiza que as questões decisivas da existência — como a fé, o sentido da vida e a identidade pessoal — exigem envolvimento interior, paixão e compromisso existencial. A verdade mais importante para o indivíduo é aquela que é vivida, apropriada e incorporada à sua própria existência.

Em seu livro *A doença para a morte* (1849), Kierkegaard desenvolve o conceito de desespero como uma condição espiritual resultante da incapacidade do indivíduo de tornar-se verdadeiramente ele mesmo. O desespero surge quando a pessoa se afasta de sua relação autêntica com Deus ou tenta escapar de sua própria condição existencial. Dessa forma, sua superação depende do reconhecimento da própria identidade e da reconciliação do indivíduo com sua dimensão espiritual.

Sinta-se convidado para a audição do 571º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 7, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre a vida e a superação das crises decorrentes do transtorno bipolar do regente e compositor alemão Otto Klemperer (1885–1973).

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Macunaíma
hoje

Em 1928, *Macunaíma* fará 100 anos e a gente festeja essa descoberta de Mário de Andrade, um clássico do modernismo brasileiro. Fui reler a obra, o texto integral, lançado pela Nova Fronteira, em formato de bolso. Maravilha.

A obra narra as aventuras de um índio preguiçoso e mulhengo que viaja da Amazônia para São Paulo em busca de seu amuleto perdido. Conhecido como o “herói sem nenhum caráter”, ele simboliza a identidade e a miscigenação do povo brasileiro.

A estrutura do texto mistura lendas indígenas, folclore e crítica social com uma linguagem experimental, urbana, criando um retrato mítico e bem-humorado do Brasil.

Atemporal quanto a sua indicação, o livro mostra o que define uma obra ao se referir ao Brasil, que o autor nunca terminou de dizer. É impressionante o jogo linguístico e escancarado já no parto de *Macunaíma*, que nasce no fundo do mato virgem. No filme de Joaquim Pedro de Andrade, da década de 1960, o ator Grande Otelo (um homem adulto interpretando o recém-nascido) com Paulo José fazendo o papel de sua mãe causou um impacto imediato. E tem a chegada de *Macunaíma* às portas do palácio de Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, comedor de gente.

Macunaíma está nas ruas implicitamente, ao nos espelhar nessa caracterização da ideia de que o texto nunca deixou de encontrar os olhos e ouvidos dispostos a atualizar o que o personagem tinha, tem e terá para oferecer.

Somos todos *Macunaíma* nessa diacronia de sua transcendência de alcançar sentidos humanos em busca dos mesmos novos sentidos. É como se vivêssemos em círculos sem evoluir e vivemos, não tem saída.

O Brasil fabrica seus macunaímas todo santo dia e todo dia é santo, num país cheio de feriados, fiados, num canto vazado da língua portuguesa, numa prosa experimental que Mário de Andrade joga na sociedade que não muda, só acumula essa projeção alocada, sempre nos limites do que é virtual e do que empírico.

O autor divide seu olhar com o balacobaco da urgência das questões do seu tempo presente e a perenidade das lições de casa, que levamos para as ruas.

Estamos lá desde as caravelas de Cabral, do móido estabelecido, de modo a (re)construir as coisas e significações ininterruptamente contemporâneas. Eu não sei por que contemporâneas, se a obra é um clássico.

Eu ando perguntando às pessoas — as que possivelmente tem uma identificação com a literatura brasileira — e muitas não sabem nada de *Macunaíma*, da leitura desse que representa uma apropriação anacrônica do que precisamos lembrar e do que almejamos. É imenso o número de pessoas que não leem em nosso país, e não estou falando de quem não gosta de ler ou diz que não tem tempo. O tempo esfola quem não lê ou se dá ao prazer de conhecer outras histórias longe da vida como ela não é.

Macunaíma é o desejo de derrubar conceitos, de criar ambiguidades. De mostrar no plural. Um livro programado para fugir dos moldes tradicionais do começo ao fim, em que o experimentalismo e nacionalismo se aproximaram.

É a cara do Brasil, desregionalizado entre lógicas mais globais ou flexíveis e desgovernado sem fim.

Kapetadas

1 – A vantagem de envelhecer é aprender a engolir sapos. A desvantagem é que eles voltam como refluxo.

2 – A Meta criou um aplicativo para comunidades anônimas discutirem entre si. No passado, isso se chamava bar.

Foto: Divulgação/VideoFilmes

Grande Otelo em *Macunaíma*, clássico do cinema brasileiro

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Mera utopia, uma indústria de cinema na Paraíba

Vejo com simpatia as medidas anunciadas atualmente pelo governo para a atividade audiovisual em nosso estado, quando de um evento acontecido há duas semanas, no Centro Histórico desta capital. Embora veja também muito mais como retórica governista, quando se anuncia ser o edital destinado à “indústria cinematográfica, com foco na produção de cinema, filmes e séries”, para se justificar a destinação dos recursos.

Ora, tratar o cinema paraibano como “indústria”, acredito ser pretensão até demais. Sobretudo, quando sabemos que o nosso cinema jamais galgou esse patamar, que é o de uma real indústria cinematográfica. Mais ainda, com recursos de apenas R\$ 3 milhões, como está sendo anunciado pela Secretaria de Estado de Cultura.

Sobre os editais e seus valores, existem algumas questões a serem então analisadas. Não que tais recursos não sejam necessários a um apoio sistêmico da atividade audiovisual. Mas, no que diz respeito à forma como são alocados, para quem e quando. Principalmente em anos eleitorais como os que se nos avizinham.

Muito temos observado esses aspectos, sem jamais esquecer o lado mais glamouroso, qual seja o do uso da Cultura através das formas artísticas mais diversas e que se conseguiu imprimir até hoje. Acreditamos na chamada “cultura institucional” como modo de valo-



Foto: Divulgação/MK2

Charles Chaplin em Tempos modernos: um olhar do cinema sobre a industrialização

rizar e apoiar as manifestações culturais. Só que isso não tem chegado para todos, porquanto, entre a filosofia da instituição cultural e o seu ato em si, meramente administrativo, claro, existem longos caminhos.

Por ser uma “arte de luz”, como sentenciara o genial Federico Fellini, a rigor, ela não é só de cenas claras e brilhantes, como se tem na televisão. Ela é muito mais diáfana, sublimada, quando exercida através do cinema. Por isso, continuo afirmando: o grande mistério do cinema está nele mesmo; no seu

mito, que nos enleva e transporta. E, contextualizando sobre a desavisada expressão “indústria de cinema”, existe uma certa sofisticação em tudo que se tem anunciado.

Atualmente, uma medida aprovada pelo Governo Federal, assegurando recursos à produção de cinema na Paraíba, que acredito ser necessária e de bom tom, vem sendo confundida como “indústria de cinema”. Expediente que realmente, entendo como uma mera utopia. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC e Decom celebrarão o Dia de Aruanda

A Academia Paraibana de Cinema (APC), representada pelo prof. João de Lima Gomes, estará, no próximo mês, na reunião da chefia do Departamento de Comunicação da UFPB. O encontro será ordenado pelo professor Dinarte Varela, coordenador do projeto Alumia. A reunião será realizada com a chancela das entidades do evento Dia de Aruanda, no dia 17 de setembro.

Recentemente, a academia de cinema participou dos debates sobre o documentário *O Nordeste sob a Caravana Farkas*, no cineclube da FCJA, uma produção paraibana que teve incentivos da Secretaria Estadual de Cultura da Paraíba, via Lei Paulo Gustavo do Ministério da Cultura.

SÉRIE

A cinco dias da Copa, Brasil 70 é bom esquentar

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Às vésperas da semifinal contra o Uruguai, em 1970, a Seleção Brasileira começa a ser assombrada pelo “fantasma da Copa de 1950” (o Brasil perdera aquele título para os uruguaios no Maracanã, o que traumatizou a nação). Pelé começa a caminhar sonâmbulo pelos corredores da concentração. O técnico Zagallo vê as luzes do seu quarto piscarem, sua estatueta de santo cai e quebra a cabeça. O goleiro Félix começa a ver o fantasma de Barbosa (o goleiro de 1950 e que estava bem vivo) por todo lado. Isso aconteceu mesmo?

Essa parte do quarto episódio de *Brasil 70: a saga*

do tri resume bem o que é a série. Tenta equilibrar um reprodução fiel dos lances históricos no campo com uma humanização dos super-heróis do gramado, ao mesmo tempo em que mitifica várias situações da trajetória da Seleção de 1970. “Quando a lenda for mais interessante que a verdade, imprima-se a lenda”, já dizia John Ford.

A série dramatiza a caminhada do Brasil rumo ao título, elencando as questões que acompanharam a Seleção. A ascensão e queda de João Saldanha como técnico, mesmo tendo levado o Brasil à classificação nas eliminatórias; a desconfiança com o time, após o fracasso da Copa de 1966, e com o desempenho de Pelé, em

particular; o impasse entre torcer pela Seleção e não compactuar com o uso político que a Ditadura faria de um título; o trauma de 1950 pairando no ar.

A partir daí, a série opta pelo mítico e não pelo estritamente factual em diversos desses momentos, o que certamente irrita quem viveu ou conhece bem a Copa de 1970. O comunista Saldanha foi demitido porque afrontava a Ditadura? Embora a cena da frase “Nem eu escalo ministério, nem o presidente escala time” seja reproduzida com fidelidade, os jornalistas da época dizem que ele não foi demitido por isso (ou só por isso).

Assim, a série não deve ser encarada como um documentá-

rio sobre o tri. Mas pode ser até um ponto de partida para conhecer melhor a história, recorrendo a livros e vídeos para saber se aquilo que está em *Brasil 70* aconteceu mesmo, e daquela forma.

Rodrigo Santoro, como Saldanha, brilha e o personagem permanece o tempo todo em cena como um contraponto esportivo e político. Bruno Mazzeo também defende bem o seu Zagallo. E os atores que interpretam os jogadores dão conta: a semelhança de Lucas Agrícola com Pelé, em particular, é surpreendente.

Na reta final, o “clima de Copa” toma conta. A cinco dias do torneio, assistir um episódio por dia é um bom esquentar.



Mazzeo é Zagallo, Lucas Agrícola é Pelé e Santoro é João Saldanha

Foto: Divulgação/Netflix

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

O desespero da leitura

Harold Bloom fala da angústia da influência. Eu falo do desespero da leitura. Desde menino, leio muito. Sou onívoro no que concerne a letras, fonemas e palavras. Leio de um tudo e de uma maneira absolutamente indisciplinada. No entanto, mesmo com essa experiência acumulada ao longo do tempo, confesso que me sinto incapaz de conceituar o que seja a leitura.

Jorge Luís Borges ventila a possibilidade de que a leitura seria uma delicada aventura ou uma espécie insólita de felicidade. Jomard Muniz de Brito acredita que ler só dá prazer. Cada um, a partir de seus critérios, diz isso e aquilo da leitura, para tentar exprimir o sabor individual dessa experiência mágica.

Seria mesmo a leitura uma mágica experiência? Não sei. Sei apenas o que me compete no estreito limite do leitor que sou. E sou, não tenho dúvidas, um leitor precário, com lacunas imprevisíveis; um leitor nervoso, volúvel, idiossincrático, circular.

Também vivo o desespero de não ter lido certos livros, de não poder ler mesmo muitos livros que tenho. Claro que me refiro, aqui, àquela noção padronizada de leitura, típica de professores e eruditos, calcinados pela neurastenia de uma decodificação completa e definitiva, se é que isso, de fato, existe.

Tal postura me desespera. Tento me aliviar com a teoria de que a leitura pode ser considerada uma prática da convivência. Digo isso para provar que li e leio, ao calor das horas mortas das minhas noites e dos meus dias brancos, todos os 22.457 volumes que constam, por enquanto, de minha amada biblioteca. Se me ativer aos títulos, são muito mais. Convivo diuturnamente com eles, arrumando-os nas estantes, cuidando de sua assepsia, espiando a ordem que dispus para juntá-los no âmbito de uma significação qualquer.

Se não fiz o percurso da primeira até última página, me detive, contudo, num parágrafo especial. Observei o desenho da capa, as ilustrações; li orelhas, prefácios, posfácios, epígrafes, dedicatórias, sumários e outros paratextos que nos introduzem, à sua maneira, em aspectos singulares do conteúdo e da forma.

Em contraposição, há livros que li uma dezena de vezes de cabo a rabo. Outros que vivo lendo e relendo a vida inteira. Essa mesma “que poderia ter sido e que não foi”, só para lembrar o emblemático verso de Manuel Bandeira. Livros de consulta, obras referenciais, enciclopédias, dicionários, manuais, gramáticas etc.

No terreno das preferências subjetivas, contam sobretudo os livros literários. Romances, contos, ensaios, poemas, memórias, diários, cartas e outras espécies. Certos autores e certas autoras como que formam uma rede íntima e amorosa no ciclo transversal de minhas afinidades e de meus gostos. Dito de outro modo: constituem uma biblioteca especial dentro da biblioteca.

Meu orgulho maior é conhecer cada um por dentro e por fora. Meu prazer melhor é com cada um conviver e exercitar as carícias da leitura para atenuar o meu desespero.

Foto: Divulgação



Jorge Luís Borges: a leitura é uma espécie insólita de felicidade

LITERATURA

Livro é para ser lido “com a pele”

A selva nos seus olhos reúne poemas que articulam erotismo e natureza

Eduardo Augusto
Especial para A União

Há livros que se leem com os olhos. Outros, com a pele. *A selva nos seus olhos*, de Luís Perdiz, exige mais: pede que o leitor respire junto com a frase, que sinta o calor da seiva e o rumor de uma anta invisível entre os versos.

Publicado pela Editora Primata, o volume contemplado por uma bolsa de criação literária do Proac e vencedor do edital Pnab nº 28/2024 aprofunda uma das veias mais potentes da produção do escritor, editor e compositor paulista: a articulação entre erotismo, natureza e transfiguração sensorial. Logo no verso inaugural, a chave entrega-se: “Eu vi a selva nos seus olhos e vivi / tanto tempo que me aqueço ao lembrar”. A memória, aqui, não é fria recordação — é combustão.

A estrutura do livro aproxima-se do poema contínuo. Cada unidade funciona como uma clareira autônoma, mas o conjunto respira coeso, como se todos os poemas fossem va-

riações de um mesmo sonho tropical. A paisagem natural não é pano de fundo: é protagonista. Flora, fauna e forças geológicas tornam-se operadores de uma poesia que tensiona as fronteiras entre o humano e o não humano. “Flor insaciável à contraluz. / Boca de mel. / Rugidos no ouvido”, o verso condensa sinestesia e desejo num só golpe.

O erotismo, nesse contexto, deixa de ser apenas tema e torna-se princípio organizador da linguagem. O desejo corre como seiva entre corpos, plantas, bichos e astros. Perdiz dissolve categorias biológicas com uma ousadia quase xamânica: “Onde o puma é o tamanduá / o tamanduá é o puma / e o guariba dança com a jiboia”. Não se trata de confusão, mas de uma visão de mundo que relativiza a centralidade humana e insere o sujeito numa teia de conexões selvagens.

Formalmente, o poeta aposta na economia verbal e na condensação imagética — traços que aproximam seus versos da tradição do fragmento lírico, mas sem

jamais perder a densidade alusiva. Calor, fogo, seiva: essas imagens recorrem como metáforas da pulsão erótica. Em certo momento, porém, o livro surpreende ao entrecruzar corpo e território até desaguar no verso “toda úmida, por trás da cortina / a América Latina respira”. O erotismo expande-se: de encontro íntimo a respiração continental. A paisagem latino-americana torna-se organismo vivo, e o desejo atravessa geografias, memórias e culturas.

Há, ainda, uma dimensão musical notável, herança da formação de Perdiz como compositor. A cadência dos versos, a reprodução de ritmos internos e a sonoridade das vogais transformam o livro numa experiência que se aproxima do poema-canto.

A selva nos seus olhos não idealiza o mundo natural. Reconhece-o como território de forças: seiva, sangue, instinto, ancestralidade. Ao fim da leitura, fica a impressão de ter atravessado uma mata fechada, onde cada poema é uma trilha que exige que o leitor se

perca um pouco para encontrar seu próprio caminho. Entre seivas, corpos e constelações imaginárias, Luís Perdiz nos chama a desacelerar e a ouvir o ritmo mais antigo da vida — aquele em que desejo, memória e a natureza respiram na mesma cadência.

Foto: Divulgação



Luís Perdiz aposta na economia verbal e na condensação imagética em seu livro

Foto: Divulgação/Primata



Em Cartaz



Cinema

Programação de 8 a 14 de junho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

BLUEY NO CINEMA – DIVERSÃO COM AMIGOS (*Bluey at Cinema – Playdates with Friends Collection*). Austrália/EUA, 2026. Compilação de oito episódios da série animada *Bluey*. 1h. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h, 14h30.

CORDÉLICOS – A ORIGEM DO CABRA DA PESTE. Brasil, 2026. Dir.: Ale McHaddo. Vozes: Bruno Garcia, Falcão, Raissa Xavier, Marcelo Mansfield, Tadeu Mello. Comédia/animação. Cangaceiros viajam no tempo até o ano 3333 e enfrentam aventuras enquanto tentam voltar para sua época. Sequência da série animada de 2021. 1h08. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h30, 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 15h30.

EUNÃO TE OUÇO. Brasil, 2025. Dir.: Caco Ciocler. Elenco: Marcio Vito. Comédia. Manifestante de extrema direita se agarra à frente de um caminhão e o motorista o leva em uma jornada. 1h12. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 8/6: 19h30; sex., 12/6: 15h; ter., 16/6: 18h30; qua., 17/6: 15h30; qui., 18/6: 18h20; sáb., 27/6: 16h30; ter., 30/6: 18h50.

MESTRES DO UNIVERSO (*Master of the Universe*). EUA, 2026. Dir.: Travis Knight. Elenco: Nicholas Galitzine, Camila Mendes, Idris Elba, Jared Leto, Alison Brie, Morena Baccarin, Kristen Wiig (voz). Aventura. Príncipe que caiu na Terra quando criança consegue voltar a seu planeta para enfrentar o vilão Esqueleto como o herói He-Man. 2h12. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30; leg.: 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 14h40, 17h40, 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h40, 16h30, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 13h, 15h45, 18h30; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 17h, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h30, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): dub.: dom.: 14h10, 18h30; seg. a qua.: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h25, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: dom.: 14h10, 18h30; seg. a qua.: 18h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h25, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 15h. CINE GUEDES 3: dub.: 16h10, 18h40, 21h15. **PATOS**

MULTIPLEX 3: qui. a ter.: dub.: 15h05, 18h, 20h50; sex.: dub.: 15h05, 18h; leg.: 20h50; qua.: dub.: 15h10, 18h, 20h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 18h30, 21h10.

SURDA (*Deaf*). Espanha, 2025. Dir.: Eva Libertad. Elenco: Miriam Garlo, Álvaro Cervantes, Elena Irureta. Drama. Mulher surda enfrenta a criação de uma filha em um mundo adverso. 1h39. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 7/6: 19h; sex., 12/6: 16h30; seg., 15/6: 17h; ter., 16/6: 20h; sex., 26/6: 15h; dom.: 28/6: 20h; ter., 30/6: 17h.

TODO MUNDO EM PÂNICO (*Scary Movie*). EUA, 2026. Dir.: Michael Tiddes. Elenco: Anna Faris, Regina Hall, Marlon Wayans. Comédia. Amigos voltam a ser ameaçados por um assassino mascarado. Sexto da série iniciada por *Todo Mundo em Pânico* (2000). 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h20, 19h20; leg.: 17h10, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 13h50, 16h, 18h20, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 16h45, 19h; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h, 16h15, 18h40, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): dub.: 16h40, 21h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: dom.: 14h35, 18h55; seg. a qua.: 18h55. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h40, 21h. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: dom.: 14h35, 18h55; seg. a qua.: 18h55. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h, 17h10, 19h05, 21h; seg. a qua.: 17h10, 19h05, 21h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom. a ter.: dub.: 16h45, 18h55, 21h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h30, 21h30.

PRÉ-ESTREIA

DIA D (*Disclosure Day*). EUA, 2026. Dir.: Steven Spielberg. Elenco: Emily Blunt, Josh O'Connor, Colin Firth, Eve Hewson, Colman Domingo. Ficção científica. Contatos alienígenas se tornam cada vez mais evidentes e algumas pessoas estão especialmente conectadas. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: dub.: 18h; leg.: 21h10. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 20h05.

ESPECIAL

DE LÁ PRA CÁ: UMA MOSTRA DA VARDÁ. Mostra dedicada ao cinema de Agnès Varda, com 14 longas e seis curtas. **Domingo, 7/6:** 15h – *Um canta, a outra não* (1977); 17h10 – *A ponte curta* (1955). **Segunda, 8/6:** 15h – *Muros e murmúrios* (1981); 16h40 – *Os catadores e eu* (2000); 18h15 – *Curtas Varda I*; **Terça, 9/6:** 15h – *Cléo das 5 às 7* (1962); 16h40 – *As criaturas* (1966); 18h25 – *Documentira* (1981). **Quarta, 10/6:** 15h – *Da guerreótipos* (1975); 16h30 – *Kung-Fu Master!* (1988); 16h45 – *Jane B. por Agnès V.* (1988). **Quinta, 11/6:** 15h – *As cento e uma noites* (1995); 17h – *Os renegados* (1985); 19h – *Curtas Varda 2*.

João Pessoa: CINEBANGUÊ: leg.: até 11/6.

CONTINUAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIODESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h20.

BACKROOMS: UM NÃO-LUGAR (*Backrooms*). EUA, 2026. Dir.: Kane Parsons. Elenco: Chiwetel Ejiofor, Renate Reinsve, Lukita Maxwell. Terror. Homem desaparece através de um portal em labirinto de corredores e sua terapeuta vai tentar encontrá-lo. 1h50. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h20, 17h, 19h40, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h30, 18h40, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30, 20h50; leg.: 18h40. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qua.: 18h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 20h20.

O DIABO VESTE PRADA 2 (*The Devil Wears Prada 2*). EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h40, 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h15, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 14h, 18h40; seg. a qua.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h, 18h40; seg. a qua.: 18h40.

O GÊNIO DO CRIME. Brasil, 2026. Dir.: André Felipe Binder. Elenco: Francisco Galvão, Bella Alelaf, Breno Kaneto, Samuel Esteves, Marcos Veras, Ailton Graça, Douglas Silva. Aventura/comédia. Quatro crianças investigam a falsificação de uma figurinha rara do álbum da Copa do Mundo. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h30.

MAMBEMBE. Brasil, 2026. Dir.: Fábio Meira. Documentário. Topógrafo cruza o caminho de três mulheres de tradição circense. 1h38. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: qua., 10/6: 19h50; sex., 12/6: 18h20; dom., 14/6: 19h30; ter., 16/6: 15h; seg., 29/6: 17h.

MICHAEL (*Michael*). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Juliano Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com

os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h, 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h15, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h20. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 17h35.

OBSESSÃO (*Obsession*). EUA, 2026. Dir.: Curry Barker. Elenco: Michael Johnston, Inde Navarrette, Cooper Tomlinson. Terror. Rapaz tem desejo atendido de que o alvo de sua paixão se apaixone por ele, mas com desdobramentos sombrios. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 17h15, 19h50.

OPORDERO ROSÁRIO. Brasil, 2026. Dir.: Tiago Benetti. Elenco: Myriam Rios, Alexandre Machafer, Bella Maria Benetti. Religioso/drama. Menina e sua mãe sofrem acidente e seus caminhos se cruzam com o de um fotógrafo cético. 1h46. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 15h15, 17h40.

QUEM TEM COM QUEM ME PAGUE NÃO ME DEVE. Brasil, 2026. Dir.: Glenda Nicácio e Ary Rosa. Elenco: Rodrigo Pandolfo, Renan Motta, Mariana Nunes. Comédia. Cineasta paulistano em dificuldades é convidado para dirigir clipe de cantor baiano. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 9/6: 19h40; seg., 15/6: 15h; qua., 17/6: 17h; qui., 26/6: 17h; dom., 28/6: 18h; ter., 30/6: 15h.

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS (*Animal Farm*). Reino Unido/Canadá/EUA, 2026. Dir.: Andy Serkis. Comédia/animação. Animais de fazenda se revoltam contra o dono e tomam o controle do lugar, mas surgem problemas internos. 1h35. 10 anos.

Patos: CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h25; seg. a qua.: 16h15.

STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU (*Star Wars: The Mandalorian and Grogu*). EUA, 2026. Dir.: Jon Favreau. Elenco: Pedro Pascal, Sigourney Weaver, Martin Scorsese (voz), Jeremy Allen White (voz). Aventura/ficção científica. Caçador de recompensas e seu pequeno aprendiz precisam resgatar o filho de um gangster em busca de informações. 2h12. 14 anos.

Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 20h50. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom. a ter.: 14h45; qua.: 17h15.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (*The Super Mario Galaxy Movie*). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h30.

Música

HOJE

SÃO JOÃO DE CAMPINA. Shows de ritmos variados. **Domingo, 7/6:** Natanzinho Lima, Tarácio do Acordeon, Raphaela Santos, Gitana Pimentel. **Terça, 9/6:** Padre Nilson, Irmã Kelly Patrícia, Ana Clara Rocha e Ítalo Poeta. **Quarta, 10/6:** Léo Magalhães, Matheus Fernandes, Magníficos, Matheuzin. **Quinta, 11/6:** Matuê, Jonas Esticado, Cavaleiros do Forró, Karkará. **Campina Grande:** PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/n, Centro). De 3/6 a 5/7. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 8/6, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS. Exposição do quadrista Val Fonseca com originais da tira *Augusto & Eu*.

João Pessoa: HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, nº 7, Varadouro). Visita diária, das 9h às 17h, até 21/6. Entrada franca.

ROMANE ISKARIA. Artista expõe fotografias em *Atlas sensível: topografia de um território vivo*.

João Pessoa: GALERIA ALEXANDRE FLHO (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambaí). Visita de terça a sexta, das 9h às 18h, sábados e domingos, das 10h às 18h, até 20/6. Entrada franca.

ROSILDA SÁ. Artista apresenta obras em cerâmica na exposição *Colecionar a permanência do gesto: tangas, orgânicos e geométricos*.

João Pessoa: SESC CENTRO DE CULTURA, ARTE E ESPORTE (R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Entrada franca.

ELEIÇÕES 2026

Vaquinhas virtuais já estão liberadas

Financiamento coletivo aproxima pré-candidatos do cidadão, mas é preciso ficar atento às regras da modalidade

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A vaquinha virtual, também conhecida como “crowd-funding”, é o único mecanismo previsto em lei que permite o financiamento de campanhas eleitorais antes do registro de uma candidatura. Desde o dia 15 de maio, pré-candidatos e partidos políticos estão autorizados a realizar a arrecadação de recursos para as eleições por meio do financiamento coletivo.

Dados das Eleições Municipais 2024 indicam que a arrecadação via financiamento coletivo movimentou R\$ 7,8 milhões, o que representa 0,05% do que foi arrecadado naquele pleito. No mesmo período, as doações de pessoas físicas somaram R\$ 2 bilhões, enquanto os fundos públicos (partidário e eleitoral) totalizaram R\$ 11,3 bilhões.

O assistente social Tarcio Teixeira, que já coordenou esse tipo de arrecadação, explica que as vaquinhas não se restringem ao objetivo financeiro. “Ela tem uma outra vantagem, que é facilitar o processo de pré-campanha [porque] permite um diálogo entre o pré-candidato e o cidadão que queira conhecer as suas propostas”, diz. Sendo assim, aportar algum recurso material é uma consequência da confiança do eleitor nas propostas apresentadas por um pré-candidato.

Origem

As vaquinhas virtuais foram adotadas no Brasil a partir de 2018, como uma resposta à proibição das doações empresariais para campanhas políticas, determinada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 4.650.

A premissa fundamental era que esse tipo de arrecadação democratizaria o acesso aos recursos, permitindo que candidaturas sem o respaldo de grandes estruturas

partidárias pudessem se viabilizar financeiramente por meio de pequenas doações de pessoas físicas.

A utilização desse tipo de verba é regida pela Lei nº 13.488/2017 e regulamentada pela Resolução TSE nº 23.607/2019, que foi atualizada pela Resolução nº 23.752/2026. Esse é o quinto ciclo eleitoral em que a modalidade é permitida no país, tendo sido utilizada nos pleitos de 2018, 2020, 2022 e 2024.

Doações

O funcionamento das vaquinhas baseia-se, exclusivamente, na contribuição de pessoas físicas, sendo terminantemente proibidas as doações de empresas ou de fontes estrangeiras. O total doado pelo mesmo CPF não pode exceder 10% do rendimento bruto que o doador declarou à Recei-

ta Federal no ano anterior.

As doações podem ser feitas via cartão de crédito, boletos ou Pix, desde que processadas por plataformas cadastradas previamente no TSE. Para transferências superiores a R\$ 1.064,10, a legislação exige que a operação seja eletrônica ou via cheque cruzado e nominal, para garantir sua rastreabilidade. O uso de criptomoedas é proibido.

Plataformas

A arrecadação não pode ocorrer no site pessoal do candidato ou pré-candidato e deve ser realizada por empresas que possuem cadastro prévio e aprovação do TSE. Essas entidades funcionam como intermediárias e devem exibir uma lista pública de doadores atualizada em tempo real.

O dinheiro arrecadado durante a pré-campanha fica

retido na plataforma e só é liberado ao candidato após o cumprimento de três requisitos cumulativos: registro oficial da candidatura; obtenção do CNPJ de campanha; e abertura de uma conta bancária específica para a movimentação financeira.

Caso o pré-candidato desista de concorrer ou tenha seu registro negado pela Justiça Eleitoral, a plataforma é obrigada a devolver os valores integralmente aos doadores.

Conforme Tarcio Teixeira, o sistema também facilita a prestação de contas, pois a maioria das plataformas que operam tal serviço apresenta um modelo de prestação de contas que, em sua essência, está de acordo com o que é exigido pelo TSE.

“No próprio sistema da vaquinha, aparece um extrato em um formato bem objetivo, que, quando inserido na prestação de contas, faz toda a inserção dos dados. O próprio sistema já faz essa migração e permite a prestação de contas da forma mais transparente possível”, relata.

Restrições e sanções

A principal restrição na utilização das vaquinhas durante o período de pré-campanha é o pedido de voto. O advogado José Augusto Neto, especialista em Direito Eleitoral, ressalta que a legislação veda essa conduta.

“[Contudo,] na prática, quando se faz o engajamento em redes sociais, na internet, quando se concede uma entrevista, na rádio, na televisão, seja lá o que for, aquele candidato ou pré-candidato está fazendo ali uma exposição e quem está vendo sabe que a pretensão dele com aquela exposição é conquistar o voto dos eleitores”, pondera.

O descumprimento das normas de uso das vaqui-

nhas implica diversas sanções e punições, como aplicação de multas, desaprovação das contas, cassação do registro ou mandato e até mesmo a inelegibilidade do candidato.

A utilização de CPFs “laranjas” ou a não identificação dos doadores pode acarretar a reprovação das contas. Além disso, caso o pré-candidato desista da candidatura

e não devolva os valores aos doadores, suas contas também podem ser reprovasadas.

“Mais do que o prejuízo financeiro, [essas irregularidades] podem trazer um prejuízo político grande para quem realmente tem interesse em seguir na vida pública, em ter novas candidaturas”, salienta o advogado José Augusto Neto.

As regras da vaquinha virtual

- **Quem pode doar:** apenas pessoas físicas (via CPF)
- **Limite de valor:** máximo de 10% do rendimento bruto declarado à Receita Federal no ano anterior
- **Formas de pagamento:** cartão de crédito, boleto ou Pix
- **Transações altas:** doações acima de R\$ 1.064,10 exigem transferência eletrônica ou cheque cruzado e nominal (para garantir rastreabilidade)
- **É proibido:** doações de empresas (CNPJ), doações de fontes estrangeiras e o uso de criptomoedas

União disponibiliza R\$ 4,9 bilhões para fundo especial de campanha

Além dos recursos levantados via financiamento coletivo, os candidatos às Eleições 2026 contarão com o Fundo Especial de Financiamento de Campanha (Fefc). Neste ano, serão disponibilizados R\$ 4,9 bilhões aos partidos, conforme comunicado da União ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Previsto na Lei das Eleições (Lei nº 9.504/1997), o Fefc foi criado em 2017, após a proibição de doações eleitorais por empresas, e passou a ser uma das principais fontes de custeio das campanhas eleitorais no país. O fundo é abastecido com recursos públicos previstos no orçamento da União e distribuído às legendas conforme parâmetros estabelecidos em lei.

Entre os critérios de divi-

são dos valores, estão o desempenho dos partidos nas últimas eleições para a Câmara dos Deputados e o número de representantes eleitos no Congresso Nacional. Após o recebimento dos recursos, cabe às direções partidárias definir como será feita a distribuição interna entre candidaturas e federações.

Renúncia

A legislação também garante aos partidos o direito de renunciar ao recebimento do Fefc. Nesses casos, a decisão deve ser comunicada formalmente à Justiça Eleitoral até 1º de junho, conforme prevê a Resolução TSE nº 23.605/2019.

Uso dos recursos

O uso dos recursos do fundo eleitoral deve obser-

var regras específicas de transparência e prestação de contas. Os valores podem ser utilizados para despesas relacionadas à campanha, como produção de material gráfico, impulsionamento de conteúdo na internet, contratação de pessoal, aluguel de espaços para eventos, transporte e serviços de comunicação.

Além disso, a Justiça Eleitoral fiscaliza a aplicação dos recursos e analisa posteriormente as prestações de contas apresentadas por candidatas, candidatos e partidos políticos. O descumprimento das normas pode resultar em devolução de valores ao Tesouro Nacional, desaprovação das contas e outras sanções previstas na legislação eleitoral.



Contribuições de pessoas físicas para campanhas não podem ser maiores que 10% do rendimento bruto informado pelo indivíduo na declaração do IR



José Augusto Neto: legislação veda o pedido expresso por voto

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Jane de Araújo/Câmara dos Deputados

Dos membros permanentes do bloco, Argentina e Uruguai foram os primeiros a concluir processo de ratificação do documento

RELAÇÕES EXTERIORES

Câmara aprova protocolo para defesa da democracia

Proposta inclui fechamento de fronteiras e suspensão de acordos de comércio

Da Redação
com agências

A Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) nº 1.290/2013, que contém o Protocolo de Montevideu sobre Compromisso com a Democracia no Mercosul. O documento, que será enviado ao Senado, atualiza o Protocolo de Ushuaia, assinado em 1998 e vigente desde 2002, que estabelece medidas a serem tomadas pelos Estados signatários em caso de ruptura da ordem democrática. O acordo aperfeiçoa os mecanismos de consulta entre os países e permite sanções mais contundentes.

Segundo o protocolo, o presidente de algum país-membro ou, na falta deste, seu ministro das Relações Exteriores, poderá pedir aos presidentes dos outros países do bloco uma sessão especial do Conselho do Mercado Comum se considerar que está havendo ruptura ou ameaça de ruptura da ordem democrática, violação da ordem constitucional ou qualquer outra situação que ponha em risco o legítimo exercício do poder e a vigência dos valores e princípios democráticos.

O Mercosul tem como membros permanentes Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Até agora, apenas Argentina e Uruguai ratificaram o protocolo, que precisa ser validado pelos quatro países para entrar em vigor.

Por meio dessa sessão especial, chamada de "sessão ampliada", o Conselho do Mercosul fará consultas imediatas com as autoridades constitucionais do país afetado e realizará gestões diplomáticas para promover o restabelecimento da democracia.

Se essas consultas forem infrutíferas ou se as autoridades constitucionais do país se virem impedidas de mantê-las, os presidentes dos demais países decidirão, em consenso, sobre as medidas a serem aplicadas ao país com problemas na democracia.

Deliberações

As medidas deverão ser proporcionais à gravidade da situação existente e não deverão colocar em risco o bem-estar da população e o gozo efetivo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais no país afetado, respeitando a soberania e a integridade territorial.

O protocolo lista as seguintes medidas:

- suspender o direito de participar nos diferentes órgãos da estrutura institucional do Mercosul;
- fechar de forma total ou parcial as fronteiras terrestres;
- suspender ou limitar o comércio, o tráfego aéreo e marítimo, as comunicações e o fornecimento de energia, serviços e abastecimento;
- suspender o país afetado quanto a direitos e benefícios emergentes do Tratado de Assunção e seus acordos de integração;
- promover a suspensão do país no âmbito de outras organizações regionais e internacionais;
- promover, junto a terceiros países ou grupos de países, a suspensão de direitos ou benefícios derivados de acordos de cooperação dos quais seja parte;
- respaldar os esforços regionais e internacionais, em particular no âmbito das Nações Unidas, em andamento para resolver e encontrar uma solução pacífica e demo-

crática para a situação ocorrida no país afetado; e

- adotar sanções políticas e diplomáticas adicionais.

União de países

O Mercosul foi instituído em 1991, pelo Tratado de Assunção. O objetivo principal do bloco econômico é propiciar um espaço comum capaz de oportunidades comerciais e investimentos, mediante a integração competitiva das economias nacionais ao mercado internacional.

Desde a sua fundação, o Mercosul promove, como alicerces da integração entre os países, os princípios de democracia e de desenvolvimento econômico. Alinhado a isso, foram formulados diferentes acordos em matéria migratória, trabalhista, cultural e social.

No fim de maio, autoridades políticas do bloco reuniram-se na 55ª Reunião de Ministros do Interior e Segurança do Mercosul e Estados Associados (RMIS) e na 63ª Reunião de Ministros da Justiça do Mercosul (RMJ), realizadas no Paraguai, sob a presidência do país anfitrião.

Na ocasião, foram analisadas estratégias conjuntas em matéria de segurança, justiça e combate ao crime organizado transnacional. Os líderes governamentais manifestaram interesse em coordenar ações com agências de segurança e organismos do Mercosul, com o

objetivo de identificar os mecanismos mais adequados para impedir que recursos provenientes de facções criminosas possam ser utilizados em campanhas políticas, para infiltrar ou corromper os órgãos públicos dos poderes do Estado e afetar a vigência da democracia.

O Brasil foi representado na reunião pelo ministro da Justiça e Segurança Pública, Wellington César Lima e Silva, que aproveitou a agenda internacional para firmar acordos bilaterais com o governo paraguaio. A estratégia inclui combate à corrupção e à lavagem de dinheiro; capacitação em análise e investigação financeira; intercâmbio de informações migratórias e sobre pessoas privadas de liberdade; e o enfrentamento do tráfico de armas e munições, entre outras iniciativas.

As agendas de cooperação jurídica e policial são mais um passo do Programa Brasil Contra o Crime Organizado, e atendem aos quatro eixos da maior ação de investimento na segurança pública do país nas últimas duas décadas:

- asfixia financeira das organizações criminosas;
- fortalecimento da segurança no sistema prisional;
- qualificação da investigação e do esclarecimento de homicídios; e
- combate ao tráfico de armas.



Foto: Divulgação/Mercosul

Representantes de nações do Mercosul participaram, recentemente, de reuniões no Paraguai

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (46)

Comprei um livro em um sebo, com autógrafa do autor para sua sogra. A velha deve ter se abufelado com o genro. Acabou vendendo o livro.

O autor é paraibano e o livro é "hilárico", como diria aquele radialista.

Por falar em livro usado, o projeto Biblioteca Viva está a todo vapor, em Solânea, na sede da Academia Solanense de Letras. Quem anuncia é o poeta Chicco Mello. "É uma beleza ver o povo trocando livros. A sensação de ter leitores é muito boa", disse.

Biblioteca Viva é um projeto da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, que comemora o cinqüentenário em 2026.

"O cachorro vai continuar sendo o melhor amigo do homem até o dia em que esse animal conhecer dinheiro" (Ameba, o mercenário).

"Jesus, e não a Virgem Maria, salvou o mundo" (papa Leão XIV).

"A Igreja hierárquica não pode, dado o avanço da consciência da igualdade dos gêneros, se transformar num reduto de conservadorismo e de machismo" (Leonardo Boff).

Quem salvou o mundo foi Stanislav Petrov, por ter decidido, em 1983, que os alarmes de um sistema de alerta soviético eram um erro, evitando uma retaliação nuclear contra os Estados Unidos e, assim, impedindo o início de uma guerra nuclear.

Eu salvei o mundo do meu gato Cirilo, ao tirar o bichinho da rua e tratar o "preto velho" durante 19 anos. Ele ainda vive e olha para mim com olhos de gratidão.

"Salva meu mundo", gritam Bruno & Marrone. Eu não salvaria o mundo dos sertanejos.

A religião sempre tentou provar que existe outro mundo, mas para saber disso você terá que morrer. Quando for cadáver, verá, enfim, as divindades.

Conservadores aprovaram a Lei da Pedofilia, um projeto cruel e perverso que ataca crianças vítimas de estupro e rasga políticas de proteção à infância. Em que mundo vive esse povo? Quem salvaria essa nau dos insensatos?

A mais famosa tapioca de João Pessoa é a "tapioca das Rolas", na feira de Jaguaribe. Humberto de Almeida deve conhecer.

A mestra da tapioca é dona Ivone Rola, cujo avô era conhecido como "Seu Rola". Gostava de pegar rolinhas no mato. O apelido passou para a família e se tornou a marca da tapioca mais tradicional do mercado.

Em Portugal, organiza-se uma greve geral dos trabalhadores. Representantes do governo avisam: os trabalhadores só devem fazer greves quando autorizados pelos patrões, de preferência quando estiverem de férias.

Enunciado de Madame Preciosa: Se você pudesse escolher entre um amor verdadeiro e R\$ 10 milhões, o que você iria fazer com tanto dinheiro?

A Rádio Barata no Ar tem nova parceria: Rádio Web Supapo, de Olinda. Fazer rádio web é assim meio como abrir uma oficina para consertar disco voador.

Nosotros, da geração mimeógrafo, curtidores e produtores de fanzines malucos e anônimos pelo simples prazer de jogar na roleta da sorte nossos quadrinhos, poemas e bobagens generalizadas, temos hoje, na rádio web, o canal ideal para dar vazão às nossas eventuais produções.

"Fiz uma rádio web que tocava música de qualidade nordestina e convidava os amigos pra ouvir. Ninguém ouvia a programação. Tirei do ar. Pra falar sozinho, não preciso de microfone" (Gorrión da Rabeca).

DIREITOS TRABALHISTAS

Jornada menor reduz adoecimento

Com o fim da escala 6x1, Brasil passará a atender a uma recomendação internacional feita há mais de 90 anos

Ricardo Westin
Agência Senado

Em debate na sociedade e em votação no Congresso Nacional, a proposta que diminui a carga de trabalho dos empregados brasileiros divide opiniões e gera perguntas sobre seus impactos econômicos e sociais. O texto reduz as horas máximas trabalhadas na semana e extingue a escala 6x1.

Enquanto sindicatos e juizes trabalhistas argumentam que a mudança é necessária para garantir saúde e qualidade de vida aos trabalhadores, empresários afirmam que a medida vai aumentar os custos de produção e prejudicar a economia do país, inclusive com risco de recessão.

No dia 28 de maio, a Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 221/2019, que estabelece jornada de trabalho de 40 horas semanais em cinco dias, com dois de descanso, acabando com a escala 6x1 (um dia de descanso e 44 horas semanais). A proposta prevê uma transição e leis específicas para tratar de algumas carreiras.

O texto, que segue agora para o Senado, é um substitutivo do deputado Leo Prates (Republicanos-BA) para a PEC do deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), que previa jornada de 36 horas, e para a PEC nº 8/25, da deputada Érika Hilton (Psol-SP), de igual jornada em quatro dias. O próprio governo Lula havia enviado ao Congresso, em abril, um texto (o Projeto de Lei nº 1.838/2026) de igual teor.

O juiz Ronaldo Callado, um dos diretores da Associação Nacional das Magistradas e dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), afirma que, segundo já comprovado por estudos científicos, o excesso de trabalho provoca efeitos negativos nos empregados.

“As condições de trabalho atuais têm aumentado os índices de adoecimento, acidente, absenteísmo [falta ao trabalho] e rotatividade. Entre as doenças mais frequentes, estão o *burnout*, a ansiedade e a

depressão. Parte desse problema está ligada aos dias de trabalho muito longos e intensos, além da forma como são distribuídos”, diz.

Ele observa que muitos trabalhadores já ultrapassam o limite constitucional atual, de 44 horas semanais trabalhadas, para fazer horas extras e receber um pouco mais no fim do mês, o que intensifica os impactos na saúde e na segurança.

De acordo com Callado, apesar de a jornada de 44 horas e a escala 6x1 estarem previstas na Constituição, a mudança pode ser feita por meio de lei, e não apenas por meio de emenda constitucional, porque a Carta trata da jornada máxima — o que abre espaço para que uma lei fixe qualquer teto inferior ao atual.

“A própria Constituição permite que direitos melhores sejam garantidos por lei. A redução da jornada representaria um direito adicional ao patrimônio do trabalhador. Além disso, é necessária para que o empregado possa usufruir até mesmo de outros direitos constitucionais, como o lazer, a saúde, a convivência familiar e a dignidade humana, assegurando equilíbrio entre trabalho e descanso e melhores condições de vida”, acrescenta.

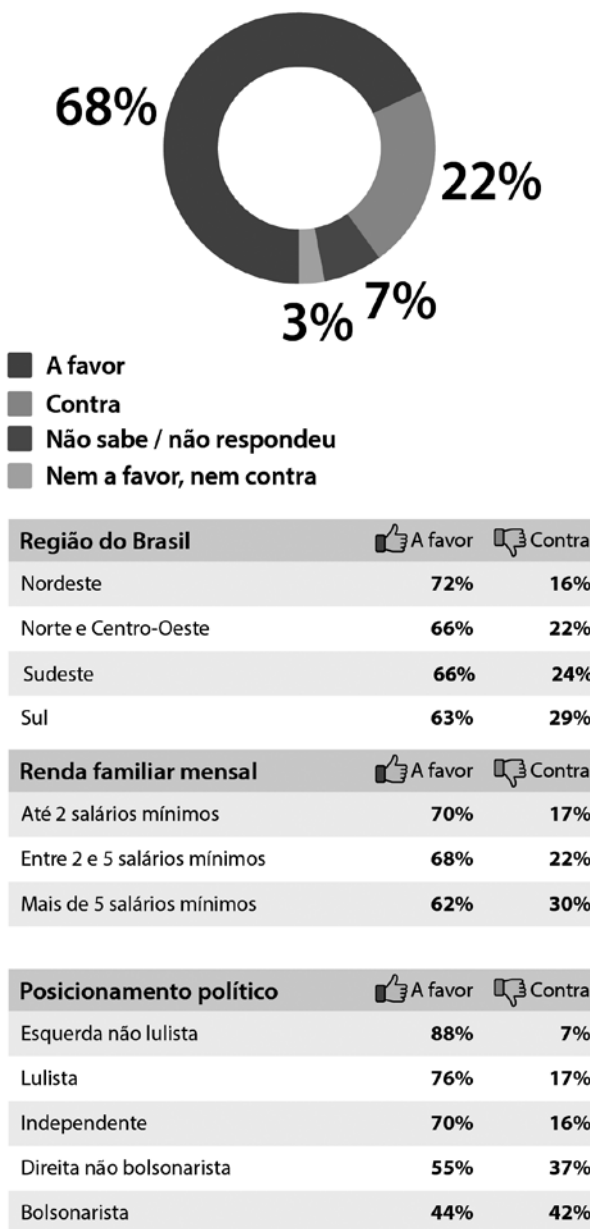
O juiz trabalhista lembra que, caso o projeto seja aprovado, o Brasil atenderá a uma recomendação internacional feita há mais de 90 anos. Em 1935, diversos países assinaram uma convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) comprometendo-se a limitar a jornada a 40 horas semanais. O Brasil assinou a convenção, mas depois não a ratificou, o que significa que ela nunca ganhou força de lei no país.

Incentivo aos jovens

O diretor de Relações Sindicais do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Victor Pagani, explica que a diminuição da carga de trabalho também pode incentivar a entrada e a manutenção de jovens no mercado de trabalho.

Apoio à redução da jornada de trabalho

Pesquisa Genial/Quaest mostra que a maioria dos brasileiros, em todas as regiões, rendas e posições políticas, é favorável ao fim da escala 6x1



* Pesquisa nacional realizada entre 8 e 10 de maio de 2025, com margem de erro de ±2 p.p. e nível de confiança de 95%.

agênciasenado

“Temos visto entre os trabalhadores mais jovens uma rejeição crescente ao atual modelo de organização do trabalho, principalmente por causa das jornadas longas e do adoecimento mental. Isso se reflete em muitos pedidos de demissão e altas taxas de rotatividade”.

Segundo ele, a redução da jornada de trabalho e o fim da escala 6x1 são medidas necessárias para redistribuir os ganhos de produtividade que a economia brasileira acumu-

lou desde a última diminuição da carga, estabelecida em 1988 pela Constituição: de 48 horas semanais para as atuais 44.

“Discussões sobre redução de jornada ou aumento de salário são, na essência, uma disputa distributiva: quanto da riqueza produzida ficará como lucro e quanto será destinado à remuneração do trabalho.

Desde que se estabeleceram as 44 horas, a produtividade no Brasil aumentou, em razão de avanços tecnológicos, investimentos em infraestrutura,

inovação nos processos produtivos e qualificação do trabalhador, mas apenas os empresários se beneficiaram. É justo que os empregados recebam a sua parte”.

Pagani entende que a discussão emergiu neste momento como consequência da reforma trabalhista de 2017, promovida pelo governo do presidente Michel Temer. Algumas medidas incluídas na reforma intensificaram a atividade laboral e reduziram a remuneração, levando ao que Pagani classifica como “precarização das relações de trabalho”. Como exemplos, ele cita a criação do banco de horas individual — por acordo direto entre patrão e empregado, sem necessidade de acordo ou convenção coletiva — e o fim do direito às horas de deslocamento até o local de serviço — antes computadas como tempo de trabalho em certas situações.

O diretor do Dieese afirma que as empresas podem absorver “sem grandes traumas financeiros” as quatro horas semanais a menos de trabalho e o dia a mais de descanso remunerado. Ele cita uma pesquisa recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que apontou que a adoção de 40 horas elevaria o custo médio do trabalho em cerca de 8%, mas, considerando o peso da mão de obra nos custos totais das empresas, o impacto seria inferior a 1% em setores como indústria e comércio.

“Ao longo da nossa história, sempre que se trata de avançar nos direitos dos trabalhadores, surge um terrorismo econômico, que diz que as empresas vão quebrar e a economia vai entrar em recessão. Os estudos e a própria história mostram que argumentos desse tipo não se sustentam”, avalia Pagani.

Ronaldo Callado, da Anamatra, também enxerga uma “análise terrorista” e lembra que ela repete o tom adotado nas discussões em torno das férias remuneradas, aprovada em 1925, e do 13º salário, criado em 1962. De acordo com ele, a mudança vai impulsionar — e não prejudicar — o próprio

setor produtivo e a economia nacional.

“Pesquisas da OIT e da própria ONU mostram que a redução da jornada traz benefícios econômicos e sociais. Trabalhando menos, o empregado tem mais tempo para consumir e o consumo aquece o setor produtivo, inclusive gerando novos empregos. É falacioso o discurso de que a medida poderia quebrar a economia”.

O projeto do governo Lula que instituiu 40 horas semanais e escala 5x2 já foi aprovado pela Câmara e agora chegará ao Senado. A proposta foi enviada ao Poder Legislativo em meados de abril, em regime de urgência constitucional, o que obriga cada Casa a votá-la em até 45 dias.

Segundo o senador Paulo Paim, autor de uma das outras três propostas que tratam do tema, a classe empresarial historicamente adota contra essa mudança o argumento de que os brasileiros já trabalham pouco e desejam reduzir ainda mais a jornada. Na justificativa de sua PEC, o senador escreveu: “Difundi-se a ideia de que o empregado não gosta de ‘pegar no pesado’ e a malandragem é uma característica da classe trabalhadora. Essa ideologia responsabiliza o próprio trabalhador por sua pobreza e baixa remuneração e pelo atraso e produtividade do Brasil, que seria inferior à dos países desenvolvidos. No entanto, pesquisas mostram o contrário: a jornada brasileira é uma das longas do mundo”.

“

Sempre que se trata de avançar nos direitos dos trabalhadores, surge um terrorismo econômico

Victor Pagani

Para empresários, medida afeta competitividade do país

O setor empresarial, por outro lado, discorda da conveniência econômica das mudanças. O superintendente de inteligência econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Marcio Guerra, afirma que a jornada de 40 horas e a escala 5x2 levariam a um aumento imediato dos custos de produção, que precisariam ser repassados ao consumidor, gerando inflação.

De acordo com a CNI, para as empresas conseguirem manter o mesmo nível de produção, os custos trabalhistas (horas extras e novas contratações) subiriam até 7% e o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelo setor produtivo como um todo cairia 0,7%. A inflação ao consumidor, por sua vez, alcançaria 6,2%.

Guerra explica que, com os custos de produção mais altos, os produtos brasileiros encareceriam e perderiam competitividade.

“Em um mercado global altamente disputado, qualquer aumento de custo pode fazer com que o produto brasileiro perca espaço para concorrentes estrangeiros, que, oferecendo preços menores, podem conquistar o mercado interno. Esse efeito cascata pode resultar em desemprego, queda de renda e até fechamento de empresas, principalmente as menores. É preciso cautela. Não podemos onerar ainda mais os preços, porque a população não tem condições de pagar e também tornar nossos produtos menos competitivos”.

Para o superintendente da CNI, as propostas “invertem a lógica econômica natural” da produtividade. A redução da jornada, diz ele, deveria vir como consequência de ganhos de produtividade já consolidados na economia: primeiro, o país investiria em tecnologia e processos, aumentaria a produtividade e, com essa folga, diminuiria a jornada.

Guerra prevê que o setor produtivo encontrará dificuldades para fazer as novas contratações que serão necessárias. “Mesmo que se tente contratar mais pessoas, a atual baixa taxa de desemprego no Brasil torna difícil encontrar profissionais qualificados. Esses trabalhadores, muitas vezes, simplesmente não estão disponíveis. Isso

exige repensar a organização da produção e buscar mão de obra especializada, o que não é trivial em um mercado que já enfrenta grande escassez de profissionais preparados”.

A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), que representa os empresários do setor, pensa da mesma forma. O presidente-executivo, Paulo Solmucci, adverte que a falta de empregados vai provocar uma disputa desigual pela mão de obra, com efeitos negativos em parte dos estabelecimentos comerciais: “Como não haverá profissionais no mercado para suprir toda a demanda, restaurantes, bares, supermercados e clínicas de regiões mais ricas acabarão ‘tomando’, com salários

mais altos, os trabalhadores de estabelecimentos menores localizados em áreas mais pobres. Isso forçaria a precarização ou, pior, o fechamento de negócios em favelas e periferias”.

De acordo com ele, essa migração da mão de obra ainda criaria um efeito colateral para o próprio empregado. Ao precisar se deslocar do seu bairro na periferia para cobrir as vagas nas áreas centrais e mais ricas, ele passaria muito mais tempo no transporte público.

“Indo trabalhar nas regiões ricas, esses trabalhadores vão passar mais tempo dentro do ônibus. Sendo, por exemplo, duas horas para ir e outras duas para voltar, em cinco dias serão 20 horas

gastas no transporte. Ou seja, muito mais do que as horas semanais que deixariam de ser trabalhadas com o fim da escala 6x1 e a adoção da 5x2”.

Na visão de Solmucci, a promessa de que os salários não serão reduzidos é “falaciosa” na prática, ainda que isso esteja estabelecido na nova norma.

“Um garçom que hoje trabalha seis dias vai perder um dia de serviço e, junto com ele, a gorjeta daquele dia. O mesmo acontece com quem vive de vendas no comércio, que recebe comissão. Para esses empregados, a renda extra faz diferença. E a situação ficará ainda pior para eles se o descanso for no sábado, dia em que o movimento e o consumo são mais altos”.

PARAÍBA

Editais oferecem salários até R\$ 7 mil

Seleções das prefeituras de Triunfo, Cajazeiras e Assunção somam 181 vagas para diversas funções

Priseila Perez
priseilaperezcomunicacao@gmail.com

A temporada junina começou, mas nem só de forró e canjica vive o concurseiro. Para quem está de olho nos concursos públicos abertos na Paraíba, junho chega com oportunidades para todos os níveis de escolaridade e com salários que podem alcançar R\$ 7 mil. No Sertão, o edital da Prefeitura de Triunfo reúne 99 vagas em áreas como saúde, educação, administração e serviços gerais. Já em Cajazeiras, a seleção é voltada, exclusivamente, ao cargo de agente comunitário de saúde, com remuneração de R\$ 3,2 mil. Outro destaque da semana é Assunção, no Cariri, onde a prefeitura busca reforçar o quadro municipal com 45 vagas.

Edital robusto

Dentre os concursos recém-lançados, o de Triunfo é o mais robusto. O edital reúne 99 vagas e alcança perfis bem diferentes de candidatos, desde quem busca uma função mais operacional até profissionais de nível superior. Há vagas para auxiliar de serviços gerais, cozeiro, motorista, operador de máquinas pesadas, vigia, agente administrativo, técnicos em enfermagem, laboratô-

rio, informática e radiologia, além de funções como arquiteto, assistente social, auditor, enfermeiro, engenheiro, farmacêutico, fisioterapeuta, veterinário, odontólogo e professores de diferentes disciplinas, dentre outras.

Dependendo do cargo, as remunerações vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 7 mil, com jornadas entre 30 e 40 horas semanais. Para garantir a inscrição, acesse o site do Educa PB Assessoria, banca responsável pelo certame, até 30 de junho e siga as instruções previstas no edital. As taxas custam R\$ 70 para cargos de nível fundamental, R\$ 90 para médio e técnico, e R\$ 110 para superior. Quanto à avaliação, a prova objetiva, comum a todos os candidatos, está prevista para 30 de agosto. Também serão aplicadas etapas adicionais para alguns segmentos, como provas práticas para motoristas e operadores de máquinas, além de análise de títulos para os cargos de nível superior. Segundo o edital, o concurso será realizado em Triunfo, mas também poderá ser aplicado em municípios próximos.

Atenção básica

Em Cajazeiras, por sua vez, o concurso tem um recorte bem mais específico: a

atenção básica. Por lá, foram abertas 32 vagas para a função de agente comunitário de saúde, sendo 30 de ampla concorrência e duas reservadas para pessoas com deficiência (PcD). A exigência é nível médio completo, com jornada de 40 horas semanais e remuneração de R\$ 3,2 mil.

As inscrições seguem abertas até 28 de junho, também pelo site do Educa PB, com taxa de R\$ 90. Já a seleção será composta por prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para 26 de julho, e análise de títulos. Todo o processo será realizado em Cajazeiras.

Gestão municipal

No Cariri paraibano, a Prefeitura de Assunção também entra no radar dos concurseiros, com um edital que busca reforçar diferentes áreas da gestão municipal. Ao todo, são 50 vagas em disputa para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior, com salários que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 4,5 mil. Já a jornada de trabalho varia de 30 a 40 horas semanais, a depender da função escolhida.

O concurso reúne oportunidades para candidatos de diferentes perfis profissionais: há vagas para vigias, motoristas, guardas municipais, eletricitistas, assistentes administrativos, fiscais, profissionais da saúde, psicólogos, veterinários e professores, entre outras especialidades. Se você ficou interessado, realize sua inscrição até 30 de junho, pelo site da Ápice Consultoria. As taxas cobradas são de R\$ 40 para cargos de nível fundamental, R\$ 45 para médio/técnico e R\$ 60 para superior.

Já sobre a seleção, o processo inclui prova objetiva para todos os candidatos, pro-



Foto: Reprodução/Prefeitura de Assunção

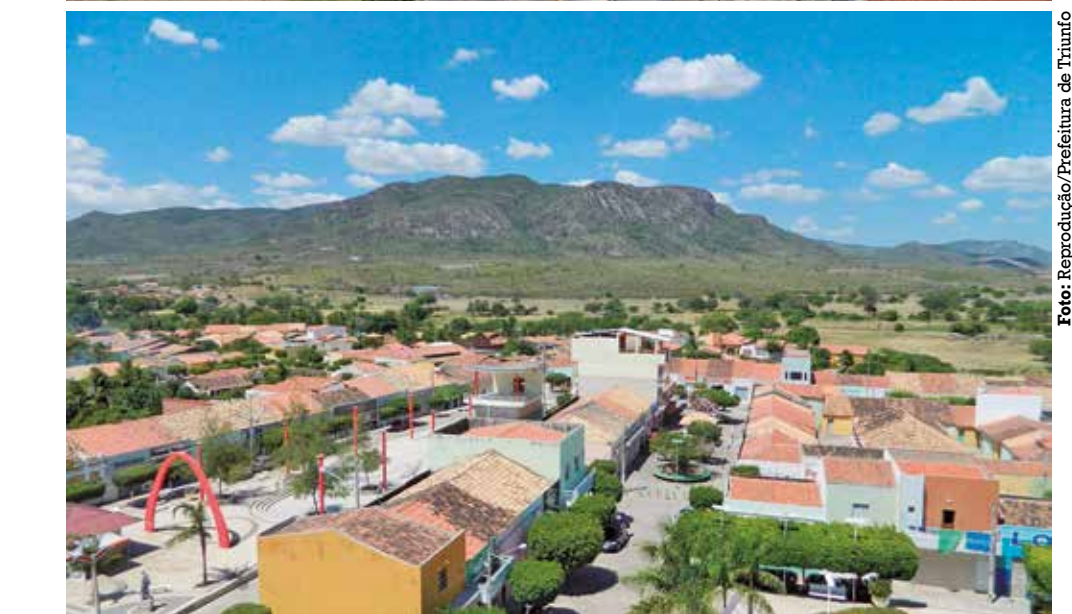


Foto: Reprodução/Prefeitura de Triunfo

Em Assunção, no Cariri, são 50 vagas disponíveis; em Triunfo, são 99 oportunidades

va prática para eletricitistas e motoristas, análise de títulos para cargos de nível superior, além de teste de aptidão física, avaliação psicológica e investigação social para candida-

tos à Guarda Municipal. Vale lembrar que os aspirantes a agente comunitário de saúde também deverão comprovar vínculo com o local onde de-

sejam atuar. De acordo com o edital, as etapas do concurso serão realizadas em Assunção, mas poderão ser aplicadas em municípios vizinhos caso a quantidade de candidatos exceda a capacidade local.



Foto: Reprodução/Prefeitura de Cajazeiras

Em Cajazeiras, a exigência é nível médio completo



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Triunfo



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Cajazeiras



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Assunção

Medicina veterinária conecta a saúde animal à das pessoas

Quase todo veterinário, em algum momento da vida, já foi questionado se escolheu a profissão porque gosta de animais. A resposta pode até começar com um "sim", mas dificilmente para por aí. A medicina veterinária exige muito mais do que aquela vontade de cuidar dos bichos que tanta gente alimentou ainda na infância. Na trajetória de Ludmila de Moura Costa Rodrigues, que chegou à área depois dos 30 anos, o carinho até serviu de pontapé para ingressar em uma segunda graduação, mas a realidade tratou de mostrar o tamanho da responsabilidade. Entre atendimentos domiciliares e estudo contínuo, ela descobriu uma profissão que envolve muita técnica e preparo emocional.

Antes de tornar-se médica-veterinária, Ludmila já tinha uma carreira consolidada no jornalismo. Ainda assim, isso não a impediu de encarar a sala de aula pela segunda vez. A escolha, para ela, representou a realização de um sonho, mas trouxe, também o desafio de conciliar as duas profissões que tanto ama. "Para mi-

ta gente, parecia uma loucura recomeçar nessa fase da vida, mas eu sempre gostei de desafios e decidi seguir esse sonho", conta. Hoje, ela segue atuando como jornalista, enquanto atende seus pacientes por meio de visitas domiciliares, uma combinação que demanda dela bastante organização e atualização constante. "Não vou dizer que é simples, mas, com planejamento e paixão pelo que faço, é possível conciliar as duas carreiras e me realizar em ambas", afirma.

Do consultório à saúde pública

A rotina dela ajuda a desmistificar o senso comum que existe em torno da profissão, ainda muito associada ao atendimento de cães e gatos. Essa é uma parte importante da carreira, claro, mas está longe de ser a única. O dia a dia pode envolver vacinas e consultas, mas também passa por laboratórios, propriedades rurais, órgãos de fiscalização e ações de controle sanitário. São camadas que nem sempre aparecem para o público, mas fazem toda a diferença para a sociedade. Como

Ludmila destaca, a diversidade é uma das marcas da área. "Nem todo veterinário trabalha em consultórios ou hospitais veterinários. Muitos atuam nos bastidores, em funções técnicas e estratégicas que contribuem para o desenvolvimento do agronegócio, da ciência, da saúde pública e da segurança alimentar", analisa.

Na prática, o médico-veterinário também atua na prevenção de doenças, no controle de zoonoses, na qualidade dos alimentos que chegam à mesa da população e na promoção do bem-estar animal. Ou seja, ele ajuda a proteger não apenas os animais, mas também as pessoas e o ambiente em que elas vivem. "É uma profissão que conecta o cuidado com os animais ao cuidado com as pessoas, desempenhando um papel essencial no dia a dia de toda a sociedade", resume a especialista.

Técnica e sensibilidade

Assim como acontece em outras áreas da saúde, a medicina veterinária tem avançado rápido, impulsionada por novas tecnologias e um mercado

cada vez mais especializado. Segundo ela, esse movimento é reflexo de uma mudança importante na relação das famílias com os pets, que, hoje, já são vistos como parte do próprio núcleo familiar. Mas a especialização não está limitada à clínica. Áreas como saúde pública, bem-estar animal e perícia veterinária também vêm abrindo novas possibilidades para quem entra na profissão, trazendo à tona novos protocolos, equipamentos e formas de cuidado. Não à toa, o médico-veterinário precisa acompanhar tudo isso com dedicação, atualizando-se sempre. "Novas tecnologias e conhecimentos surgem o tempo todo, exigindo qualificação contínua", reforça Ludmila.

Além do conhecimento científico, o veterinário também precisa desenvolver habilidades mais humanas para acolher, orientar e, muitas vezes, conduzir conversas difíceis com os tutores. Saber ouvir, comunicar-se com clareza e ter empatia fazem parte dessa rotina tanto quanto o domínio técnico. "Nas palavras da veterinária, "um bom profissional é aquele

que consegue unir competência técnica, sensibilidade humana e vontade de evoluir sempre".

Oportunidades

Para quem deseja seguir por esse caminho e ingressar no serviço público, os concursos das prefeituras de Triunfo e Assunção podem servir como porta de entrada. Em Triunfo, o edital prevê uma vaga para médi-

co-veterinário, com exigência de curso superior em Medicina Veterinária e registro no conselho de classe. A jornada é de 30 horas semanais, com remuneração de R\$ 2 mil. Já em Assunção, também há uma vaga disponível, com exigência de graduação na área e registro no respectivo conselho profissional. Nesse caso, o salário é de R\$ 1,7 mil por 40 horas semanais de trabalho.



Foto: Arquivo pessoal

Ludmila de Moura descobriu uma profissão de muita técnica e preparo emocional



Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

+1,15%

R\$ 5,066

Euro € Comercial

+0,86%

R\$ 5,876

Libra £ Esterlina

-0,23%

R\$ 6,800

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2026	0,67
Março/2026	0,88
Fevereiro/2026	0,7
Janeiro/2026	0,33
Dezembro/2025	0,33

Ibovespa

170.330,63 pt

-2,22%

QUALIDADE DE VIDA

Famílias preservam lazer apesar do endividamento

Especialista contesta visão de que investir em bem-estar é um gasto supérfluo

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A pobreza não é medida apenas pela falta de comida, moradia e saneamento básico. Longe de ser um supérfluo, o acesso ao lazer, à circulação pela cidade e aos momentos de convivência também ajudam a definir o grau de vulnerabilidade social de uma população. Com 88% dos paraibanos endividados, cortar gastos com diversão costuma aparecer como uma das primeiras recomendações para equilibrar as contas. Especialistas, porém, alertam que eliminar completamente esses espaços de convivência pode afetar diretamente a percepção de qualidade de vida.

Para o economista Alexandre Nascimento, a discussão sobre como incluir o lazer nessa equação costuma carregar um moralismo implícito, como se qualquer gasto ligado ao bem-estar fosse irresponsável. “Lazer não é apenas diversão. É convivência, saúde mental, circulação pela cidade, acesso à cultura e formação de repertório”, afirma. Segundo ele, cortes drásticos no lazer levam a um fenômeno que ele chama de “empobrecimento subjetivo”.

“Quando uma família pobre não consegue pagar cinema, teatro, clube, esporte ou passeio cultural, a desigualdade deixa de ser apenas de renda e vira desigualdade de experiência de vida. Quem tem renda compra descanso, cultura e experiência”, acrescenta Nascimento. Isso é o que mostra a *Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF)*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo mede a chamada “vulnerabilidade multidimensional”, indicador que considera diferentes tipos de privação no cotidiano das famílias brasileiras.

Na Paraíba, 81% da população enfrenta alguma carência essencial no seu dia a dia. Entre os fatores que mais pesam na vulnerabilidade das famílias paraibanas, estão justamente as dificuldades ligadas a transporte e lazer, que representam 15,4% das privações medidas pelo indicador. É sob a lógica de que o respiro é um direito inegociável, e não um capricho de orçamento, que muitos trabalhadores subvertem as cartilhas tradicionais de economia doméstica. “A cartilha tradicional erra quando trata lazer apenas como supérfluo”, defende o economista.

Junto à decisão financeira de como dividir a renda, vem uma revelação muito peculiar de como as pessoas enxergam a própria vida. Para a jornalista Diana Lima, mesmo diante do aperto nas contas, cortar completamente esse tipo



Diana Lima não abre mão de vivenciar momentos de descontração com a família

de gasto com lazer significaria abrir mão de sua própria humanidade. “Quando gasto com lazer, é como se eu estivesse vivendo de alguma forma, e não só trabalhando. É como se eu estivesse dedicando a minha vida a outras pessoas e não a mim mesma. Eu preciso ter essa sensação de que estou vivendo com o dinheiro que eu luto tanto para ter”, diz.

Aos 39 anos, Diana mora no bairro Mário Andreazza, em Bayeux, na Região Metropolitana de João Pessoa. Ela divide a casa com o marido e dois filhos, de 21 e 15 anos. Entre as despesas fixas, estão a sua faculdade de Psicologia, a escola, terapia e academia do filho mais novo, além das contas gerais da casa. Ela se define como integrante de uma “classe média baixa” e afirma conviver com a sensação de instabilidade financeira. “Acontece um imprevisto e corro para o cartão de crédito”, resume.

Mesmo assim, as saídas continuam fazendo parte da rotina familiar de Diana. Praia, barzinho, encontros na casa de amigos, viagens curtas, *shows* e programações gratuitas espalhadas pela cidade entram com frequência no roteiro de suas atividades. “Eu tento fazer essas programações pelo menos uns dois finais de semana por mês. Às vezes três. Depende muito de como está a situação financeira”, conta. “Às vezes até no meio da semana eu dou uma quebradinha também, quando estou muito estressada”.

Ela descreve o lazer menos pela disposição de satisfação de consumo e mais como uma oportunidade de reencontro com as pessoas que ama. “Na correria da nossa rotina, às vezes eu não consigo nem fazer uma refeição junto com meus filhos e marido. Às vezes eu saio de casa quando eles ainda estão dormindo e, quando volto, o tempo de estar junto já é mui-

to curto. Então o momento de lazer é o momento em que todo mundo consegue ficar junto”. Com dois vínculos profissionais que se somam a serviços de *freelancer*, a jornalista equilibra as contas buscando opções mais baratas.

Essa reorganização intensifica-se em meio à inflação dos itens de lazer. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses até abril registrou alta de 11,4% na hospedagem, 9,6% nos lanches, 6,3% nos serviços de *streaming*, 6,1% em cinema, teatro e concertos, além de aumentos em refeições fora de casa (5,2%) e atividades físicas (4,4%). Esses aumentos aprofundam as desigualdades sociais e funcionam como uma barreira que adia indefinidamente os planos da família de celebrar a vida.

“O paraibano não necessariamente gasta demais; muitas vezes tenta preservar uma vida social que a renda baixa insiste em comprimir”, explica o economista. Segundo ele, a renda até pode existir formalmente, mas já não compra o mesmo padrão de vida de antes. “A pessoa continua consumindo lazer, mas sente que perdeu qualidade de vida. Continua saindo, mas de uma forma reduzida, substituída, adaptada”.

Segundo dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a renda domiciliar *per capita* gira em torno de R\$ 1,54 mil. “Para muita gente, sair para comer ou circular pela cidade é uma das poucas formas acessíveis de lazer, pertencimento e dignidade”, complementa Nascimento. “O problema é quando a família tenta manter um padrão de sociabilidade incompatível com a renda disponível e, para isso, sacrifica energia, aluguel, alimentação básica ou remédios. Aí o lazer deixa de ser bem-estar e vira gatilho de inadim-

plência”.

Diana tenta encontrar esse equilíbrio à sua maneira. Diz que já reduziu pedidos de comida por aplicativo, evita cinemas mais caros e prefere espaços gratuitos ou de baixo custo. Conta que costuma pesquisar bares com cerveja mais barata e programas acessíveis. “Eu não costumo fazer rolês muito caros”, afirma. “Para mim, o importante é estar perto das pessoas”. Ela também reorganiza outras áreas da vida para preservar esses momentos. Compra roupas em brechós, procura bolsas e sapatos de segunda mão e evita gastos considerados excessivos. “O dinheiro que eu gastaria numa roupa cara eu gasto com um lazer”.

No fim das contas, é essa dimensão que Diana tenta preservar. Não necessariamente o restaurante mais caro ou a viagem distante, mas o encontro possível dentro da realidade que consegue sustentar. “Meu maior lazer é o tempo que eu tenho para estar perto das pessoas que eu amo. Eu consigo reduzir, mas cortar totalmente eu não consigo. Porque senão a gente só sobrevive”.

“

Eu preciso ter essa sensação de que estou vivendo com o dinheiro que eu luto tanto para ter

Diana Lima

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

A Copa que move o mundo — e também João Pessoa

A poucos dias da bola rolar, o maior torneio da história vira lição de economia para o bolso do paraibano.

A poucos dias da bola rolar, vale olhar para a **Copa do Mundo de 2026** com dois olhos: o do torcedor e o do economista. Será a maior Copa da história — pela primeira vez, 48 seleções disputam o título em três países (Estados Unidos, México e Canadá), em 104 partidas. Mais jogos, mais cidades, mais público: o resultado é um evento que deixou de ser apenas esportivo para se tornar uma engrenagem econômica global.

Os números ajudam a entender o tamanho disso. Estimativas associadas à Fifa projetam cerca de US\$ 41 bilhões de impacto no PIB mundial e a sustentação de mais de 800 mil empregos ao redor do planeta, puxados por turismo, transporte, hospedagem e comércio. É dinheiro que circula muito além do gramado.

E o Brasil, mesmo sem sediar o torneio? Sente o efeito assim mesmo. A Confederação Nacional do Comércio (CNC) calcula que a Copa deve injetar R\$ 4,32 bilhões no varejo brasileiro, um crescimento real de 6,5% sobre 2022. Para os lojistas, o período funciona quase como um “segundo Natal”. E há razões concretas por trás do otimismo: o desemprego caiu de 9,3% para 6,1% nos últimos quatro anos e a inflação desacelerou. Por outro lado — e aqui mora o critério técnico —, os juros seguem altos e o

“

Entre uma camisa da Seleção e um prato de canjica, o pessoense vai fazer girar a economia

crédito, restrito. Ou seja: a festa anima o consumo, mas as famílias gastam com o pé no freio.

Outro ponto importante: o impacto não é igual para todos. Alimentação, bebidas e artigos esportivos crescem; já lojas físicas de vestuário podem ver o movimento cair justamente nos dias de jogo, quando a cidade

para diante da TV. Não existe pico automático — quem se prepara, lucra.

Em **João Pessoa**, há um ingrediente a mais: a Copa coincide com o São João, e duas das maiores paixões do paraibano se somam no mesmo mês. Lojistas já reforçam estoques e misturam o verde e amarelo da Seleção à decoração junina. Para a **CDL** local (Câmara de Dirigentes Lojistas), é uma oportunidade rara de aquecer o comércio em vestuário, alimentação e eletrodomésticos.

E o entusiasmo do paraibano aparece num detalhe simpático: a **Paraíba** é o segundo estado que mais compra figurinhas do álbum da Copa, em termos proporcionais — quase 1 milhão de cromos vendidos, atrás apenas do Rio de Janeiro. Bancas, papelarias e lojas de conveniência sentem na caixa registradora o que o coração já sabia.

Outro atrativo para nosso orgulho: integram a comitiva da Seleção Brasileira dois bons jogadores filhos da nossa terra — o lateral **Douglas Santos** e o atacante **Matheus Cunha**, ambos natural de João Pessoa, um motivo a mais para os paraibanos se sentirem motivados a degustar o maior torneio mundial de futebol.

A leitura econômica, no fim, é também política: eventos como a Copa revelam quem está pronto para aproveitar a onda e quem fica à margem dela. O torneio não enriquece um país por decreto, mas pode movimentar a roda — desde que renda, crédito e planejamento caminhem juntos. Entre uma camisa da Seleção e um prato de canjica, o pessoense vai fazer girar a economia. Que a bola — e o caixa — rolem bem.

DIA DOS NAMORADOS

Casados são os mais presenteados

Data deve levar mais de 100 milhões de consumidores às compras e movimentar R\$ 26,4 bilhões no comércio

O Dia dos Namorados promete movimentar o comércio nos próximos dias. A data deve levar 100,1 milhões de consumidores às compras, é o que aponta pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com a Offerwise Pesquisas. De acordo com o levantamento, 61% dos entrevistados pretendem presentear no Dia dos Namorados, movimentando mais de R\$ 26,4 bilhões no comércio.

Os esposos ou as esposas aparecem em primeiro lugar (58%) no ranking dos principais presenteados, enquanto 33% pretendem presentear os(as) namorados(as). Entre os motivos para presentear, os entrevistados destacaram o hábito de agradecer quem se gosta (42%) e o reconhecimento da data como um gesto importante (46%).

Já entre os 28% que não vão comprar, 63% justificam a ausência de um relacionamento. No entanto, fatores macroeconômicos já impactam o restante do grupo: 10% vão priorizar o pagamento de dívidas e 9% não possuem o costume de celebrar a data.

O valor médio investido no(s) presente(s) será de R\$ 264 (subindo para R\$ 295 nas classes A/B). O volume médio por comprador está fixado em 1,5 presente. A pesquisa mostra ainda uma expectativa de reciprocidade, uma vez que 74% dos que presentearão, acreditam que receberão presentes.



Foto: João Pedrosa

Celebração já está consolidada no calendário comercial, com efeitos que vão do varejo à cadeia de serviços, como os segmentos de gastronomia e hotelaria

■ **A média de gasto com presentes é de R\$ 264, podendo alcançar R\$ 295 nas classes A e B, indica pesquisa**

“O Dia dos Namorados se consolidou como um pilar fundamental para o calendário comercial brasileiro, pois sua influência ultrapassa as vitrines das lojas e permeia toda a cadeia de serviços. É uma data que irriga desde o comércio de bens duráveis e vestuário até o setor de gastronomia, hotelaria e turismo. Essa capilaridade é essencial para manter o dinamismo da economia,

permitindo que diferentes segmentos do mercado aproveitem o apelo emocional da celebração para impulsionar suas operações e fortalecer o empreendedorismo nacional”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Metodologia

A pesquisa entrevistou consumidores das 27 capitais brasileiras, homens e mulheres, com idade igual ou maior

a 18 anos, de todas as classes econômicas (excluindo analfabetos) e que pretendem realizar compras para o dia dos namorados deste ano.

As entrevistas foram realizadas via *internet* e pós-ponderada por sexo, idade, renda e escolaridade.

No primeiro levantamento, foram registrados 906 casos para identificar o percentual de pessoas com intenção de comprar presentes para

o Dia dos Namorados. Em seguida, continuaram a responder o questionário 600 pessoas, somente com os que tinham a intenção de compra para esta data. Resultando, respectivamente, uma margem de erro no geral de 3,3 pontos percentuais (p.p.) e 4 p.p. para um intervalo de confiança a 95%.

O período da coleta dos dados foi de 29 de abril a 8 de maio de 2026.

Vestuário, itens de beleza e chocolates são os mais procurados

A percepção de valor na data está diretamente atrelada à qualidade e ao ineditismo, mas o mercado de segunda mão desenha nichos de oportunidade. O principal fator considerado na compra é a qualidade do presente (27%), o desejo manifesto do presenteado (18%), a adequação ao perfil do presenteado (16%) e a busca por promoções e descontos (13%).

No ranking de itens mais procurados, destacam-se vestuário — roupas, calçados e acessórios (52%); beleza — perfumes, cosméticos e maquiagem (31%); chocolates (26%); e experiências — jantares, viagens e passeios consolidam a busca por momentos compartilhados (19%). A celebração da data será em casa (36%) ou em restaurantes (30%).

Metade (50%) dos consumidores demonstra resistência a presentes de segunda mão, preferindo um item novo e lacrado (23%), defendendo que o presente deve ser obrigatoriamente inédito (17%), ou por receio quanto à qualidade ou garantia (11%). Em contrapartida, 41% (sobretudo geração Z e classes C/D/E) consideram a possibilidade, motivados pelo

acesso a itens exclusivos/vintage (9%), pela chance de dar um presente melhor pagando menos (9%) e pela economia financeira (8%).

A jornada do consumidor é híbrida, combinando a experiência do ponto de venda físico com a conveniência e a agressividade comercial das plataformas digitais. De acordo com a pesquisa, 53% das compras serão realizadas

em lojas físicas — com destaque para *shoppings centers* (22%) e *shoppings* populares (11%). O *e-commerce* será responsável por 41% das intenções de compra. Entre quem compra *on-line*, 68% utilizarão aplicativos, 65%, *sites* tradicionais e 25%, o Instagram.

Os *sites* de varejistas internacionais lideram a preferência com 58%, enquanto os *sites* de varejistas nacionais

registraram uma queda de 16 pontos percentuais em comparação a 2025, com 41% das intenções. *Marketplaces* gerais somam 36% e *sites* de lojas de departamento, 32%.

De acordo com os entrevistados, os principais fatores que influenciam na escolha do local de compra são a qualidade do produto (50%), o preço/promoções (47%) e o frete grátis (32%).

Anúncios nas redes sociais e vitrines influenciam escolha dos consumidores

A influência digital é inegável nas compras: 35% dos consumidores sentem-se impactados pelas redes sociais (Instagram e TikTok). Já 32% destacam o impacto visual das vitrines físicas, enquanto 30% são influenciados pelos buscadores de informações, e 22%, pelas indicações de amigos e parentes.

Embora a preferência por

transações à vista seja majoritária, o parcelamento funciona como uma ferramenta essencial de viabilização do consumo. Outros 64% pretendem pagar as compras à vista, consolidando o Pix como o principal meio de pagamento utilizado (38%).

O pagamento parcelado será a opção de 34% dos compradores, centralizado no cartão de

crédito parcelado (26%). A média geral está fixada em 3,7 prestações. Para 75% dos que vão parcelar, a capacidade financeira de honrar as parcelas é relevante (39% só compram se tiverem certeza do pagamento e 36% admitem que a parcela apertará as finanças, mas darão “um jeito”). No outro extremo, 25% desconsideram a saúde financeira no ato da compra, focando no momento feliz.

A pesquisa mostra que o consumidor está atento aos preços, uma vez que 76% farão pesquisa de preço prévia — utilizando a *internet* (89%) e meios físicos (68%). Mais da metade (53%) diz que os produtos estão mais caros em relação ao ano passado, 39% acreditam que estão na mesma faixa de preço, e 8%, que estão mais baratos.

34% dos compradores admitem que gastarão mais do que podem

Apesar do otimismo comercial, a saúde financeira acende um alerta: 34% dos compradores admitem que gastarão mais do que podem. O apelo emocional é o grande motor: 66% justificam o gasto excessivo afirmando que o (a) parceiro(a) “merece o esforço”.

A situação é ainda mais delicada para uma parcela da população: 32% dos que pretendem presentear possuem contas em atraso (69% deles estão negativados) e 10% admitem que vão deixar de pagar alguma conta básica para viabilizar a compra do presente.

A alta inadimplência do país mostra-se presente também na data, uma vez que 20% dizem que compraram em 2025 ficaram com o nome sujeito de-

vido aos gastos da data, sendo que metade deles ainda não regularizou a situação.

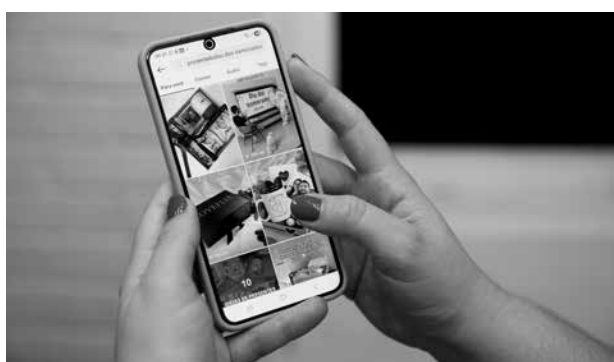
A exposição digital nas redes sociais atua como um catalisador de gastos para 38% dos consumidores, que admitem extrapolar suas finanças devido manutenção de “*status* e aparência”. Esse grupo desdobra-se em 28% de pressão moderada (gastar a mais apenas para que o parceiro exiba um item validado pelo círculo de amigos no Instagram ou TikTok) e 10% de pressão total (necessidade explícita de ostentação de marcas e apelo visual de alto impacto).

Diante da falta de limite ou saldo no momento da transação, a flexibilidade prevalece sobre a perda da venda. A maioria, 67%, realiza um ajust-

te de tiquete, migrando para um presente de menor valor. Para tentar sustentar o plano inicial, 22% buscam gerar renda extra rápida e 16% recorrem ao capital de terceiros (empréstimos ou cartões de crédito de amigos e parentes). A taxa de desistência total e abandono do consumo é residual, fixada em apenas 8%.

■ **32% das pessoas que vão presentear estão com contas em atraso e, 69% deles estão negativados**

Foto: Carlos Rodrigo



Instagram e Tik Tok impactam 35% dos entrevistados

STARTUPS

PB investe R\$ 10 milhões no programa Conectando

Iniciativa atraiu propostas de empreendedores de seis estados brasileiros

Márcia Dementshuk
Ascom Secties

A quarta e a quinta chamadas do programa Conectando Startups bateram recorde de inscrições, com mais de 63% de propostas submetidas em comparação com as três chamadas anteriores. Nessa edição, o programa ampliou seu alcance e atraiu propostas de empreendedores de seis estados brasileiros, reforçando sua relevância no fortalecimento do ecossistema de inovação regional e nacional. Os selecionados contarão com uma fatia de um total de R\$ 10 milhões em subvenção econômica à inovação do Governo da Paraíba para acelerar os empreendimentos, além de receberem mentorias e outros incentivos.

O Conectando Startups é uma ação do Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), juntamente com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e o Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (Pthi). Teve início em 2022, e três editais já foram finalizados com investimentos em torno de R\$ 7,5 milhões destinados à aceleração de 51 empreendimentos com temáticas focadas em economia da longevidade, transição energética, tecnologias educacionais e turismo sustentável. A atual rodada de editais teve as inscrições finalizadas e está em andamento com os temas Saúde Digital e Biotecnologia, e Segurança Alimentar e Nutricional.

O conceito de *startup* para os brasileiros está definido no Marco Legal das Startups, uma legislação recente, em vigor desde 2023. É definido como “[...] organização empresarial ou societária, nascente ou em operação



Foto: Pietra Bivria/Ascom Secties

Selecionados contarão com subvenção econômica, mentorias e outros incentivos

recente, cuja atuação caracteriza-se pela inovação aplicada a modelo de negócios ou a produtos ou serviços ofertados”. Sendo esse, portanto, o critério mandatório para o processo seletivo.

O governo investe porque acredita que o desenvolvimento da Paraíba passa pelas soluções tecnológicas inovadoras. “Os temas dessas duas chamadas mostram a força e a visão da gestão do governador Lucas Ribeiro, em apoiar empreendimentos nessas áreas. São áreas importantíssimas para as quais incentivamos o nosso ecossistema de inovação. O aumento do número de inscrições demonstra que a iniciativa é um grande sucesso dentro dos programas ligados ao Parque Tecnológico

Horizonte de Inovações, o que fortalece as ações do parque”, considera o secretário da Secties, Claudio Furtado.

A segurança alimentar e nutricional é um desafio sério na Caatinga, ligado à desigualdade de renda, à pobreza, e que soma-se à influência das alterações climáticas na produção de alimentos. A proposta da Quarta Chamada Desafios Tecnológicos e Inovação – Conectando Startups – Segurança Alimentar e Nutricional espera projetos que desenvolvam, validem e implantem soluções tecnológicas inovadoras, capazes de melhorar a segurança alimentar, ampliando a disponibilidade, o acesso, a qualidade, a rastreabilidade e o valor nutricional dos alimentos

produzidos e consumidos na Paraíba. Essa chamada recebeu 34 submissões.

Na área da saúde digital e biotecnologia, as soluções desenvolvidas que concorrerão à Quinta Chamada Desafios Tecnológicos e Inovação – Conectando Startups – Saúde Digital e Biotecnologia deverão promover avanços fortalecendo do SUS Digital. A expectativa é que os projetos impulsionem o desenvolvimento da Paraíba, ampliem o alcance de tecnologias avançadas, valorizem vocações científicas e produtivas da região e insiram a Paraíba em redes globais de saúde e biotecnologia, gerando o impacto social, inclusão e desenvolvimento regional. Foram recebidas 87 submissões.

Articulação deve aumentar recursos com a Embrapii

Os editais atuais do Programa Conectando Startups trazem por escrito um procedimento que, em alguns casos, pode triplicar ou até quadruplicar a subvenção econômica e aprimorar questões técnicas. A recomendação é estabelecer parceria com unidades Empresa Brasileira de Pesquisa Industrial (Embrapii) locais.

Francilene Garcia Procópio, coordenadora do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, esclarece que a ação pode acelerar o desenvolvimento do Produto Mínimo Viável (MVP) é um produto piloto criado para testar sua validade no mercado. “E não é só Pesquisa e Desenvolvimento. Essas unidades [Embrapii] têm conhecimento sobre riscos tecnológicos mais maduros em termos de solução do que as empresas”.

Na Paraíba são quatro unidades Embrapii. Uma situa-

da na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na área de tecnologias estratégicas para saúde; outra na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na área de transformação digital e *hardware* inteligente; uma na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na área de energias renováveis; e uma no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), também na área de *software*. Há ainda o Centro de Competência, mais recente, no Núcleo Virtus/UFCG. Todas elas dialogam direta ou de maneira transversal tanto com a parte de saúde digital e biotecnologia, como com a parte de segurança alimentar e nutricional

“O Conectando Startups não só valorizou as competências científicas e tecnológicas existentes no nosso estado, a partir dessas quatro unidades Embrapii e do Centro de Competências, como também, facilitou nova captação de recursos em cima do próprio recurso gerado”, esclareceu Francile-

Avanço no Pthi pode alcançar a Região Sudeste

No centro de uma experiência produtiva de ciclos anteriores do Programa Conectando Startups está Wendson Silva, CTO da Mindsun. A empresa surgiu quando os fundadores cursaram a graduação na universidade. A ideia inicial foi criar uma tecnologia de *hardware* físico que ajudasse empresas a gerenciar sua energia através de monitoramento.

O projeto ganhou aporte financeiro na Segunda Chamada Desafios Tecnológicos e Inovação – Conectando Startups – Transição Energética, em 2024. “Não é só sobre dinheiro. Além do Conectando Startups, participei da turma piloto do processo de incubação de impacto no Pthi, que envolveu mentorias e oficinas que nos ajudam realmente a organizar uma cadência sobre como vai ser o processo de

venda, de desenvolvimento do produto, contratação... Traz essa questão do apoio intelectual”, avalia Wendson Silva.

Além do Conectando Startups, o projeto passou por outros programas de aceleração, inclusive na Embrapii/UFPB. No processo da Embrapii foi possível fazer o teste de mercado com um MPV. “A proposta era melhorar nosso sensor inteligente. A oportunidade foi importante porque permitiu avaliarmos que esse projeto não traria os benefícios que imaginávamos”, explicou o CTO.

A empresa já captou até o momento cerca de R\$ 1,2 milhão em investimentos e conquistou mercados na Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. O próximo objetivo é alcançar o mercado do Sudeste, a começar por São Paulo.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O legado de Lynaldo para a ciência e o Ensino Superior

Sempre quando vamos falar de ciência, tecnologia e Ensino Superior na Paraíba, e observamos dados como a produção acadêmica, a inserção internacional da pesquisa e a formação de mestres, doutores e graduados nas engenharias e ciências duras, é comum esquecer que isso tudo é resultado do trabalho de grandes paraibanos que contribuíram para o desenvolvimento dessas áreas no estado.

Hoje, eu venho lembrar do grande paraibano Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. Lynaldo nasceu em Campina Grande, formado em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da UFPE, com uma longa participação na administração pública. Começou na Prefeitura de Campina Grande, de 1955 a 1959. Depois, foi diretor da Escola Politécnica da UFPB, de 1964 a 1971; membro do Conselho da Fundação Universidade Regional do Nordeste, a FURNE, que viria a se transformar na Universidade Estadual da Paraíba; depois, membro do Conselho Estadual de Educação do Estado da Paraíba; diretor do MEC; representante do MEC na Sudene; reitor da Universidade Federal da Paraíba, de 1976 a 1978; e presidente do Conselho Nacional de Pesquisa, o CNPq.

A visão de Lynaldo foi fundamental em ações importantíssimas para o desenvolvimento do Ensino Superior na Paraíba. À frente da UFPB, ele pensou uma universidade multicampi, que chegou a se espalhar por todo o estado, indo de João Pessoa a Campina Grande, Areia, Bananeiras, Sousa e Cajazeiras.

Lynaldo também contribuiu para a aquisição do primeiro computador de grande porte do Norte e Nordeste, que mudou a questão da tecnologia na Paraíba e nos faz formar, até hoje, muitos estudantes, mestres e doutores na área de tecnologia da informação e na engenharia elétrica. Na época, muita gente questionava a importância de trazer aquele equipamento. As pessoas não entendiam a visão de futuro. Mas esse computador foi vital para o desenvolvimento das áreas de tecnologia na Universidade de Campina Grande.

Como reitor, ainda podemos citar o grande processo de internacionalização pelo qual a UFPB passou, com a contratação de professores de diversos países, como os indianos nas áreas de engenharia, ciências exatas e da natureza. Isso fez com que Campina Grande passasse a ter uma grande comunidade de indianos até hoje e repercutiu no perfil da formação de profissionais das ciências duras.

Isso mostra a grande visão e o conceito de universidade já praticado por Lynaldo. Foi essa visão que também ajudou a pensar a criação da Fundação Parque Tecnológico de Campina Grande, que, juntamente com a Fundação Parque Tecnológico de São Carlos (ParqTec), em São Paulo, está entre os parques tecnológicos mais antigos do Brasil em funcionamento até hoje,

O resultado disso foi um crescimento da base universitária implantada, que hoje leva a Paraíba a ser, podemos assim dizer, o Estado do Conhecimento, pela quantidade de estudantes universitários que temos na Paraíba. São cerca de 200 mil, pela oferta no número de vagas no ensino público, que é a maior do Brasil em termos proporcionais e está entre as primeiras em números absolutos.

A visão estratégica de planejamento de Lynaldo fez com que ele tivesse participação importante na criação do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, que hoje constitui o CNPEM, onde está o Sirius, um dos maiores aceleradores de elétrons do mundo.

Quando falamos de universidades públicas na Paraíba e da transformação que elas causaram em diversas regiões do estado, temos sempre que lembrar de Lynaldo Cavalcanti.

Se Cajazeiras ensinou a Paraíba a ler, Lynaldo fez a universidade.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

BIODIVERSIDADE AQUÁTICA

Lista de espécies ameaçadas acende alerta na Paraíba

Destruição de habitats, sobrepesca e mudanças climáticas estão entre as causas

Bárbara Nascimento
babi.nascoli@gmail.com

A atualização da Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção, publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), em abril de 2026, estabelece um novo capítulo para a conservação ambiental no Brasil. Com a inclusão de 100 novas espécies e a manutenção de outras 390 sob proteção, o documento acende um alerta sobre possíveis impactos para o estado da Paraíba.

Segundo especialistas, a normativa refina o conhecimento científico e lança desafios socioeconômicos para as comunidades que dependem do mar e dos rios paraibanos, evidenciando a vulnerabilidade crescente de espécies associadas a manguezais, estuários e recifes, ecossistemas tensionados pela expansão urbana, turismo desordenado e poluição costeira.

De acordo com André Castro, doutor em Ciências Biológicas e técnico da Coleção Ictiológica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Portaria GM/MMA nº 1.667/2026 representa um avanço normativo crucial. "Diferente da atualização geral de 2022, agora temos um documento específico e unificado para peixes e invertebrados aquáticos, revogando definitivamente as normas defasadas de 2014", explica o pesquisador. Para ele, essa mudança salienta a gravidade das pressões sofridas pelos ambientes marinhos e estuarinos, como a sobrepesca, a destruição de habitats, os barramentos e as mudanças climáticas.

Ao ser questionado sobre a existência de espécies recém-listadas com relevância particular para as águas do estado, o pesquisador destaca que a Paraíba abri-

ga grupos extremamente vulneráveis. No estuário do Rio Mamanguape, por exemplo, a atenção volta-se para os cavalos-marinhos (*Hippocampus reidi* e *Hippocampus aff. erectus*) e organismos como o caranguejo-uçá e o guaiamum.

Nos ambientes recifais e costeiros, o cenário é igualmente preocupante. "O tubarão-lixia (*Ginglymostoma cirratum*), frequente em nosso litoral, é particularmente vulnerável à pressão pesqueira e à degradação devido ao seu crescimento lento e baixa taxa reprodutiva", alerta André. Outro grupo estratégico são os budiões (peixes-papagaio), essenciais para o equilíbrio dos recifes de corais, como os do Seixas e de Picãozinho, por controlarem o crescimento de algas. A lista ainda mantém em categoria elevada de ameaça o emblemático mero (*Epinephelus itajara*).

Impactos socioeconômicos

As implicações diretas dessa categorização para as comunidades pesqueiras e para os ecossistemas marinhos da Paraíba são diversas. Para localidades como Cabedelo, Luceña, Baía da Traição e Pitimbu, o impacto é, primordialmente, de ordem socioeconômica. A inclusão de espécies em listas de ameaça acarreta restrições severas à captura, ao transporte e à comercialização, o que exige uma adaptação urgente dos pescadores artesanais para evitar a captura incidental. Entretanto, o biólogo ressalta que "essas restrições se configuram como um mecanismo essencial de recuperação ecológica", defende.

A redução da atividade pesqueira permite que as cadeias alimentares restaurem-se, garantindo a produtividade futura. "A proteção das espécies ameaçadas passa necessariamente pela proteção integrada de seus habitats", reforça



Fotos: Roberto Guedes

O pesquisador André Castro, doutor em Ciências Biológicas, revela que a Paraíba abriga grupos extremamente vulneráveis

André, ao apontar manguezais e estuários como berçários naturais que precisam ser preservados.

Conflitos

A implementação de estratégias eficazes para barrar o risco de extinções enfrenta múltiplos obstáculos. Além da pesca predatória, a expansão imobiliária, a poluição causada pelo sistema de esgotamento, o assoreamento e a perda de manguezais para carcinicultura são ameaças combinadas à biodiversidade.

Um dos pontos críticos mencionado pelo especialista envolve as atividades de dragagem no Porto de Cabedelo. Comunidades locais relatam que a turbidez da água, a suspensão de sedimentos e a alteração dos habitats reduzem drasticamente a presença de peixes e crustáceos, evidenciando o conflito entre o desenvolvimento econômico e a manutenção dos ecossistemas.

Para enfrentar esses desafios, boas práticas e controle precisam caminhar juntos. O fortalecimento da fiscalização pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e pela Polícia Ambiental, a criação de novas unidades de conservação, a recuperação de ecossistemas degradados, são exemplos de medidas que podem auxiliar na mudança de cenário nos próximos anos.

A ausência de monitoramento contínuo e sistemático da biodiversidade aquática, outro fator sensível, pode-

ria ser solucionada com o estreitamento de relações entre órgãos ambientais e instituições científicas, como as universidades Estadual e Federal da Paraíba (UEPB e UFPB). Iniciativas dessa ordem ajudariam a sanar lacunas importantes sobre distribuição, abundância populacional, períodos reprodutivos e tendências de declínio de diversas espécies.

Conhecimento tradicional

O engajamento das comunidades pesqueiras também é peça fundamental no processo de recuperação de rios e mares e na preservação das espécies. O pesquisador defende que pescadores e marisqueiras são parceiros indispensáveis. "Eles acumulam um conhecimento ecológico valioso e são os primeiros a perceber sinais de degradação. E a conservação não deve ser vista apenas de forma punitiva, mas como a garantia do sustento futuro", explica.

O manejo participativo, aliança que prevê envolvimento comunitário e educação ambiental, surge não apenas como uma estratégia complementar, mas como um dos pilares para assegurar que a riqueza natural permaneça viva para as próximas gerações. Sobre esse aspecto, existe, hoje, uma preocupação para aqueles que vivem da pesca.

O pescador e mergulhador da praia de Jacarapé, Thiago Santana, comenta que "a cada dia que passa a vida dos pescadores fica mais difícil. São tantas exigências, tantas cobranças e nada de facilitar as documentações ou as leis para preservar a tradição pesqueira.

Falta informação para os pescadores artesanais", desabafa ao esclarecer que até o momento não houve nenhuma notificação aos conjuntos de trabalhadores por parte da colônia ou dos órgãos públicos. O pescador alerta, ainda, para outro problema: "O peixe pargo, por exemplo, é de profundidade. E quando chega na superfície, já sobe morto. Não tem como devolver para o mar o peixe já morto e o pes-



Espécies de raias e tubarão também figuram na nova lista

gador não vai adivinhar o que vem na linha", explica.

Para solucionar todos os entraves, o diálogo e o entendimento de toda a complexidade de fatores devem ser levados em consideração. O biólogo e mergulhador Ivan Occhi lembra que a comunidade pesqueira é a favor da preservação porque é ela que assegura a vida nas águas e a renda familiar, mas faz uma ponderação. "A gente está a favor da proteção do meio ambiente e, obviamente, tem que aumentar a conscientização e as ações a serem realizadas. Entretanto, nessa portaria, colocaram, por exemplo, restrições à pesca do peixe vermelho, e o peixe vermelho aqui é uma fonte de renda muito grande dos pescadores artesanais. Então, acreditamos que poderia ser dividido entre pesca industrial, que é massiva e que, às vezes, não respeita o meio ambiente, e a pesca artesanal, que é fonte de renda e de vida para as comunidades locais daqui", defende.

O biólogo também pontua que muitas das iniciativas de preservação, hoje, são feitas de forma voluntária, justamente por quem é mais impactado por essas ameaças, como o monitoramento que está sendo feito com o peixe-leão por ele e outros pescadores. Para elimi-

nar a presença desse peixe, que é invasor, foi criado o Campeonato de Pesca Subaquática da Paraíba (Campesub-PB).

A ação é legalizada e apoiada pelos órgãos ambientais competentes. "Para aprimorar o monitoramento e a gestão marinha, é fundamental investir na conscientização da comunidade e na educação ambiental nas escolas. Esse é o caminho principal para que as pessoas compreendam a importância do mar como base de vida, tanto para a alimentação quanto para o turismo. A proteção e a manutenção da biodiversidade marinha são essenciais", ressalta.

A aliança entre poder público, ciência e comunidade pesqueira seria a saída mais viável para ele. "Nesse contexto, acredito que é necessário um impulsionamento do mergulho científico. Atualmente, muitas dessas atividades são realizadas por voluntários. O Estado poderia implementar projetos de mergulho científico com profissionais, que, por sua vez, poderiam realizar palestras para a comunidade e incluir as escolas. A participação comunitária e escolar é vital para a coleta e análise de dados, permitindo um gerenciamento mais eficaz e a criação de estratégias de mitigação mais adequadas", finalizou.



No estuário do Rio Mamanguape, a atenção volta-se para os cavalos-marinhos

COPA DO MUNDO

A força paraibana na Seleção

Ilustração: Tônio



Mazinho, Júnior, Índio, Hulk, Matheus Cunha e Douglas Santos levam DNA da PB ao time nacional

Nas 22 edições já disputadas da competição internacional, a Paraíba contou com quatro representantes; em 2026, Matheus Cunha e Douglas Santos ampliarão a presença do estado na Canarinho

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Em 2026 será a primeira vez que dois paraibanos vão jogar juntos uma Copa do Mundo pela Seleção Brasileira. O atacante Matheus Cunha e o lateral-esquerdo Douglas Santos continuarão o legado de presença de atletas paraibanos em mundiais. Antes deles, quatro outros jogadores da Paraíba fizeram parte da Canarinho em Copas do Mundo.

O paraibano que é tetra

Mazinho foi o único paraibano que alcançou a glória maior, portanto, o único do estado a integrar o panteão dos campeões mundiais de futebol por seleções. Mas quem pensa que a trajetória do outrora garoto de Santa Rita foi fácil muito se engana. Antes de alcançar o auge em 1994, o versátil jogador, que atuou na carreira e em Copas como lateral e como meia, amargou uma traumática participação na Copa do Mundo de 1990.

O time comandado por Sebastião Lazaroni é até hoje lembrado com um dos times menos empolgantes que foi a um Mundial. A pressão na época era grande sobre o comandante e, claro, sobre seus comandados. Apesar de uma geração com bons valores, como Careca, Müller, Valdo,

Ricardo Gomes, Jorginho, Romário e Bebeto, o time não venceu durante a competição.

Lazaroni foi acusado de formatar uma equipe bastante defensiva. O time venceu os três jogos da primeira fase, mas acabou sucumbindo para a Argentina de Maradona e Caniggia nas oitavas, mesmo diante da sua melhor atuação no torneio. O time ficou conhecido como a “Era Dunga”, em alusão ao estilo defensivo. Boa parte da geração que foi duramente criticada em 1990 acabou tendo a chance de disputar uma outra Copa, quatro anos depois — entre eles estava Mazinho, que não jogou nenhum minuto em 1990.

Se o leitor lembrar a cena em que Dunga, capitão do tetra, pega a taça de campeão mundial para levá-la, recordará que antes disso ele faz uma espécie de desabafo que é registrado pelas câmeras da transmissão televisiva. E era mesmo. Dunga “oferece” a taça à imprensa, que tanto o criticou, como também criticou alguns dos seus companheiros de 1990 até 1994, incluindo o paraibano Mazinho, que viria a ser importante para o tetra.

Mazinho começou a Copa no banco de reservas. Entrou na vitória por 2 a 0 contra a Rússia, ficou de fora do triunfo por 3 a 0 diante de Cama-

rões e voltou a entrar no empate com a Suécia por 1 a 1. A partir do mata-mata, o treinador Parreira sacou o seu camisa 10 e capitão Raí e colocou o Mazinho no setor de meio-campo. O time ganhou solidez defensiva, tornou-se ainda mais competitivo e foi

Campeão

Mazinho é o único futebolista paraibano campeão mundial, conquistando o título com a Seleção Brasileira na edição de 1994, quando o país alcançou o tetracampeonato

avancando até conquistar a taça nos pênaltis sobre a Itália.

“Participar da Copa do Mundo e conquistar o título mundial é o sonho de todo jogador. Estar na Seleção já era um grande objetivo porque era muito complicado. Foi muito sacrifício. Mas pouco a pouco eu consegui galgar esse espaço e chegar a esse objetivo. É o maior ouro da minha vida ter ganhado a Copa do

Mundo”, comentou Mazinho à Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

Júnior, Hulk e Índio

Antes de Mazinho, dois jogadores paraibanos marcaram seus nomes na história das Copas. Leovegildo Lins da Gama Júnior, ou simplesmente Júnior, natural de João Pessoa, disputou dois mundiais. O lateral-esquerdo fez parte da inesquecível Seleção que encantou o mundo na Copa do Mundo da Espanha, em 1982, que acabou eliminada pela Itália na famosa tragédia de Sarriá, na segunda fase do torneio, antes das semifinais. Em 1986, Júnior voltaria a atuar em uma Copa, dessa vez no México.

Na ocasião, atuou como meia, e o Brasil crescia na competição até encarar a França de Platini nas quartas de final. Muitos cronistas esportivos da época cravam que o time de Telê Santana fez naquela ocasião a sua melhor atuação no México. Mas a equipe acabou sucumbindo nos pênaltis, após empate por 1 a 1 no tempo regulamentar. Foi a despedida de Júnior em Copa do Mundo.

Voltando 32 anos, temos a primeira participação paraibana em mundiais. O atacante Índio, um dos maiores artilheiros da história do Flamengo, foi convocado para

disputar a competição em 1954, na Suíça. Índio nasceu na cidade portuária de Cabedelo.

Aquela edição da Copa marcou a estreia da hoje tradicional camisa amarela em mundiais. Índio não jogou nenhuma das três partidas que o Brasil fez no torneio, mas colocou, pela primeira vez, a Paraíba na competição. O Brasil acabou sendo eliminado nas quartas pela Hungria, que viria a ser vice-campeã, perdendo o título para a Alemanha na decisão.

O último paraibano a disputar uma Copa do Mundo foi o atacante Hulk, que atuou como titular no Mundial de 2014, mas que acabou participando de uma das maiores tragédias futebolísticas da história da Seleção Brasileira. O jogador de Campina Grande participou de seis dos sete jogos do time naquela campanha e jogou cinco partidas como titular.

A participação brasileira, no entanto, acabou sendo marcada pelo fatídico 7 a 1 nas semifinais. O time comandado por Luiz Felipe Scolari foi amplamente dominado pela Alemanha e acabou sendo atropelado, atuando em casa, no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Hulk viria a se despedir da Seleção na disputa pelo terceiro lugar, quando o Brasil perdeu novamente, dessa vez para Holanda, por 4 a 0.

DOUGLAS SANTOS

Jogador supera entraves e garante vaga na Seleção

Lateral formado nas categorias de base do CSP é uma das opções de Ancelotti

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

“Neste momento, me vem muitas coisas que eu já passei. Quando eu ia treinar lá em João Pessoa, a dificuldade era grande. Tinha vezes que meu pai não tinha o dinheiro da passagem para me dar. Minha avó me ajudava”, falou emocionado Douglas Santos, 32 anos, no dia 2 de abril de 2013, quando foi convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira. Hoje, ele é um dos dois paraibanos (Matheus Cunha é o outro) que disputarão a Copa do Mundo de 2026, que se inicia na próxima quinta-feira (11).

Douglas deu os seus primeiros passos no futebol ainda nas categorias de base do CSP, na capital paraibana. Profissionalmente, foi lançado ao futebol pelo Náutico em 2012. No curto espaço de tempo, as boas atuações o levaram a ser chamado para a Seleção Brasileira — atuando por um clube nordestino, tendo apenas 19 anos. Na ocasião, o técnico Luiz Felipe Scolari era o comandante do time verde-amarelo.

O lateral-esquerdo, desde muito jovem, já chamava atenção pela personalidade, maturidade e forma destemida de jogar. “Quando conheci o Douglas, ele tinha 16 anos. Eu era o treinador da categoria Sub-17 do Náutico. A gente estava em busca de atletas para certas posições. A lateral-esquerda, posição de Douglas, era uma das nossas carências lá em 2010 para 2011. Bastaram 30, 35 minutos para ele já ser selecionado. Apesar de chegar tímido lá, ele era muito determinado. Ele já tinha o talento, já era muito maduro para a posição diante da

idade dele”, contou Márcio Galuppo, técnico do jogador no início de sua trajetória no Timbu, em entrevista exclusiva para Elisa Marinho, repórter da *Rádio Tabajara*.

“Com a gente, ele chegou na metade de 2010 e ficou comigo até o fim de 2011. Algo curioso sobre seu caminho é que, desde o Sub-17, já treinava no profissional. Ele não foi para o Sub-20. Quando a gente conquistou o último título da categoria, Douglas subiu para o time principal a pedido do Waldemar Lemos, que era treinador do profissional naquela época”, explicou Márcio.

Do Náutico, Douglas Santos saiu para o Granada, da Espanha, onde não atuou em nenhuma partida; seguiu para a Udinese, da Itália, não tendo muitas oportunidades. Em 2014, voltou ao futebol brasileiro para vestir a camisa do Atlético-MG. Depois de um bom desempenho no Galo, ele partiu para o Hamburgo, da Alemanha. Desde 2019, o lateral veste a camisa do Zenit, da Rússia, equipe da qual é capitão.

“Para falar a verdade, a gente sempre conversava muito que Douglas iria voar muito alto, que, pelo futebol e pela evolução a cada ano, ele iria chegar muito longe. Mas a gente não esperava uma Seleção. Nunca se imaginou naquela época que ele chegasse à Seleção Brasileira. Pela evolução e pelo que ele desenvolveu nos clubes por onde passou, a Seleção foi só uma consequência”, destacou Márcio Galuppo.

Ouro olímpico

Em 2016, Douglas Santos alcançou um dos maiores feitos de sua carreira. Nos Jogos Olímpicos do Rio, ele con-

quistou o ouro no torneio de futebol, o primeiro do Brasil em toda história. O lateral-esquerdo atuou nos seis jogos daquela disputa. A partida em que teve mais destaque foi na última rodada da fase de grupos, diante da Dinamarca, quando deu duas assistências na vitória por 4 a 0.

“É um cara que tinha uma leitura de jogo muito boa. Ele errava pouco. E, para um menino tão jovem, era difícil você encontrar. Geralmente, a juventude vem com a ansiedade, vem com uma série de fatores que atrapalham o desenvolvimento do jogo. E ele não. Douglas sempre foi muito tranquilo, muito responsável. Apoiava só na boa, no momento certo. Parecia um cara muito mais experiente do que a idade que ele tinha”, disse Alexandre Gallo em conversa exclusiva com Elisa Marinho. O então técnico foi um dos responsáveis pela consolidação do paraibano no time profissional do Náutico em 2012.

Na época, Douglas Santos ainda atuava pelas categorias de base, mas já tinha alguns jogos no profissional. Com a chegada de Gallo, que substituiu Waldemar Lemos após o Campeonato Estadual, o jogador consolidou-se como titular da equipe que terminou na 12ª posição do Brasileirão, alcançando vaga na Copa Sul-Americana. O atleta esteve em 22 jogos, registrando um gol e uma assistência.

“Eu tenho, na minha visão, aquele menino simples, humilde, na época, muito trabalhador. Quando eu estava em João Pessoa, eu fui parado num *shopping* pela mãe dele, que veio me dar um abraço e agradecer. Eu não a conhecia, faz muitos

anos. E ela veio conversar comigo, foi muito agradável, tiramos fotos e tudo”, conta Alexandre Gallo.

“Eu digo que o mérito da observação é da pessoa que dá oportunidade, mas o verdadeiro mérito é de quem teve uma sequência de carreira tão forte como ele teve, em tão alto nível. Douglas jogou em clubes da Europa, agora está lá no Zenit. Então, acho que o mérito é todo dele. A gente tem a questão da observação, mas o atleta manteve o nível de jogo para estar na equipe principal, sendo muito jovem”, completou Gallo.

Títulos

Ao longo da sua carreira, Douglas Santos conquistou 18 títulos. Além do ouro olímpico, as taças de maior destaque são o título do Campeonato Mineiro (2015) e da Copa do Brasil (2014), jogando pelo Atlético-MG. Na Rússia, venceu por seis vezes a liga local.

“Hoje, ele é um cara muito bem estabelecido, já tem uma idade aceitável, passou por grandes competições na Europa. O treinador [Carlo Ancelotti] não iria convocá-lo se não tivesse levantado absolutamente todas suas informações e minutagem. O Douglas hoje é um cara completo e vai brigar com o Alex Sandro, que é um pouco mais experiente. Acredito que o Brasil está bem servido”, afirmou Alexandre Gallo.

Fotos: Reprodução/Instagram @douglasantos06

Pela Seleção Brasileira, Douglas participou do elenco que conquistou o ouro olímpico na edição Rio 2016



Desde 2019, o lateral-esquerdo paraibano veste a camisa do Zenit, da Rússia, do qual é o atual capitão e hexacampeão nacional

MATHEUS CUNHA

Atleta transforma sonho de infância em realidade

Aos 27 anos, vivendo seu auge no futebol inglês, atacante estreará na Copa

Danrley Pascoal
 danrleyp@gmail.com

“É muito gratificante estar onde você sempre sonhou. Nesse nível de maturidade, sabendo das dificuldades, mas preparado para o que der e vier. Depois da lista fechada, nada além do nosso objetivo importa, temos que alcançar isso juntos. É estar bem, preparado e feliz, porque poucos têm a oportunidade de realizar este sonho e faremos o possível para alcançá-lo”. Esta foi a fala de Matheus Cunha, 27 anos, em entrevista coletiva na Granja Comary, antes da Seleção Brasileira viajar para os Estados Unidos.

O atacante estreou pela Seleção em 2021, quando Tite era o treinador. Cunha também viveu a expectativa da convocação para o Mundial de 2022, mas acabou não ocorrendo. Dessa vez, Carlo Ancelotti aposta no paraibano, que é peça-chave no estilo de jogo do italiano. Nascido em João Pessoa, o atacante deu seus primeiros passos no esporte atuando no futsal do Esporte Clube Cabo Branco, com passagem curta pelo projeto Gol de Placa. No futebol, o pessoense iniciou sua carreira no Coritiba. Na capital paranaense, viveu por quatro anos, lutando por seu sonho.

“Ele ter se tornado um homem de bem, apesar de estar distante de mim e da mãe nesse período, é a minha maior alegria. Matheus nunca foi envolvido com

nada que desagradasse nem a mim, nem à mãe. Então, ele sempre foi muito focado nos seus objetivos. Agradeço muito aos professores, e também a todo o pessoal do Coritiba. Eu tenho um carinho muito grande pelo clube que formou o Matheus”, declarou Carmelo Cunha, pai do jogador, à repórter da Rádio Tabajara Elisa Marinho.

“A Copa do Mundo mexe muito com o brasileiro. Já tinha acompanhado outras copas, e a gente ficava muito ansioso, ficava muito esperançoso e eufórico. Quando se trata do seu filho, é diferente. A emoção que eu senti na divulgação da lista de convocados foi parecida com a emoção que eu tive quando ele foi campeão olímpico. A alegria é muito grande, não dá para mensurar”, enfatizou seu Carmelo sobre a expectativa para assistir seu filho atuando no Mundial.

Carreira

Para chegar à Seleção Brasileira, Matheus Cunha precisou recomeçar sua carreira algumas vezes. Do Coritiba, foi negociado para o Sion, da Suíça; em seguida, foi para o Leipzig, da Alemanha. Ainda no futebol alemão, atuou pelo Hertha Berlim. De lá, deu o maior salto da sua trajetória, ao ser vendido para o Atlético de Madrid, da Espanha. Sem ter muitas oportunidades, deixou a equipe madrilenha para atuar no Wolverhampton, da Inglaterra. No clube britânico, teve grande destaque. Em 92 jogos, marcou 33 gols. Hoje, veste a camisa de um dos maiores clubes do Reino Unido, o Manchester United.

“Não tem muito mais o que eu possa pedir a Deus. Vai ser mentira se eu disser que era fácil lembrar dis-

so. Depois que eu comecei a entender, comecei a duvidar do quão longe eu poderia chegar. Acho que o trabalho paga. Na minha cabeça, o foco e palavras positivas ajudam você a construir essa jornada. É algo que é prazeroso de se estar alcançando”, comentou Matheus antes do embarque para os Estados Unidos.

A determinação do jogador é destacada por sua mãe, Luziana Cunha, durante a entrevista para Elisa Marinho. “Matheus, com seis anos, eu digo isso em toda entrevista, ele olhou para a cara da irmã, abraçado com ela, e disse ‘eu nem vou estar aqui quando você fizer 15 anos’. Como mãe, já levei para aquele lado sentimental e questionei onde é que ele estaria. ‘Vou estar jogando fora’. Com seis anos falou isso, tem noção? Então, assim, ele sempre foi isso, sempre foi determinado”, relata a mãe do pessoense que cresceu no bairro da Torre.

“Ele sabia onde queria chegar, entende de futebol e sabe até aonde ele pode ir. Eu, enquanto mãe, só entrego carinho, só aquele cuidado. Ele chegou no Coritiba e morava em um quarto que tinha dois beliches e um armário. Cada criança tinha um metro e meio de espaço. E o Matheus estava sempre feliz e satisfeito, porque ele já sabia que precisava passar por aquilo para ser um jogador de futebol. Eu, enquanto mãe, só fiz orientá-lo para as coisas que podiam vir”, destacou Dona Luziana.

Hoje, Matheus Cunha joga na maior liga de futebol do mundo, a Premier League. O atleta é o camisa 10 do Manchester United. Pela Seleção Brasileira, desde 2021, entrou em campo 21 vezes, tendo marcado apenas um gol. Ape-

sar do baixo número de tentos, ele tem um papel tático importante no esquema do atual treinador. Muitas vezes, atua como um meia, um construtor de jogadas. A principal conquista de sua carreira foi o ouro olímpico em 2021, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, no Japão.

Gol de Placa

Renildo Linhares trabalhou com Matheus Cunha quando o atacante dava os primeiros passos no futsal e no futebol. Com 11 anos, o ainda garoto esteve no projeto Gol de Placa, conhecido em João Pessoa por formar alguns atletas paraibanos. “Professor Renildo”, como é reconhecido nas escolinhas de futsal, relembra das primeiras impressões daquele menino “comunicador”.

“A impressão foi a melhor, ele era muito diferente. Assim, tanto da parte técnica — era um atleta muito acima da média — quanto à questão de se comunicar — de ter um carisma e magnetismo. Tanto que todo mundo gostava muito dele. Ele conversava com todo mundo, conversava com os pais dos colegas e com os adversários. Onde ele estava, não passava despercebido”, contou Renildo em entrevista para Elisa Marinho.

“Matheus tem uma coisa especial. Assim, eu acredito muito nele. Eu acho que ele tem tudo para ajudar muito nossa Seleção. Vai depender de outros fatores, é claro, mas ele é um vencedor, tem uma estrela muito grande, além de um talento absurdo. Eu tenho muita fé que a Seleção vai se sair muito bem nessa Copa. Tomara que, correndo tudo bem, ele possa se destacar. A gente está sempre na torcida por ele”, completou o treinador.

Fotos: Reprodução/Instagram @cunha

Cunha, que estreou no time principal da Canarinho em 2021, vive a expectativa de disputar sua primeira Copa do Mundo



O atleta pessoense é o atual camisa 10 do Manchester United e marcou 10 gols na temporada 2025-2026 da Premier League

As categorias de base da instituição pessoense foram responsáveis pela formação de Matheus Cunha e de Otávio, que foram convocados para Mundiais

Foto: Roberto Guedes



BONS FRUTOS

Cabo Branco é celeiro de craques

Clube da capital paraibana destaca-se por formação de dupla de jogadores presente em Copas do Mundo

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Se os clubes do futebol paraibano nunca produziram atletas que chegassem a uma Copa do Mundo, por conta da sistemática ausência de trabalhos sólidos em suas categorias de base, não dá para dizer que não há um clube da Paraíba que fuja dessa realidade. É que existe uma instituição, mais do que centenária no estado, que já formou dois jogadores paraibanos de Copa do Mundo. Mas não por meio do futebol. Foi pelo futsal.

Matheus Cunha, convocado para a Copa do Mundo deste ano, vai se tornar o segundo atleta oriundo das categorias de base do futsal do Esporte Clube Cabo Branco a atuar num Mundial. Antes, o meia Otávio — que assim como Cunha é natural de João Pessoa — deu seus primeiros passos e passes com a bola pesada no tradicional clube vermelho e branco.

Lapidando joias

O Cabo Branco é uma das instituições esportivas históricas da Paraíba. Foi fundado por jovens, em 1915, como um time de futebol, quando a modalidade engatinhava em João Pessoa. Ganhou protagonismo na prática do esporte nas primeiras décadas do futebol na Paraíba, conquistando títulos na era amadora.

Aos poucos, foi se tornando um importante espaço de poder na capital, ganhando relevância social, sendo um lugar de lazer para a elite econômica e política. A partir do fim da década de 1950, quando inaugurou a sua sede no bairro do Miramar, passou a contar com várias modalidades. Uma das mais tradicionais oferecidas no clube, por vários anos, foi o outrora futebol de salão. Hoje, o já usual futsal.

Ainda na primeira década deste século, um garoto chamado Matheus chegou à escolinha do clube. Foi no clube vermelho e branco que colocou o seu talento para jogo e aprendeu os fundamentos do futsal, iniciando uma trajetória que viria a ser fantástica

no futebol de campo, chegando a um dos maiores clubes do mundo, o Manchester United, no qual joga atualmente.

O pai do jogador, Carmelo Cunha, também foi atleta do Cabo Branco quando era mais jovem. Sabendo da qualidade do trabalho de base do futsal da agremiação, Carmelo recorreu ao clube quando, aos poucos, começou a perceber que o filho também levava jeito para jogar bola. Nada melhor do que iniciar a carreira com a bola mais pesada, a do futsal, porta de entrada para tantos atletas que mais tarde transformaram-se em grandes jogadores no campo.

“Ele começou com sete anos no Cabo Branco. Eu tam-

Fundação

O Esporte Clube Cabo Branco foi fundado em 1915, como um time de futebol, quando a modalidade esportiva ainda dava seus primeiros passos em João Pessoa

bém joguei no clube no passado. O tempo passa muito rápido. Levei ele para escolinha para os treinadores avaliarem. Quem era o técnico era o saudoso Nildo. Falei que meu menino jogava direitinho e ele foi jogar. Nildo viu e ficou louco me procurando, porque queria integrar Matheus, ineditamente, na seleção para jogar o Paraibano Sub-7 na época. E me pediu para, urgentemente, tirar a carteira de identidade dele para jogar. E, aí, Matheus não parou mais”, comentou o pai do jogador.

Presidente do clube na época em que Matheus Cunha estava iniciando a sua trajetória no esporte, Guilherme Novinho, que também foi dirigente de um dos times de futebol da cidade, o Botafogo, analisa como o futsal do Cabo Bran-

co historicamente forma mais atletas do que os clubes profissionais do campo no estado.

“O Cabo Branco é um celeiro de atletas. Para se ter uma ideia, o clube já chegou a ter nas suas escolinhas de futsal cerca de 200 garotos. Muitas vezes, os meninos não são aproveitados nas equipes de futebol de João Pessoa, mas depois acabam saindo direto do futsal do Cabo Branco para jogar em clubes de futebol de estados vizinhos e até do Sul e do Sudeste. E, aí, vemos que os clubes de futebol, como Botafogo, Auto Esporte e CSP, não conseguem fazer um trabalho de base”, comentou.

Depois do Cabo Branco, Matheus Cunha continuou no futsal, mas foi atuar em Pernambuco, no CT Barão, ainda criança. Com 14 anos, migrou para o futebol, após chamar atenção do Coritiba, no qual se profissionalizou. Atuou, ainda, por Sion, da Suíça, e RB Leipzig e Hertha Berlin, ambos da Alemanha. Jogou pelo Atlético de Madrid, da Espanha, e depois no Wolverhampton, da Inglaterra. Atualmente, integra o elenco do Manchester United, também da Inglaterra.

O primeiro em Copa

Um dos grandes valores do futsal do Cabo Branco, no início da primeira década do século atual, foi Otávio. Ainda muito novo, foi um enorme destaque na categoria Fraldinha e, depois, Pré-Mirim, nas competições locais e regionais. Foi chamado para jogar no futsal do Santa Cruz-PE ainda criança e foi na Cobra Coral que Otávio migrou para o futebol de campo.

Nas categorias de base, chamou atenção do Internacional, em que se profissionalizou. De lá foi vendido para o Porto, de Portugal, tendo atuado

emprestado, ainda, pelo Vitória de Guimarães, também do país. Voltou ao Porto, no qual chegou ao seu auge, tendo atuado por oito temporadas no clube. Durante esse período, ganhou cidadania portuguesa e passou a ser assediado pela Seleção do país, decidindo jogar por Portugal. Foi convocado

para a Copa do Catar, em 2022, tornando-se o primeiro atleta oriundo do futsal do Cabo Branco a participar de uma Copa do Mundo.

“Otávio foi cria do Cabo Branco, vivia ali no bairro do Miramar. Seu pai, Júnior, foi peça fundamental no desenvolvimento dele no futsal e, em

seguida, no futebol. Otávio é de uma geração de craques do futebol de salão do Cabo Branco e da Paraíba. A essência e a base de Matheus e de Otávio foi o futsal do Cabo Branco. O clube fica muito feliz de estar colocando para ao mundo atletas desse nível”, comemora Guilherme Novinho.

JUNHO VERMELHO

MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE



O bem corre em suas veias

PARA SE TORNAR UM DOADOR, PROCURE O HEMOCENTRO DA SUA CIDADE.

Projeto com os livros *Da bagaceira ao mel* e *Paraíba século XXI — estratégias e soluções* foi organizado pelos pesquisadores Janete Lins Rodriguez e Marcone Pereira Simões

DIÁLOGOS

Pensar a Paraíba

Obras recém-lançadas são mais do que uma leitura recomendada para aprofundar o atual cenário de desenvolvimento do estado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Olhar o passado para melhor compreender a realidade e projetar o futuro. Essa é a dinâmica que permeia as obras *Da bagaceira ao mel* e *Paraíba século XXI — estratégias e soluções*, organizadas pelos pesquisadores Janete Lins Rodriguez e Marcone Simões. Lançadas em março deste ano num box, os dois volumes pretendem ser mais do que uma leitura recomendada para os que buscam aprofundar o atual cenário de desenvolvimento da Paraíba.

“Essas obras já estão sendo livros de consulta, e nós estamos com um programa de distribuição, que foi proposto no dia do lançamento pelo então governador, João Azevêdo, para levar essa produção a todas as escolas do estado da Paraíba, a todas as bibliotecas e salas de leitura. Quando fomos despachar com o atual governador, Lucas Ribeiro, avançamos nessa propositura e pedimos a ele que encaminhasse também para todos os prefeitos, independentemente de bandeira, porque nosso objetivo é facilitar e melhorar a gestão”, informa a professora Janete, gerente do Museu da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

Foi justamente nas salas da fundação que nasceram os primeiros embriões das publicações, de um seminário que propunha analisar três grandes obras literárias que abordam, sob ângulos diferenciados, as relações socioeconômicas em torno da produção açucareira. A profundidade das conferências proferidas a partir de *A bagaceira*, de José Américo, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, e *Os Simões da Serra do Cabão*, de Marcone Simões, fez com que muitas pessoas buscassem seu conteúdo, estimulando a equipe organizadora a reunir os textos em forma de livro.

“Este título, *Da bagaceira ao mel*, é provocativo, porque a bagaceira é o resultado do subproduto da extração do açúcar, do mel, do que tem valor econômico e dos seus subprodutos. E essa bagaceira, que foi denunciada não explicitamente nos romances de José Américo, de José Lins do Rego e nos meus escritos também, hoje em dia, está no entorno das grandes metrópoles. São as comunidades e pessoas que estão à margem da sociedade, da educação, da saúde, do consumo de alimentos, do lazer e da qualidade de vida”, explica Marcone, ressaltando o diálogo frutífero surgido entre li-

teratura, história e ciências sociais.

Quando foram organizar a publicação, a equipe, que também contou com o apoio dos professores Claudio Furtado e Marcos Formiga, pensou que eles poderiam avançar um pouco mais. Relembraram da obra centenária de José Américo de Almeida, *A Paraíba e seus problemas*, que costuma ser estudada ou retomada a partir do passado e do presente, e decidiram ousar, pensar além.

“O seminário apontou os rumos, foi um farol para que a gente desenvolvesse o segundo livro, que tem tudo a ver com o primeiro, porque partiu de uma temática que já tinha sido apontada e lembrada por José Américo de Almeida. Nós traçamos, então, um plano inicial com os temas e começamos a consultar algumas pessoas se gostariam de fazer parte da proposta. Esses convidados deveriam contribuir com um texto, descrevendo a situação atual de sua área e apontando estratégias e soluções para as próximas duas décadas, de forma a sanar aquele problema”, conta a professora.

As colaborações do segundo volume pretendem formar um amplo painel em torno da Paraíba do futuro. Os organizadores selecionaram secretários de Estados, professores universitários ou pesquisadores e profissionais especializados e envolvidos diretamente na temática desenvolvida, a exemplo de Pollyanna Wernton, Lídia de Moura, Rosália Lucas, Pedro Santos, Cidoval Morais, Tania Bacelar e Marielza Targino, entre outros. Ao todo são 20 ensaios que discutem o desenvolvimento da Paraíba em áreas

como infraestrutura, patrimônio, inclusão social, justiça, educação, cultura, turismo, artesanato, transição energética, economia criativa e inovação tecnológica.

Na visão de Simões, esse diagnóstico é importante, pois permite avaliar de maneira consciente os passos que foram dados. Apesar de admitir não ser especialista em história ou economia — é engenheiro civil — e reconhecer que ainda há muito para avançar, o pesquisador nota um grande crescimento na Paraíba. “Nós nunca tivemos algo, fora o próprio ciclo da cana-de-açúcar, que fomentasse o desenvolvimento do estado. A Paraíba andou dormindo, sabe? E é inegável que no governo de João Azevêdo vários setores começaram a despertar. A gente ainda precisa criar e fortalecer uma indústria, mas a gente vê que as pessoas trocaram o jumento por uma moto, por exemplo, e passaram a ter uma qualidade de vida melhor”, argumenta.

Desenvolvimento integral

A professora Janete Rodriguez destaca que a principal ideia por trás de uma Paraíba do futuro é o desenvolvimento integral, capaz de estimular a educação e dar melhores condições de vida e saúde para todos. “Uma população saudável, uma população que lê, é uma população que promete. Por isso, através da memória, da história, das estratégias e soluções, a gente propõe esse conjunto interdisciplinar de temas em perspectiva, como um farol iluminando o futuro”, sintetiza.

A recomendação da organizadora é começar a leitura pelo pri-

meiro volume, *Da bagaceira ao mel*, para ter uma percepção maior das injustiças sociais ainda hoje existentes e suas raízes histórico-culturais. Quanto a *Paraíba século XXI — estratégias e soluções*, não há indicação para sequência da leitura. Se alguém é curioso, pode iniciar, por exemplo, pelo último capítulo, que aborda questões atuais, como ciência e tecnologia. O texto tem autoria dos pesquisadores Amílcar Amílcar Rabêlo de Queiroz, presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), e Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, que participou da equipe de formatação do projeto.

“O momento atual da Paraíba na área de ciência e tecnologia é muito importante. Foram feitos investimentos em diversos setores e no apoio às universidades, sobretudo nas pós-graduações, que mostram um estado à frente na formação de recursos humanos altamente estratégicos, segundo dados da própria Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior]”, pontua o secretário.

Furtado chama atenção para iniciativas ligadas às ciências e tecnologias que promovem o desenvolvimento regional, estimulando o turismo e outras áreas econômicas, a exemplo do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), do Centro Internacional de Computação Quântica da Paraíba (Ciquanta-PB) e do Complexo Científico do Sertão, que engloba infraestruturas de pesquisa, como a Cidade da Astronomia, o Radiotelescópio BINGO, o Monumento Natural Vale dos Dinos-



Foto: Carlos Rodrigo



Foi feita uma série de investimentos no estado, por isso sempre gosto de falar de ‘um estado de conhecimento’

Cláudio Furtado

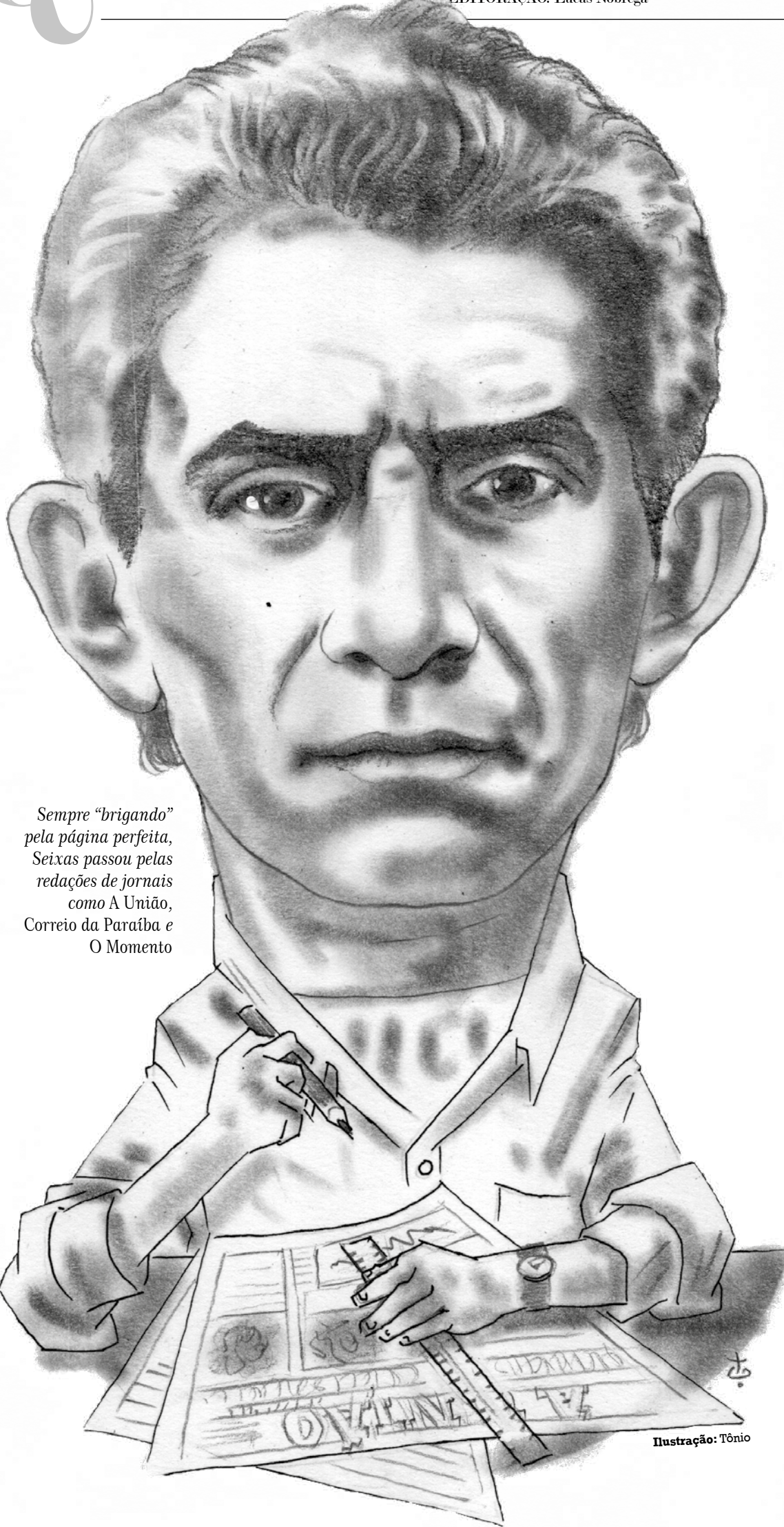
sauros e o Museu de Arqueologia da Paraíba.

“Foi feita uma série de investimentos no estado, por isso sempre gosto de falar de ‘um estado de conhecimento’, porque nós temos mais de 200 mil alunos no Ensino Superior e formamos uma grande quantidade de mestres e de doutores, ação que impacta muito para que a Paraíba possa, nesse mundo da inteligência artificial e da chegada da computação quântica, estar bem preparada em todas as áreas e formar mais pessoas e mão de obra qualificada para atrair cada vez mais investimentos”, frisa o gestor.

A Paraíba do futuro implica, segundo Marcone Simões, uma abertura ao novo, sem deixar de lado aquilo que é específico do próprio território. É justamente isso que a ilustração da capa do segundo volume, pintada pelo artista Flávio Tavares, procura representar: um computador quântico e o astro-rei, cujos raios incidem primeiro nas terras paraibanas. “Depois desse projeto, no qual conversamos com cabeças tão brilhantes, percebo que temos uma necessidade urgente de dialogar e trocar experiências. Já mandamos artistas para outros lugares, temos estudantes fazendo intercâmbios... O caminho é esse: quebrar o isolamento no qual estivemos por muito tempo. O segredo da Paraíba, agora, é abrir janelas e portas para dialogar com o mundo”, aposta o pesquisador.



Iniciativa é um conjunto interdisciplinar de temas em perspectiva, colocando cada ensaio como um farol iluminando o futuro



Sempre “brigando” pela página perfeita, Seixas passou pelas redações de jornais como A União, Correio da Paraíba e O Momento

Ilustração: Tônio

Wellington Seixas

Paraibano foi um diagramador criterioso e criativo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Nos bastidores das redações, o trabalho minucioso de editar sem o uso das palavras, conectando e organizando as histórias das páginas, compete ao diagramador. Um trabalho invisível e silencioso, que Wellington Seixas desenvolveu com habilidade calculando títulos, selecionando tipos e criando estratégias visuais para atrair a percepção do leitor em torno dos destaques diários de cada edição.

Wellington Seixas de Carvalho nasceu em 27 de janeiro de 1947, em João Pessoa. O filho do casal Luiz Gonzaga Freire de Carvalho e Célia Pinto Seixas começou a cursar Direito, mas não chegou a concluir. Com o casamento, tinha que sustentar a família e encontrou no jornalismo a profissão que exerceria até o último dia, influenciando ao menos mais dois de seus cinco irmãos: Fred Seixas, que não prosseguiu na área, e Land Seixas, líder sindical do jornalismo paraibano.

Wellington ingressou no jornal A União em 1976. O diácono e jornalista José Nunes recorda que trabalharam juntos no veículo, assim como também no jornal O Momento, nos primeiros anos de 1980, mostrando como profissional da diagramação experiente, ágil e eficiente. “A especialidade dele na profissão, que exercia com esforço profissional e responsabilidade, quero acreditar que tenha sido a de buscar a suavidade da diagramação, deixando a página agradável, de leitura fácil e bonita de observar”, conta Nunes. “Tal-

vez seja essa, também, a sua principal característica: tornar a página do jornal esteticamente bonita, mesmo que a diagramação fosse sem muitas inovações gráficas porque, no tempo quando trabalhamos juntos — até início dos anos de 1980 —, não dispúnhamos dos mecanismos que o advento da internet possibilitou”, complementa.

Outro companheiro de profissão foi o jornalista Giovanni Meirelles, com quem trabalhou na década de 1990, quando este começou na profissão como repórter n’A União, assim como no Correio da Paraíba, quando Meirelles ocupava a função de editor-geral e Seixas era responsável pela diagramação da primeira página. Tudo ainda era feito manualmente, com régua de paica, papel milimetrado e calculadora de toques para contabilizar o número de linhas e, só depois, “descer” para que a gráfica pudesse fazer a montagem em papel colante com cera derretida, transformar em filme de fotolito e gravar na chapa metálica de impressão para, só então, rodar em bobinas que recebiam tinta embebida numa substância chamada “umidiluto”.

“De temperamento forte, Wellington brigava sempre — no bom sentido — para fazer uma página perfeita. Era um diagramador criterioso e criativo, muito parecido com o irmão dele, Land Seixas, então presidente do Sindicato dos Jornalistas. Não havia diagramação eletrônica na tela do computador, nessa época, aqui na Paraíba, mas Wellington conseguiu aprender as novas práticas. A duro custo, mas aprendeu, na marra... Isso foi em mea-

dos da década, em 1994 ou 1995, quando as redações paraibanas começaram a se informatizar com a chegada dos primeiros computadores e impressoras Image Setter para fotos coloridas, no lugar das antigas rotativas com texto e fotografias em preto e branco”, relata Giovanni.

Coisa de paizão

Os traços mais introvertidos da personalidade de Wellington Seixas são confirmados pelos demais companheiros de Redação. José Nunes informa que o colega tinha o hábito de estar sempre mais calado e pouco disposto a conversas na Redação. “Tchava a cara quando não gostava de algo, ficava entufado com sinais de que desejava esganar a todos. No minuto seguinte, era o amigão de antes”, descreve. “As redações de outro era um lugar profundamente familiar, onde tínhamos longas conversas e brincadeiras descontraídas. Sempre respeitosas. O que muito o irritava era se sentir tocado, abraçado. Talvez eu fosse um dos que fazia isso sem que se irritasse tanto”, revela.

O jornalista Jãmarrí Nogueira reconhece Seixas na primeira metade da década de 1990, quando chegou para trabalhar no Correio da Paraíba, onde o

diagramador já estava há um bom tempo. “Ele era sisudo. Eu lembro de olhar e não ter nem coragem de falar direito porque era bem sério mesmo. À medida que o tempo foi passando tivemos um contato mais próximo, ele como diagramador e eu como repórter e depois como editor setorial. Comecei a perceber que era uma pessoa de coração gigante que tinha, às vezes, até uma imaturidade para tópicos sensíveis e temas complexos. Na Redação, por exemplo, se tirava muita onda em relação a assuntos que eram considerados tabus mas que, para ele, envolviam percepções muito tradicionalistas”, relata.

Apesar de uma postura que aparentava rigidez, Jãmarrí destaca a sensibilidade de Wellington Seixas, percebida tanto pela capacidade de enfrentar as mudanças no modo de se produzir jornal — que migrou de um modelo mais rústico para outro informatizado, exigindo aprendizagem de novos conhecimentos de programas em computador — como também pelos gestos simples, como de uma carona oferecida quando voltavam do trabalho.

Jãmarrí Nogueira conta que, na época, costumava usar skate, inclusive para trabalhar, mas, certa vez, uma das rodas do equipamento quebrou e,

como não havia táxi por perto, resolveu arriscar voltar para casa de ônibus. Mesmo passando da meia-noite, se dirigiu à parada, onde esperou por ao menos 20 minutos, sem sucesso. Quando já se perguntava o que fazer, apareceu Wellington, que saía do jornal, oferecendo uma carona. “Aí eu disse: ‘Não, cara, não se preocupe comigo, não. Eu estou de boa’. Ele disse: ‘Entra aí, que não é hora de estar na rua, não’. Eu entrei no carro, ele me deixou na porta e esperou eu entrar e no fim disse, com aquele tom de voz, pois ele falava grosso: ‘Pronto, rapaz, agora está seguro’. Sabe aquela coisa de paizão? A recordação que eu tenho dele é essa: de um profissional capaz de migrar para um outro tempo e de uma alma sensível”, sintetiza.

Amante do cinema e do esporte

Entre os colegas de Redação, Wellington Seixas era conhecido por “Fodão”, apelido que fazia par com outro companheiro de mesmo nome, Wellington Farias, que era chamado de “Fodinha”. Giovanni Meirelles lembra que o diagramador gostava muito de jogar futebol e atuava como árbitro das partidas disputadas no antigo campo do Clube dos Oficiais. “Ele adorava frequentar os cinemas exis-

tentes no Centro da cidade, hoje todos extintos, como o Municipal, o Rex, o Plaza, preferindo filmes de guerra, de aventura e de ação. Era fã de Chuck Norris (*Força Delta, Texas ranger*, etc.) e também de Bruce Willis (*Duro de matar, O quinto elemento*, entre outros)”, completa o amigo.

“Ele amava o jornalismo, era a vida dele. Lembro que, quando criança, quando estava de férias, ele me levava para a Redação. Ele não me influenciou, mas eu me deixei influenciar por ele porque fui também jornalista”, relata Wellington Seixas Júnior, um dos filhos, que hoje em dia empreende no ramo turístico.

Do pai, Wellington Júnior recorda também outra paixão além do jornalismo: o desporto. Não perdia as partidas organizadas entre os companheiros de profissão e, mesmo sendo um fumante, era praticante de natação e atletismo, participando ativamente das competições realizadas na capital paraibana.

Wellington Seixas de Carvalho era funcionário do Sistema Correio de Comunicação quando faleceu, em 12 de dezembro de 2015, vítima de infarto no ambiente de trabalho, gerando uma grande comoção em toda a imprensa paraibana.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Titulares do Ritmo

Fundado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1926 — portanto, há um século —, o Instituto São Rafael é uma escola que cuida da educação escolar e profissional de deficientes visuais, evidentemente usando o método criado pelo francês Louis Braille, em 1837. Ali, como alunos ginasianos, conheceram-se, em 1941, os estudantes criadores do sexteto Titulares do Ritmo, os irmãos cearenses Francisco Nepomuceno de Oliveira (Chico) e Geraldo Nepomuceno de Oliveira; os mineiros Domingos Ângelo de Carvalho, João Cândido Brito e Soter Cordeiro, e o baiano Joaquim Alves.

O destaque e a característica principais do conjunto estavam na requintada criação de harmonias e vocalizações, configurando-se na formação do grupo: Chico, como líder, compositor, arranjador, pianista e violonista; Geraldo, cantor e violonista; os quatro restantes desempenhavam os papéis de cantores, ritmistas e percussionistas.

A estreia do sexteto aconteceu na Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, quando foram contratados para se apresentarem em programas de auditório. O sucesso os fez serem notados e levados para a Rádio Gazeta de São Paulo, em 1948, de onde passaram para a Rádio Bandeirantes, em 1950. Começaram, então, a surgir os convites logo aceitos para gravarem inúmeros jingles publicitários, inclusive de natureza política, no que eram, algumas vezes, acompanhados por backing vocals femininos contratados, inclusive para futuras gravações comerciais de estúdio.

Após gravações iniciais de discos de 78, o sucesso consagrador veio com o fox-trot “Serenata ao luar”, uma versão de Arioswaldo Pires para a criação de Glenn Miller, “Moonlight serenade”, selo RCA Victor, de 1953. Mas, como se diria hoje, o que viralizou foi a gravação do megassucesso, a marcha “A taça do mundo é nossa”, uma criação conjunta de Mau, Dag e Lau, como



Tendo destaque o sucesso “A taça do mundo é nossa”, a característica principal do conjunto mineiro era a requintada criação de harmonias e vocalizações

consta no selo do 78 rpm, mas que são, na verdade, Wagner Maugéri, Victor Dagô, Lauro Müller e Maugéri Sobrinho, para festejar a conquista da Copa do Mundo de Futebol de 1958: “A taça do mundo é nossa / Com brasileiro, não há quem possa...” Belos tempos! (futebolísticos). Outro sucesso foi “Sinos de Belém” (“Jingle bells”, de James Lord Pierpont (1822-1893), em versão de Evaldo Ruy, que a tornou popular entre nós: “Hoje, a noite é bela / juntos, eu e ela, vamos à capela / felizes a rezar...”.

Na década de 1950, gravaram 16 álbuns (LPs) pela RCA, Odeon, Continental, Copacabana, Chantecler e Califórnia, e

mantiveram apresentações pelas emissoras Rádio Tupi (Rio) e Record (São Paulo), além de criarem a firma Pauta — Gravações e Propaganda, destinada a atender a demanda comercial em busca de seus criativos jingles. Também, no fim dos anos 1950, chegaram a gravar um álbum (LP) pela RGE, com o nome do conjunto The Playings, criado pelo diretor da RGE Discos, com o objetivo de gravar os sucessos daqueles anos. O novo grupo era formado por eles com as Irmãs Gradilone, que faziam o complemento vocal, com fortes influências do laureado The Platters. São dessa

fase, dois enormes sucessos: “Love me forever” (Beverly Guthrie e Gary Lynes) e a versão de Fred Jorge para “Estúpido cupido” (“Stupid cupid”, de Neil Sedaka e Howard Greenfield), inclusas na novela homônima da Rede Globo (1958).

Adeptos da “boa vizinhança”, lançaram, nos anos 1990, um álbum (LP) *Homagem ao Bando da Lua*, totalmente dedicado amigos de jornada musical e um CD com uma seleção de sucessos: *A música de Tom Jobim*.

Até os anos 1970, o grupo ainda se apresentavam em shows, especialmente pelo interior paulista.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

2043: o ano em que os jornais vão desaparecer?

No livro *Os jornais vão desaparecer?* (Editora Contexto), o pesquisador e jornalista Philip Meyer aponta o ano de 2043 como o momento em que não haverá mais leitores diários de jornais. Segundo o autor, não se trata de uma previsão precisa, mas de uma projeção matemática linear, baseada na velocidade de queda do número de leitores diários dos periódicos impressos. Para ele, o problema é simples: trata-se de uma questão de substituição geracional.

“Desde que a geração dos baby boomers (nascidos no pós-guerra) envelheceu, sabemos que os jovens leem menos jornais do que os mais velhos. Durante anos, nos consolamos achando que eles se tornariam parecidos conosco e adotariam o hábito de ler jornais quando fossem mais velhos. Isso nunca aconteceu”, reflete Philip Meyer.

Não se sabe se o fim do jornal impresso ocorrerá em 2043 ou antes, mas os números no cenário nacional indicam o caminho da extinção. Um levantamento do portal Poder360, com base em dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) e da PwC, mostra que 11 dos 13 tradicionais jornais da mídia brasileira registraram queda na circulação de suas versões impressas em 2025.

A tiragem média diária somada dessas publicações também terminou o ano passado em baixa, caindo de 304.857 exemplares por dia para 205.610, o que representa uma queda de 32,6% em comparação à circula-



Recentemente, o Diário de Pernambuco retomou a edição impressa das segundas-feiras

ção de 2024. Dos 13 jornais pesquisados, apenas a *Folha de S.Paulo* e *O Tempo*, de Minas Gerais, registraram alta, de 18,1% e 6,8%, respectivamente.

Os 13 jornais avaliados pelo Poder360 foram *Folha*, *Estadão*, *O Globo*, *Zero Hora*, *Meia Hora*, *Extra*, *Valor*, *A Tarde*, *Estado de Minas*, *Correio Braziliense*, *O Tempo*,

O Povo e *O Popular*. Em relação à maior queda, a lanterna ficou com *O Estado de S.Paulo* (-59,9%).

Já as assinaturas digitais dos 11 principais jornais do Brasil, somadas, cresceram 4,6% em 2025, alcançando 2.058.571. Os destaques foram os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*, que re-

gistraram crescimento de 7,5% cada, atingindo 873.872 e 418.496 assinaturas, respectivamente. O jornal *O Globo* teve alta de 4,5% e encerrou o ano com 378.491 assinantes. Em contrapartida, entre as páginas eletrônicas com mais de 100 mil assinantes, o *Zero Hora* e o *Valor Econômico* perderam leitores, com quedas de 16,5% e 1,3%, cada um.

O fenômeno não se restringe ao Brasil. Nos Estados Unidos, cerca de um terço de todos os jornais existentes em 2005 fecharam até 2024, o que deixou 88 milhões de norte-americanos com acesso limitado ou nenhum acesso a notícias locais em 2025. A circulação geral de jornais caiu mais de 60% desde 2005, passando de aproximadamente 120 milhões para 38 milhões em 2025.

Diante a tantos números que deixam os amantes do jornal de papel cabisbaixos, uma notícia inusitada veio do Recife. O jornal *Diário de Pernambuco*, o mais antigo em circulação na América Latina e que vai se tornar bicentenário em novembro de 2026, retomou a edição impressa das segundas-feiras. No dia 1º de junho, Dia Nacional da Imprensa, o veículo voltou a ocupar as bancas e a chegar à casa dos assinantes também no início da semana. Para a direção de jornalismo do *Diário de Pernambuco*, essa é uma forma de reafirmar “o jornal impresso como espaço de credibilidade, curadoria e aprofundamento das notícias”. Será que a previsão de Philip Meyer está errada?

TECNOLOGIA

Microsoft traz base para implantar agentes de IA

Empresa oferece aos desenvolvedores as ferramentas para diversos formatos

Agência Estado / Europa Press

A Microsoft anunciou novas ferramentas, plataformas e infraestrutura para que os desenvolvedores criem e implantem agentes de inteligência artificial (IA) de forma segura e possam criar novas experiências para empresas e usuários em diversos formatos.

Na última terça-feira (2), foi realizada a Build 2026, a conferência anual da Microsoft que oferece uma visão geral dos novos recursos e ferramentas que a empresa disponibiliza aos desenvolvedores para que criem experiências para usuários e empresas em seu ecossistema, com foco no uso real da inteligência artificial e na expansão dos agentes.

Nesse sentido, a empresa quer que o Windows seja um excelente ambiente para o desenvolvimento e, para isso, anunciou a expansão das APIs de IA do Windows para mais computadores e dois novos modelos — Aion i1.0 Instruct e Aion 1.0 Plan — para raciocínio local e o uso de ferramentas de chamadas para aplicativos de agentes, em equipamentos equipados com processadores da AMD, Intel, Qualcomm e Nvidia, incluindo o RTX Spark.

A isso se soma o novo computador compacto Surface RTX dev Box, acelerado com Nvidia RTX Spark e baseado na plataforma de desenvolvimento do Windows, que oferece um *petaflop* de potência de computação de IA, uma CPU de 20 núcleos e 128 GB de memória unificada para criar

protótipos, otimizar e executar modelos localmente, além de acessar a nuvem quando necessário.

A Microsoft também anunciou o DGX Station, um supercomputador de mesa equipado com o *chip* GB300 Grace Blackwell Ultra, da Nvidia, para *desktop*, capaz de executar modelos de IA com um bilhão de parâmetros.

A empresa também compartilhou seu trabalho atual, que está migrando dos sistemas operacionais para as aplicações de agente. Nesse contexto, anunciou o Project Solara, uma plataforma com a qual a empresa incentiva os desenvolvedores a trabalhar com novos formatos para a era dos agentes de IA.

Como exemplo, apresentou dois protótipos: um dispositivo de mesa compacto, equipado com um *chip* da MediaTek e com o Microsoft 365 Copilot e um dispositivo no formato de um cartão de identidade, equipado com a Qualcomm.

Os anúncios também incluem a disponibilidade geral do Coreutils para Windows, a próxima chegada da prévia pública dos contêineres WSL, a disponibilidade geral do Windows Developer Configurations e a prévia pública do Windows 365 com a configuração de desenvolvedor.

Implementação

O salto evolutivo da inteligência artificial generativa são os agentes e, para eles, a Microsoft anunciou o WebIQ, um mecanismo de busca impulsionado pelo Bing projetado espe-

cificamente para os agentes e otimizado para a maneira como eles navegam na *internet*, que atualmente utilizam o Copilot e o ChatGPT.

Para a implantação segura dos agentes, a empresa anunciou o Microsoft Execution Containers, uma nova camada de execução baseada em políticas que permite aos desenvolvedores estabelecer limites para os agentes e aplicá-los em ambientes isolados.

Além disso, os desenvolvedores podem acessar um ecossistema de agentes de parceiros, que inclui Hermes, Manus, Nvidia, OpenAI e OpenClaw.

O Microsoft Foundry também está entrando na era dos agentes, onde estará disponível a partir deste mês o Hosted Agents, um modelo de hospedagem para as cargas de trabalho dos agentes, e, como parte de uma colaboração com a Firework AI, é possível acessar todo o ciclo de desenvolvimento dos agentes como provedor de inferência de modelos abertos.

Também foi anunciado o novo GitHub Copilot App, uma ferramenta com a qual os desenvolvedores terão acesso ao ciclo de vida do desenvolvimento dos agentes, com a possibilidade de executar múltiplas sessões de agentes de forma isolada e com monitoramento em tempo real. Ele reúne as ferramentas GitHub Copilot, Copilot Chat, Cowork e Autopilot.

O Agent 365, a plataforma de controle dos agentes, foi atualizado com novos recursos que ampliam a supervisão e o gerenciamento desses programas autônomos.

Além da segurança para a IA, a Microsoft também trabalha na segurança contra os riscos introduzidos pela IA com um novo ecossistema de agentes, no qual mais de 100 agentes especializados atuam na detecção e validação de vulnerabilidades em ambientes complexos. A empresa já utiliza isso internamente e anunciou que em breve estará disponível no CLI e no Microsoft Defender.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Apenas (1) tu debes apressar o passo (2). **Solução:** Porque debes ajudar (3) o semelhante = Socorrer.

Charada de hoje: A poeira (1) levou a ave (2) a escutar uma composição em verso (4).



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Mais artistas que são escritores

No domingo passado (31), neste espaço, depois de vermos os trabalhos de nomes como Fernanda Torres, Chico Buarque, Alice Carvalho e Arnaldo Antunes, vamos conhecer outros artistas que se aventuram no mundo da literatura. A seguir, confira outros nomes que têm como paralelo às suas carreiras "principais" as letras (com Agência Estado).

Lázaro Ramos

Astro de *O pai, ó, Mister Brau* e inúmeras novelas, Lázaro Ramos (foto acima) também tem um extenso currículo como escritor. Ao longo dos anos, ele assinou diversos livros infantis, como *Sinto o que sinto: um passeio pelos sentimentos*, *Descobrimo a minha história: A incrível aventura de Asta e Jaser e Edith e a velha sentada*. Em 2017, lançou *Na minha pele*, reflexão profunda sobre raça, discriminação, empoderamento e família, enquanto compartilha histórias pessoais que moldaram sua vida. Há também uma sequência, *Na nossa pele*, de 2025, em que ele retoma as discussões do original e conta histórias da mãe, Célia Maria do Sacramento, que morreu quando ele tinha apenas 18 anos. Em 2022, ele lançou o romance infantojuvenil *Você não é invisível*, que conta a história de dois irmãos em quarentena e como suas personalidades opostas criaram suas formas de ver e interagir com o mundo ao seu redor.

Jennette McCurdy

Depois de fazer sucesso como atriz mirim em *iCarly* e *Sam e Cat*, Jennette McCurdy pegou muitos fãs de surpresa quando se afastou da atuação e lançou, em 2022, *Estou feliz que minha mãe morreu*, em que conta sobre as pressões e abusos que sofreu nas mãos maternas ao longo de sua carreira televisiva. A autobiografia, que rapidamente se tornou um *best-seller*, será adaptada para a televisão, em série estrelada por Jennifer Aniston. Em 2026, ela publicou sua primeira ficção, *Metade da idade dele*. O livro conta a história de uma adolescente impulsiva de 17 anos, que se apaixona por seu professor de escrita criativa do Ensino Médio, com quem se envolve sexualmente. A trama é um comentário sobre a disparidade de idade, maturidade emocional e busca por controle que leva muitos homens a se envolver com garotas mais novas, inclusive menores de idade.

Dave Grohl

Baterista do Nirvana e líder dos Foo Fighters, Grohl lançou sua autobiografia, *O contador de histórias*, em 2022. Conhecido por sua personalidade extrovertida tanto no palco quanto em entrevistas, o músico narra a própria vida, da saída da escola antes de se formar no Ensino Médio para participar de uma turnê mundial com a banda *punk* *Scream* até a transformação de seu grupo atual ao topo do mundo do rock. A literatura não é a primeira aventura de Grohl fora da música. O roqueiro já dirigiu diversos documentários: *Sound city*, sobre um dos estúdios mais emblemáticos de Los Angeles; *Sonic highways*, que narra a viagem dos Foo Fighters por importantes cidades musicais dos EUA; e *What drives us*, que acompanha duas bandas emergentes.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

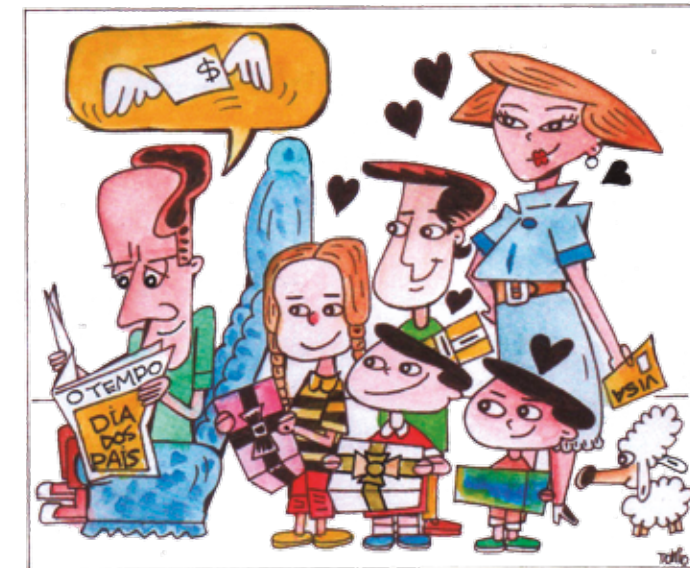
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - política; 2 - olho do pai; 3 - laço do presente; 4 - jornal; 5 - poeira do céu; 6 - boca do pai; 7 - bônco; 8 - boca do pai; 9 - coração.